



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO**

**“MINHA MÃE ERA NEGRA, MEU PAI BRANCO, NÓS
MORENOS”**: relatos biográficos de descendentes de
barbadianos no Amazonas

SANDRO AMORIM DE CARVALHO

MANAUS / AM
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO**

SANDRO AMORIM DE CARVALHO

**“MINHA MÃE ERA NEGRA, MEU PAI BRANCO, NÓS
MORENOS” : relatos biográficos de descendentes de
barbadianos no Amazonas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. José Exequiel Basini Rodriguez

MANAUS / AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C331m Carvalho, Sandro Amorim de
"Minha mãe era negra, meu pai branco, nós morenos": relatos biográficos de descendentes de barbadianos no Amazonas / Sandro Amorim de Carvalho. 2023
160 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: José Exequiel Basini Rodriguez
Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Barbados (Caribe). 2. Migração barbadiana. 3. Relatos biográficos. 4. Memória familiar. 5. Identidade narrativa. I. Rodriguez, José Exequiel Basini. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

SANDRO AMORIM DE CARVALHO

“MINHA MÃE ERA NEGRA, MEU PAI BRANCO, NÓS MORENOS”: trajetórias de vidas de descendentes de barbadianos no Amazonas

Aprovada em: ___05___/___Junho___/___2023___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Exequiel Basini Rodriguez - Presidente
Universidade Federal do Amazonas – PPGAS

Prof. Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino - Membro
Universidade Federal do Amazonas – PPGAS

Profa. Dra. Luiza Dias Flores - Membro
Universidade Federal do Amazonas – PPGAS

Prof. Dr. Héctor Eloy Rivas - Sánchez - Membro (Examinador Externo)
Center For Social Sciences/ Athabasca University/Canadá

Prof. Dr. Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares - Membro (Examinador Externo)
Universidade Federal do Amazonas - Antropologia/UFAM

Dedicatória

À **Edilce Carvalho**, esposa e companheira que se mantêm firme ao meu lado em todos os momentos.

Ao **Jessé Vitor**, meu filho, minha bênção, carne de minha carne e osso de meus ossos, que entende a necessidade de minha ausência e ainda segue meus passos.

AGRADECIMENTOS

Te Deum laudamus (A ti, ó Deus, louvamos)!

Por toda força, ânimo, inteligência, determinação, persistência, enfim, “*tudo vem de ti, nós apenas te demos o que vem das tuas mãos*” (1º Crônicas, 29.14). Não poderia iniciar de outra forma meus agradecimentos, pois creio que toda capacidade vem do Pai das Luzes, a Ele toda glória, honra e louvor.

Ao professor Dr. José Exequiel Basini Rodriguez, que se tornou mais que orientador, tornou-se um companheiro em minha caminhada acadêmica e por meio do diálogo, um amigo sempre indicando caminhos para que a pesquisa pudesse ser concluída. Além disso, aceitou o desafio de guiar-me pelos meandros da antropologia, ouvindo meus lamentos e minhas incompreensões. Sem suas orientações talvez não tivesse percorrido o caminho até aqui.

Aos colegas do Mestrado e Doutorado da turma de 2018, acompanhá-los em sala de aula serviu-me de inspiração.

Aos consultores que cooperaram com a pesquisa: Nair Chase, Elizabeth Tavares, Celia Redman, Cris Redman, Didi Redman suas falas ecoam em toda esta tese. Aos que indiretamente colaboraram com suas histórias, meu agradecimento.

Ao amigo e companheiro de pesquisa Marcos Darcheville, pesquisador incansável de suas origens, diálogo e conhecimento o resumem.

Epígrafe

Sob a História, a memória e o esquecimento.

Sob a memória e o esquecimento, a vida.

Mas escrever a vida é outra história.

Inacabamento.

Paul Ricoeur

A História, A Memória e o Esquecimento.

RESUMO

O início do século XX foi marcado por intensa mobilidade humana, período de grandes migrações. Nesse momento o Brasil recebeu imigrantes de diversos países, dentre eles Barbados, Ilha do Caribe Britânico. Para narrar este momento esta tese se inscreveu na interseção das ciências humanas e sociais, que dialogam entre si e são enriquecidas mutuamente dentro de um tópico que se vincula à mobilidade humana. Por meio das quais discuto o que aqui se apresenta em uma posição de fronteira entre esses campos de conhecimentos, onde debato a temática das imigrações, identidades e relatos biográficos com pesquisadores da história e das migrações caribenhas. Os imigrantes barbadianos chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, como trabalhadores contratados por empresas estrangeiras que atuavam em território brasileiro, originários da ilha caribenha de Barbados. A maioria deles foram contratados para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira- Mamoré, em Porto Velho (RO), porém ao final das obras dessa ferrovia alguns deles permaneceram em Porto Velho, enquanto outros destinaram-se para Manaus e Belém. As fontes dessa tese foram entrevistas com representantes de famílias descendentes de barbadianas, somando-se a elas fiz a leitura e análise de documentos para compor a parte histórica da tese. Devido ao distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, apliquei o uso de metodologia chamada de netnografia, pois parte das entrevistas foram obtidas por meio das Redes Sociais. Após o campo, analisei as entrevistas e documentos, o que permitiu concluir que os descendentes de barbadianos que vivem em Manaus estão vivenciando um momento de retornos às origens, buscando compreender a formação de suas identidades étnico-culturais.

Palavras-chave: Barbados (Caribe). Migração barbadiana. Relato biográfico. Memória familiar. Identidade narrativa.

ABSTRACT

The beginning of the 20th century was marked by intense human mobility, a period of great migrations. At that time, Brazil received immigrants from several countries, including Barbados, an island in the British Caribbean. To narrate this moment, this thesis is inscribed in the intersection of the human and social sciences, which dialogue with each other and are mutually enriched within a topic that is linked to human mobility. Through which I discuss what is presented here in a frontier position between these fields of knowledge, where I debate the theme of immigration, identities, and biographical account with researchers of Caribbean history and migrations. Barbadian immigrants arrived in Brazil at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, as workers hired by foreign companies that operated in Brazilian territory, originating from the Caribbean Island of Barbados. Most of them were hired to work on the construction of the Madeira-Mamoré Railroad, in Porto Velho (RO), but at the end of the works on that railroad, some of them remained in Porto Velho, while others were destined for Manaus and Belém. The sources of this thesis were interviews with representatives of families descending from Barbadians, adding to them I read and analyzed documents to compose the historical part of the thesis. Due to the social distance caused by the Covid-19 pandemic, I applied the use of a methodology called netnography, as part of the interviews were obtained through Social Distance. After the field, I analyzed the interviews and documents, which led to the conclusion that the descendants of Barbadians who live in Manaus are experiencing a moment of returning to their origins, seeking to understand the formation of their ethnic-cultural identities.

Keywords: Barbados (Caribbean). Barbadian immigration. Biographical account. Family memory. Narrative identity.

RESUMEN

El inicio del siglo XX estuvo marcado por una intensa movilidad humana, un período de grandes migraciones. En ese momento, Brasil recibió inmigrantes de varios países, incluido Barbados, una isla en el Caribe británico. Para narrar este momento, esta tesis se inscribe en la intersección de las ciencias humanas y sociales, que dialogan y se enriquecen mutuamente dentro de un tema que se vincula con la movilidad humana. A través de la cual discuto lo que aquí se presenta en una posición de frontera entre estos campos del saber, donde debato el tema de la inmigración, las identidades y los relatos biográficos con investigadores de la historia del Caribe y las migraciones. Los inmigrantes barbadenses llegaron a Brasil a fines del siglo XIX y principios del siglo XX, como trabajadores contratados por empresas extranjeras que operaban en territorio brasileño, originarios de la isla caribeña de Barbados. La mayoría de ellos fueron contratados para trabajar en la construcción del Ferrocarril Madeira-Mamoré, en Porto Velho (RO), pero al final de las obras de ese ferrocarril, algunos quedaron en Porto Velho, mientras que otros fueron destinados a Manaus y Belém. Las fuentes de esta tesis fueron entrevistas con representantes de familias descendientes de barbadenses, agregándoles documentos leídos y analizados para componer la parte histórica de la tesis. Debido al distanciamiento social ocasionado por la pandemia del Covid-19, apliqué el uso de una metodología llamada netnografía, ya que parte de las entrevistas fueron obtenidas a través de Redes Sociales. Después del campo, analicé las entrevistas y documentos, lo que llevó a la conclusión de que los descendientes de barbadenses que viven en Manaus están viviendo un momento de retorno a sus orígenes, buscando y reconociendo para comprender la formación de sus identidades étnico-culturales.

Palabras-clave: Barbados (Caribe). Inmigración barbadense. Relato biográfico. Memoria familiar. Identidad narrativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das Ilhas Caribenhas.....	14
Figura 2 - Mapa de Barbados.....	15
Figura 3 - Planta de Manaus de 1906	21
Figura 4 - Mapa com rotas da migração barbadiana internacional.....	27
Figura 5 - Mapa com rotas da migração barbadiana em território brasileiro.....	27
Figura 6 - Mapa da América Central e Caribe.....	58
Figura 7 - Figueira de barba ou figueira barbudo (Ficus citrifolia)	66
Figura 8 - Barbados vira República (O Estado de São Paulo)	67
Figura 9 - Bandeira de Barbados.....	68
Figura 10 - Brasão de Barbados.	69
Figura 11 - Bandeira Colonial de Barbados.....	69
Figura 12 - Notícia sobre o “Perigoso Boxeur”.....	100
Figura 13 - Notícia sobre a “Tarde Ensanguentada”	102
Figura 14 - Notícia sobre “barbadiano multado por ofensa moral.....	103
Figura 15 - Notícia sobre briga entre barbadianos.....	103
Figura 16 - Josephina de Mello.....	108
Figura 17 - Notícia sobre Doutorado de Josephina de Mello.....	108
Figura 18 - Quadro de Diretores da Escola de Enfermagem de Manaus de 1949 a 2011, com destaque para o nome de Josephina de Mello.....	109
Figura 19 - Folha de admissão de Josephina de Mello ao quadro discente da Escola de Enfermagem da USP.....	110
Figura 20 - Recorte do Jornal do Comercio sobre Ir. Helena.....	115
Figura 21 - Irmã Helena com seu apito.....	115
Figura 22 - Nair Chase recebendo homenagem.....	122
Figura 23 - Nair Chase em colação de Grau do Curso de Enfermagem.....	122
Figura 24 - Foto da Ficha Consular de Odwin Redman.....	129
Figura 25 - Curriculum Vitae de Mestre Didi Redman.....	129
Figura 26 - Gravura do Hinário: Os Cânticos do Cristo usados na Missão Bethesda, em que são apresentados Marcus E. Carver (sentado) e Juvêncio Paulo de Mello (em pé)	130
Figura 27 - Capa do Hinário: Os Cânticos do Cristo.....	132
Figura 28 - Letra do Hino Firme nas Promessas do Hinário: Os Cânticos do Cristo usados na Missão Bethesda.....	132
Figura 29 - Carteira de Enfermeira Obstétrica de Florence Alberto de Mello.....	133
Figura 30 - Leônidas e Maria Deane.....	139
Figura 31 - Leônidas e Maria Deane em seu laboratório.....	139

SUMÁRIO

SUMÁRIO	12
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA	36
1.1 APROXIMAÇÕES COM A HISTÓRIA CULTURAL E A MICROSSOCIOLOGIA	36
1.2 MIGRAÇÃO CARIBENHA: UMA VISÃO TEÓRICA	36
1.3 BIOGRAFIA: O DESAFIO DE ESCREVER UMA VIDA	49
1.4 A PRESENÇA AUSENTE DE UMA COMUNIDADE	52
1.5 FRONTEIRAS ÉTNICAS: ANTROPOLOGIA DAS DIFERENÇAS	53
CAPÍTULO 2 BARBADOS: A MAIS ORIENTAL DAS ILHAS DO CARIBE	60
2.1 RELAÇÕES CULTURAIS CARIBE/AMAZÔNIA	62
2.1.1 <i>O Caribe como construção social</i>	62
2.1.2 <i>Amazônia Caribenha e suas relações internacionais</i>	68
2.3 UM POUCO DE HISTÓRIA DE BARBADOS	69
2.4 A GEOGRAFIA E ECONOMIA BARBADIANA	74
CAPÍTULO 3 MEMÓRIA FAMILIAR ENTRE OS BARBADIANOS	76
3.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE FAMILIAR	77
3.2 FAMÍLIA EM UMA PERSPECTIVA INTERPRETATIVISTA	81
CAPÍTULO 4 INGLESES NEGROS EM MANAUS: UMA ETNOGRAFIA DA AUSÊNCIA..	84
4.1 OS BARBADIANOS NO BRASIL, UM POUCO DE HISTÓRIA	86
4.1.1 <i>Barbadianos em Belém (PA)</i>	86
4.1.2 <i>Afro-Antilhanos em Porto Velho/RO</i>	90
4.1.3 <i>Inglezes negros em Manaus: os barbadianos</i>	95
4.2 SISTEMA DE CRENÇAS	100
4.3 A PERCEPÇÃO DOS BARBADIANOS NA IMPRENSA DE MANAUS	104
CAPÍTULO 5 RELATOS BIOGRÁFICOS DE BARBADIANOS EM MANAUS	110
5.1 JOSEPHINA DE MELLO: A PRIMEIRA ENFERMEIRA DOUTORA DE MANAUS	111
5.2 HELENA WALCOTT: FREIRA E MILITANTE NA LUTA POR MORADIA	116
5.3 NAIR CHASE: ENFERMEIRA E PROFESSORA	121
5.4 ELIZABETH TAVARES (FAMÍLIA GUAITÉ THOMAZ)	128

5.5 Os REDMAN: CÉLIA, DIDI E CRIS UMA FAMÍLIA VERDE-ROSA.....	132
5.6 JUVÊNIO PAULO DE MELLO E FLORENCE ALBERTHA DE MELLO.....	136
5.7 CLEMENTE GUAIAITÉ THOMAZ: ODONTÓLOGO, PROFESSOR E MISSIONÁRIO.....	140
5.8 LEÔNIDAS DEANE: INFECTOLOGISTA E CIENTISTA.....	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	149

Figura 1 – MAPA DAS ILHAS CARIBENHAS



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/caribe-in-2022--194921490113016101/>

Figura 2 – Mapa de Barbados.



Fonte: <https://www.aventurasconsabores.com/2022/03/12/bridgetown-la-capital-debarbados/>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação. O que sinto, na verdadeira substância com que o sinto, é absolutamente incomunicável; e quanto mais profundamente o sinto, tanto mais incomunicável é. Para que eu, pois, possa transmitir a outrem o que sinto, tenho que traduzir os meus sentimentos na linguagem dele, isto é, que dizer tais coisas como sendo as que eu sinto, que ele, lendo-as, sinta exatamente o que eu senti.

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego.

“A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos”. Esta frase de Pessoa (2007), desafiou-me a escrever de modo claro e simples que os mais simples pudessem entender, ainda que passassem correndo. Era esse meu alvo, se o acertei, não sei. Mas tudo o que segue escrito ainda é a busca por acertar.

O que sinto e penso é incomunicável até que a distância diminua na medida em que me esforço para escrever é a busca por levar junto a mim os que porventura lerem essa tese aos lugares em que estive, levá-los lá, porque eu estive lá. Entretanto, traduzir pensamentos, que em minha cabeça parecem claros, em palavras que se tornam obscuras pela distância, não é tarefa de pouca monta. Mas tenham certeza os que leem, o esforço que faço é para transmitir o que sinto, para que o leitor possa sentir o que senti ao pesquisar e escrever.

É fazer do familiar, estranho, pois os consultores desta tese não vivem em lugares ermos, distantes de grandes centros, ou em meio a florestas ou ilhas distantes, eles estão aqui, entre nós, convivendo no mesmo espaço, compartilhando das mesmas angústias, semelhantes aos demais habitantes da cidade de Manaus,

quase imperceptíveis, quase invisíveis, contudo, atuantes em nossa sociedade como tantos outros que nela habitam.

Por compartilharem o mesmo espaço, os descendentes de barbadianos que vivem em Manaus também partilharam de um problema social que causa vários outros, o racismo estrutural que se encontra impregnado nas relações sociais de nossa sociedade exposto pela discriminação racial. Por isso, a afirmação: “minha mãe era negra, meu pai era branquinho, todos nós somos morenos” (TAVARES, 2021) proferida por uma das entrevistadas sobressaiu de tal forma que inspirou o título desta tese: “‘Minha mãe era negra, mau pai branco, nós morenos’: Relatos biográficos de descendentes de barbadianos no Amazonas”, por isso, abro espaço nesta tese para que minhas consultoras possam expressar-se contra o racismo estrutural e seus modos de vivência em uma sociedade desigual como a nossa.

Os eventos narrados nesta tese, ao mesmo tempo em que nos remetem à Manaus do fim do século XIX e início do século XX, nos conduzem à Manaus de nossos dias, ao encontro de famílias que se reconhecem como descendentes de barbadianos, contudo, são brasileiros, amazonenses, manauaras.

Não irei narrar exaustivamente eventos históricos, pois o foco desta tese está em fazer uma etnografia da migração barbadiana e sua contribuição no desenvolvimento da região Amazônica, com especial atenção ao Amazonas, mais precisamente a cidade de Manaus, onde vivem descendentes de migrantes barbadianos que participaram desta pesquisa.

Como encontrei essas histórias, sim histórias, porque não se trata de uma história, mas de muitas que se encontram e desencontram nas vivências nessa grande cidade que é Manaus.

Enfim, os primeiros contatos com essa temática das migrações barbadianas deram-se no Mestrado em História¹ enquanto pesquisava para a dissertação sobre o Rev. Marcus Carver, missionário protestante que fundou a igreja Anglicana em Manaus. Na ocasião estava interessado em fazer uma biografia do missionário, seus métodos evangelísticos, seus conflitos com o Catolicismo estabelecido em Manaus e

¹ A dissertação foi defendida em 2015, junto ao PPGH/UFAM com o título de “O povo do livro: uma breve história da inserção do protestantismo no Amazonas”

sua atuação juntos aos indígenas e estrangeiros que se encontrava na cidade de Manaus, dentre eles ingleses, franceses, espanhóis e caribenhos (barbadianos).

Esse último grupo de migrantes não estava, naquele momento, no foco de minha pesquisa, ainda que ligado ao meu objeto de pesquisa para o mestrado. Contudo, pareceu-me estranho que um grupo de migrantes mencionados em diversos documentos e periódicos do início do século XX não tivesse chamado atenção de pesquisadores em Manaus, como ocorrera, por exemplo, em Belém (PA) e Porto Velho (RO). Ainda que oriundos de diversas ilhas caribenhas o grupo ficou conhecido pelo nome de “barbadianos” por ser essa a Ilha mais conhecida por causa de seu porto que servia de entreposto para os navios que transitavam entre Manaus, Nova York e Liverpool.

Problematização do objeto de estudo

De início, parecia algo dado, bastava encontrar os descendentes de barbadianos e reconstituir os caminhos de seus antepassados por meio de entrevistas e documentando diversos momentos da vida deles, era necessário responder questões que deveriam ser colocadas no princípio: Houve uma imigração barbadiana para Manaus? Vivem seus descendentes em Manaus? Se os descendentes desses barbadianos ainda vivem em Manaus, desejam ser identificados desse modo? Como tem constituído suas identidades étnicas? Por que houve uma dispersão de seus descendentes? Se os descendentes se identificam como tais, como no processo de geração foram ressignificando suas identidades étnicas e culturais? como eles rememoram o processo migratório de seus antepassados?

Brasil e as grandes migrações no final do século XIX e início do XX

O Brasil vivenciou diversos processos migratórios em sua história, exemplo disso são imigrações de europeus no início do século XX, incentivada pelo Estado brasileiro que visava em primeiro lugar a substituição da mão-de-obra escrava pelo

trabalho de colonos europeus, e ainda o embranquecimento da população brasileira, política racial fomentada pela elite oligárquica brasileira. Além desse momento, na atualidade acompanhamos as migrações haitiana e venezuelana.

Porém, concomitante ao primeiro processo migratório, diga-se de passagem, uma mobilidade bem-vista e aceitável pelas autoridades brasileiras, ocorreu, no início do século XX, para a Amazônia, representada por três cidades: Belém (PA), Manaus (AM) e Porto Velho (RO), outra migração que não era promovida pelo governo, nem aceitável do ponto de vista das elites, foi a migração caribenha para essas três cidades (BLACKMAN, 2019; CARVALHO, 2016; LIMA, 2008).

Essa imigração oriunda de ilhas caribenhas deixou seus rastros que podem ser identificados atualmente nas três cidades, tem como uma de suas características não ter sido apoiada ou incentivada pelo Estado criando, portanto, uma população de migrantes indesejáveis. Trata-se de um grupo de imigrantes oriundos das ilhas caribenhas que formam as chamadas Pequenas Antilhas ou *West Indians*, antigas colônias britânicas. O trabalho de campo conduziu-me por caminhos novos que reafirmam algumas das hipóteses iniciais e negam ou contradizem outras. Contudo, o momento em que vivíamos de distanciamento social por causa da pandemia, não nos permitia um contato direto com nossos interlocutores. Antes de ocorrer o distanciamento social consegui encontrar com algumas pessoas das famílias descendentes de barbadianos, a partir desses contatos mantivemos uma comunicação por redes sociais de modo que eles foram contribuindo com a pesquisa. No decorrer do período de distanciamento as redes sociais tornaram-se instrumento de pesquisa, por meio delas obtive relatos que descrevo nesta tese.

Manaus no início do século XX: cultura e economia

Para que possamos conhecer um pouco do contexto sociorreligioso-cultural apresentamos uma breve contextualização da Manaus na época em que os barbadianos chegaram para se estabelecer e trabalhar nessa cidade. No ano de 1910, Manaus experimentava, desde a década de 1860, o forte crescimento econômico realizado pela exploração extrativista, em especial a gomífera.

Santos (2010: p. 179) indica quatro fatores que prepararam o caminho e contribuíram para que Manaus alcançasse essa prosperidade e hegemonia comercial na região amazônica, são eles:

Abertura do Rio Amazonas à navegação Internacional, em 1866; criação e estabelecimento da Alfândega de Manaus, em 1868/1869; estabelecimento de uma linha de navegação direta com a Europa, 1874; criação de linhas de navegação interna que partiam de Manaus.

Esses fatores poderiam cooperar para o incremento da economia e um aumento considerável da população. posso inferir que são esses fatores que abrem as portas para os barbadianos e outros migrantes se estabelecerem na Região Amazônica.

A fama de riquezas e prosperidade espalhou-se pelo Brasil e o Mundo e as atenções se voltaram para a cidade e, como era de se esperar, para a região Amazônica. O desejo de explorar e conquistar economicamente essa região, fez com que muitos migrassem para a região, que encantava os exploradores com promessas de riqueza e prosperidade. A população saltou de 5.081 habitantes no momento da instalação da Província para um número estimado de 38.720 habitantes, na década de 1890 (SANTOS, 2010: p. 185).

Todo esse esplendor, ainda que de caráter ilusório e limitado², conforme nos expõe Dias (2007), quando afirma que essa pujança atraía os olhares “das mais diversas nacionalidades: ingleses, alemães, portugueses, espanhóis, italianos, franceses” (DIAS, 2007: p. 35). Além desses, “levas de migrantes chegaram ao Amazonas, oriundas do Pará, Maranhão e de todo o Nordeste brasileiro” (SANTOS, 2010: p. 185).

Esses migrantes espalharam-se pelo vale Amazônico, em busca do “ouro negro”. A respeito dessa diversidade, Marcus Carver (1899: p. 2) registra sua impressão das pessoas que encontrou vivendo na cidade de Manaus, por ocasião de sua chegada à cidade no ano de 1888 (CARVALHO, 2016). Ele estimou que sua população fosse de “[...] 45.000, composta de brasileiros que são descendentes dos

² Porque nem todos usufruíam das riquezas geradas pela extração da borracha, ao contrário, a maioria dos trabalhadores que viviam da extração do látex estavam condições precárias de saúde e trabalho.

primeiros colonizadores, os portugueses, de indígenas nativos e de africanos [...] é praticamente uma mistura das raças mencionadas, por isto não há uma divisão de cor no Amazonas”³, uma visão simplista da realidade populacional da cidade, contudo que retrata a miscigenação que ocorrera na cidade de Manaus. Deste modo, ele expressa sua admiração diante da mestiçagem étnica e cultural que encontrou na cidade.

Mesquita (2006), apresenta-nos em seu livro *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*, alguns olhares de viajantes que visitaram Manaus na segunda metade do século XIX e registraram suas impressões da cidade. É o caso do naturalista inglês Alfred Russel Wallace, que esteve na cidade de Manaus, no ano de 1849. Sua descrição dos aspectos físicos da cidade não é muito animadora, uma pequena vila, entrecortada por igarapés, em terreno irregular e sem calçamento (MESQUITA, 2006: p. 29).

Com a autonomia política do Amazonas frente ao Grão-Pará alcançada em meados do século XIX, Manaus, então, passou por um processo de organização urbana e social acelerada. “A cidade sofre, a partir de 1890, seu primeiro grande surto de urbanização, isto, graças aos investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária-extrativista-exportadora, especificamente a economia do látex” (DIAS, 2007: pp. 27-28).

Em 1900, a cidade ainda conservava características observadas pelos viajantes de meados do século XIX. A cidade constituía-se sobre um terreno irregular, com seus limites demarcados por dois grandes igarapés, um a leste da cidade, o igarapé da Cachoeirinha, outro a oeste, o igarapé da Cachoeira Grande, ao norte, encontrava-se o Boulevard Amazonas, seguido pelo nascente bairro da Vila Municipal e ao sul, o Rio Negro (DIAS, 2007: p. 33; MESQUITA, 2006: p. 29). Na figura 3 podemos observar esses limites:

³ “[...] It has a population of forty-five thousand (45,000), who are the descendants of the early Portuguese colonists, the native Indians, the Africans [...] quite mixture of the races mentioned, for there is no color line on the Amazon” (CARVER, 1899: 1, TdA).

Figura 3 – Planta de Manaus de 1906.



Fonte: Retirado de: <<https://historiadoamazonas.wordpress.com/galeria/planta-de-manaos-1906/>>
Acesso em: 24 abril 2015

Marcus Carver (1899), em seu opúsculo *A short history of Bethesda Mission*, esboça sua impressão da cidade no momento de sua chegada, em 1º de janeiro de 1888. Para ele, a cidade de Manaus era, “das regiões do Brasil, o grande centro da borracha, e de onde os vapores, que sobem os rios, iniciam suas viagens”⁴ (CARVER, 1899: 1). Como todos os viajantes que por essa cidade passaram naquela época, uma das coisas que despertou a atenção de Carver foi a aparente riqueza proporcionada pela exploração da borracha.

De acordo com Dias (2007) a cidade de Manaus proporcionava um “espaço urbano [que] atrai os mais diferentes de pessoas, vindas de diversos pontos do país e do mundo e que passam a fazer parte do cotidiano da cidade, não tendo as mesmas condições de sobrevivência daqueles que vão usufruir à vida de ‘fausto’ que a borracha propicia” (2007: p. 119). Essas pessoas tornaram-se desafortunadas, excluídas e marginalizadas, a sociedade os via como ameaças à ordem pública e social, passariam a ser chamados de “classes perigosas” e as autoridades, apoiadas pelos periódicos da época, reforçavam isto com o controle de suas ações, lugares lhes eram interditados, por onde passavam eram apontados como desordeiros, por leis que eram criadas para vigiar suas vidas, seus hábitos, costumes, trabalho e lazer (DIAS, 2007: p. 119).

Esses imigrantes além de não serem bem-vindos pelo governo e sociedade, encontravam um clima diferente de seus países de origem, contraíam doenças, sua mão-de-obra era explorada, acrescentando a isso, as dores emocionais da saudade do lar, da ausência familiar, distância dos amigos, de seus costumes e cultura, de seu lugar. Tudo era novo e fonte de angústia.

Objetivos da tese

A pesquisa teve como objetivo fazer uma investigação sobre as trajetórias de vidas de descendentes de barbadianos que vivem na cidade de Manaus. Buscando identificar quem são os descendentes das famílias barbadianas que imigraram para

⁴ “This city is the center of the great rubber districts of Brazil, also the point from which all up-river steamers start for their long journeys” (TdA).

Manaus no início do século XX, especialmente, os que ainda vivem na cidade de Manaus. Além disso, procurando compreender como nessas trajetórias de vidas os descendentes foram ressignificando suas identidades étnicas e ainda, examinando se são mantidos os vínculos familiares entre os descendentes e as famílias barbadianas que migraram para Amazônia.

O contexto histórico da pesquisa ou uma história do tempo presente (pandemia) e novas metodologias de pesquisa

Pesa, ainda, sobre o desenvolvimento da pesquisa o que ocorreu durante o período de inserção no campo para a realização das entrevistas com meus consultores. O mundo se viu diante de uma situação sanitária inédita em na sociedade contemporânea, no início do ano de 2020 fomos assolados pela Pandemia de SARS-CoV-2/ Covid-19⁵, que se alastrava por diversos países e não demorou para nos atingir, distanciar-se socialmente era condição necessária para a sobrevivência diante de algo que não compreendíamos em sua extensão, famílias contemplavam assustados o desenrolar da nova condição em que nos encontrávamos, em um primeiro momento os mais afetados eram os idosos o que, de certo modo, trouxe implicações para o desenvolvimento de meu campo pois meus consultores, em sua maioria eram idosos e esses, necessariamente, tinham que se isolar para evitar o contágio e as consequências que poderiam vir. O que lamentavelmente aconteceu com alguns de meus consultores que foram a óbito por causa de complicações da Covid-19. A pesquisa de campo, desenvolvida pelos métodos e técnicas convencionais de pesquisa antropológica, tornou-se inviável naquele momento e que se estendeu aproximadamente por um ano.

⁵ SARS-CoV-2: vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus”. Covid-19: doença que se manifesta em nós, seres humanos, após a infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2. (Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>>. Acesso em: 17 mai. 2022)

Ao realizar o campo da pesquisa encontrei-me diante de novos desafios para seu processo de construção. Então, o que fazer diante dessa situação? A pandemia tornar-se-ia um impedimento para seguir adiante com a pesquisa? À medida que tínhamos que nos manter distantes do campo de pesquisa e das pessoas por causa da doença, zelar por nossa saúde e de nossa família.

Nesse íterim retomei a rotina de trabalho nas escolas em atuo como professor, atendendo aos meus alunos de modo online, uma média de treze a quinze horas diárias dedicadas aos atendimentos remotos, pois mesmo cursando o doutorado continuei atuando como professor da rede pública de ensino.

Enfim, ninguém estava preparado para esses eventos. Percebi a necessidade de fazer uso de novas metodologias que viabilizasse a realização da pesquisa de campo. Outros instrumentos se fizeram necessários, por exemplo: os meios eletrônicos e as redes sociais para dialogar com meus interlocutores, além de fazer entrevistas com meus consultores por meio delas.

Ocorreu-me que poderia haver um paralelo entre a experiência que estava vivenciando e a de Evans-Pritchard quando se encontrava entre os Nuer, a ideia de distanciamento ao qual fomos submetidos pareceu-me haver uma verossimilhança a de Evans-Pritchard (2005: p. 20) para quem da porta de sua barraca, podia ver o que acontecia no acampamento ou aldeia dos Nuer. Eu, enquanto pesquisador, tendo a necessidade de estar fechado em casa, a tela do computador ou do celular servia-me de janela para o mundo, pude ver o que se passava e conversar com meus consultores que se encontravam em suas “barracas”.

Em nossas atividades laborativas, trabalhando remotamente. As dificuldades impostas pelo distanciamento mostraram-se como oportunidades para inovar na pesquisa, pois o campo, agora, estava ao alcance de um click. A partir desse momento prossegui com o levantamento de dados e identificação dos consultores.

Aqueles com quem já havia conversado pessoalmente prossegui os contatos por meios virtuais, contudo não distantes, meus consultores e eu mantínhamos conversas que não pareciam distantes, antes tornaram-se experiências compartilhadas dentro da mesma temporalidade distendida em nós e que superava distâncias. Enquanto mantinha contato com alguns consultores da pesquisa, passei a buscar outros consultores que pudessem contribuir com informações importantes para

pesquisa. Portanto, parte das entrevistas e das fontes que obtive para esta tese foi por meio eletrônico enquanto nos encontrávamos isolados.

A partir do momento em que a doença foi controlada por meio de vacinas os encontros presenciais com meus consultores tornaram-se possíveis e as entrevistas presenciais também. Essas entrevistas juntaram-se as que eu havia obtido durante o período de quarentena. Chamo a atenção para o fato ter como principais consultoras da tese mulheres, que considero protagonistas de suas histórias e atuantes na saúde, educação, entre outras profissões. Adiante irei apresentar cada uma delas de maneira adequada.

As fontes da pesquisa

As fontes de pesquisa que utilizei, além da observação e das entrevistas, foram diversos documentos: diários de campo, gravações de áudio, jornais, cartas, fotografias e artigos que tratam da trajetória de vida de barbadianos em Manaus. Outra importante fonte foi o livro de batismo da Igreja de Confissão Anglicana em Belém que apoiava as atividades da *Egreja Evangélica de Manaós*, que representava o anglicanismo em Manaus e recebia periodicamente visitas dos líderes da Igreja de Belém.

Por meio desses documentos e testemunhos que foram obtidos mediante entrevistas semiestruturadas e não-estruturadas que foram realizadas com os descendentes que se encontram em Manaus constituí um acervo de som, imagens e textos que nortearam a escrita desta tese. Com o auxílio dos instrumentos de pesquisa contactei pessoas que possuíam traços diacríticos da cultura barbadiana, reconstituí histórias em diálogo com meus consultores, que refletem sobre suas origens e suas relações familiares com aqueles que migraram.

Nesta perspectiva o que se tornou objeto de pesquisa foram as relações sociais construídas e reconstruídas na mobilidade humana. Deixar que meus consultores discorrerem sobre suas relações sociais compreendidas em uma nova realidade social, e dos meios pelos quais eles mantêm os vínculos com o lugar de origem, as

redes sociais de acolhimento e contato e a reconstituição dessas histórias de vida. Desta forma, os imigrantes barbadianos e seus descendentes se constituíram nos meus interlocutores para a pesquisa.

Os consultores-atores sociais da tese

Os barbadianos que chegaram à Manaus agruparam-se em torno da Igreja Anglicana de Manaus, e remonta ao final do século XIX e início do século XX, eram trabalhadores oriundos de Barbados (Colônia Britânica localizada no Caribe na região conhecida como Pequenas Antilhas) e foram trazidos para a cidade para trabalhar na indústria do látex e nos empreendimentos ingleses que se instalaram em Manaus por causa do extrativismo, em Belém, que também experimentava forte desenvolvimento urbano e em Porto Velho, com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Podemos dizer que se tratava de trabalhadores sazonais contratados por temporadas e de acordo com as necessidades de empresas inglesas que estavam explorando a região Amazônica. Empresas que precisavam de mão-de-obra para colher e processar a borracha, entre outras atividades. Eles foram recrutados por empresas britânicas para trabalhar na construção da ferrovia Madeira-Mamoré em Porto Velho, que foi um importante empreendimento para o transporte na região amazônica. Ao findarem os trabalhos dessa ferrovia os trabalhadores barbadianos deslocaram-se para Belém e Manaus. Como podemos visualizar nas figuras 4 e 5, abaixo:

Figura 4 – MAPA COM ROTAS DA MIGRAÇÃO BARBADIANA INTERNACIONAL



Fonte: https://www.apolo11.com/mapas.php?mapa=mapa_mundo_16

Figura 5 – MAPA COM ROTAS DA MIGRAÇÃO BARBADIANA EM TERRITÓRIO BRASILEIRO



Fonte: https://www.apolo11.com/mapas.php?mapa=mapa_mundo_16

Aqueles que se estabeleceram em Manaus também fizeram contribuições significativas para o desenvolvimento da cidade. Muitos se tornaram empreendedores e negociantes, enquanto outros se destacaram em profissões como medicina, enfermagem, direito e educação. Infelizmente, os barbadianos de Manaus enfrentaram desafios ao longo do tempo, como a discriminação e a exclusão social. No entanto, eles buscaram resgatar suas tradições e valores para fortalecer os laços familiares tanto com seus antepassados, como com seus familiares na atualidade.

A imigração barbadiana deu-se por influência dos empreendimentos capitalistas na região Amazônica, ao chegarem à cidade de Manaus encontraram uma referência importante de sua cultura no campo religioso, um templo protestante em Manaus de confissão Anglicana no bairro da Praça 14, lugar em que se concentraram as primeiras famílias de imigrantes barbadianos (também identificados como afro-antilhanos⁶).

Tendo como autoidentificação o fato de serem súditos da Rainha Victoria⁷, falando inglês e alguns com formação acadêmica, contudo negros, e ainda que não estivessem nas mesmas condições dos negros recém-libertos, que aqui viviam em condição de ex - escravos, eram imigrantes negros em um país de mentalidade escravista e racista, condição suficiente para não terem privilégios nem serem recebidos com satisfação por parte dos governantes e habitantes da cidade de Manaus. Esses imigrantes foram atraídos pelas oportunidades de trabalho em

⁶ Cleidenice Blackman (2010), afirma que a melhor definição gentílica para os imigrantes caribenhos deve ser afro-antilhanos por serem oriundos de diversas ilhas do Caribe, no caso de minha tese identifiquei apenas migrantes de Barbados, que o gentílico correto é barbadense. Opto por continuar aplicando o termo barbadiano por ser o mais comum e usual, mesmo entre os consultores da pesquisa. Deixo para pesquisas futuras a discussão acerca desse tema.

⁷ Por ser Barbados colônia do Reino Unido a migração barbadiana aconteceu entre os reinados da Rainha Victoria (1837-1901), uma das rainhas mais lembradas do Reino Unido, Victoria, também da Casa de Hanover, governou por um longo período (64 anos, apenas superado por Elizabeth II) marcado pela segunda Revolução Industrial e pelo colonialismo. Eduardo VII (1901-1910), o primeiro rei da casa de Saxe-Coburg e Gotha, ele governou durante o início do século 20 e a competição imperialista entre o Reino Unido e a Alemanha. Jorge V (1910-1936), segundo da Casa de Saxe-Coburg e Gotha, governou durante a Primeira Guerra Mundial e renomeou sua casa Windsor. Da nova casa de Windsor, ele governou por menos de um ano antes de abdicar em favor de seu irmão. Jorge VI (1936-1952), o pai de Elizabeth II governou da Casa de Windsor durante a Segunda Guerra Mundial e se tornou um ícone do esforço de guerra britânico. Elizabeth II (1952-2022), a jovem rainha assumiu o trono aos 26 anos, após a morte de seu pai, e acabou tendo a gestão mais longa da história de seu país. (Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conheca-todos-os-reis-e-rainhas-que-o-reino-unido-ja-teve-desde-1702/>>. Acesso em: 05 de jan. 2023).

Manaus, que experimentava um período de desenvolvimento econômico por causa da exploração da borracha e um acelerado processo de urbanização. Além dos investimentos neocoloniais em Belém, Porto Velho e Manaus, que estavam passando por um intenso processo de transformação urbana recebendo importantes investimentos de capital estrangeiro, especialmente o britânico.

Havia no início da pesquisa a ideia de fazer uso do conceito de comunidade aos barbadianos em Manaus, algo que me parecia adequado ao comparar Manaus a Belém e Porto Velho, contudo percebi que esse conceito, *comunidade*, não seria apropriado para o estudo de migrantes barbadianos e seus descendentes em Manaus. No caso de Manaus não seria possível levar a pesquisa adiante a partir desse conceito.

Nos casos das cidades de Belém e Porto Velho a religião tornou-se um elo para os imigrantes, mais especificamente, a Igreja Anglicana (Belém) e a Batista e Assembleia de Deus (Porto Velho) serviram como referência para o agrupamento dos barbadianos em comunidades. De acordo com Darcheville⁸ (2023), a igreja era um centro de convergência da comunidade barbadiana em Belém, não apenas para serviços eclesiais (cultos, batismos e casamentos), mas também, para reuniões que tratavam de assuntos que envolviam o grupo, o que ocorre até os nossos dias, a igreja servia para reuniões com representantes políticos de Barbados (embaixadoras), enfim, a função social da igreja era manter a rede de sociabilidades dos imigrantes barbadianos.

Em Manaus, levando em consideração a distância geográfica, a falta de recursos financeiros, a carência de pastores preparados para atuar na cidade foram fatores que contribuíram para a dissolução da Igreja Anglicana em Manaus, acredito que essa dissolução significou a desagregação do grupo de barbadianos que viviam em Manaus naquele momento, pois ao encerrar as atividades da Igreja Anglicana os barbadianos que nela se congregavam espalharam-se por outras igrejas e outras religiões, ao contrário do que ocorreu, por exemplo, em Belém e Porto Velho, cujas comunidades barbadianas mantiveram suas tradições, práticas e representações ligadas em torno da igreja. Entretanto, essa igreja cessou suas atividades no ano de

⁸ Conversa informal com Marcos Darcheville (13 de março de 2023).

1944 (CARVALHO, 2016), desde então, os registros que foram encontrados dão conta da movimentação daqueles que eram seus membros para outras igrejas evangélicas.

Em uma perspectiva cultural a religiosidade, a língua e educação familiar poderiam tornar-se constituidoras de identidades e resistência. Compreendemos a importância sociológica da igreja enquanto comunidade concreta e inserida em uma sociedade por ela torna-se referência para aqueles que nela se congregam, sendo ela criadora de consciência coletiva que agrega seus membros em torno de crenças e representações comuns. A devoção tornou-se um elemento agregador das famílias barbadianas, fazendo-se dela uma construtora de identidades individuais e familiares, porém não abrangendo o aspecto coletivo das pessoas e ao longo do tempo a identidade religiosa dos barbadianos em Manaus tornou-se uma ação individual, conforme veremos em entrevistas de descendentes aqui apresentados.

Esse movimento de individualização religiosa aconteceu ao contrário do que houve em Belém/PA e Porto Velho/RO, nessas cidades os grupos de barbadianos estabeleceram-se nelas mantiveram suas tradições culturais e religiosas agrupando-se em torno de seus costumes e tradições. Além disso, tinham na religião um elo identitário com sua terra natal. Em Manaus isto não ocorreu, disto inferimos que o desaparecimento da Igreja Anglicana em Manaus, os barbadianos que viviam nesta cidade espalharam-se por outras denominações protestantes, sem uma igreja ligada às suas tradições culturais, alguns não seguiram os mesmos trajetos religiosos que seus antepassados tornando-se adeptos de religiões de matriz africana.

Hoje, os barbadianos em Manaus são considerados uma parte importante da diversidade cultural da cidade de Manaus e continuam a contribuir para a riqueza cultural e econômica de Manaus, por isso investiguei para esta tese como os imigrantes constroem e mantêm suas referências identitárias, como estabelecem suas relações sociais, que elementos ancoram essas identidades, elementos como língua, religião e cultura.

Percebi que a migração barbadiana se tratou de um projeto familiar em que as famílias se comprometem com um de seus membros para enviá-lo ao país de destino e este, por sua vez, compromete-se com a família para enviar recursos e, tão logo seja possível, buscar sua família e levá-la para o lugar onde o migrante se encontra como vemos nesse relato de Blackman (2019: p. 58) por exemplo:

No início do século XX, a comunidade afro-antilhana em Porto Velho acabou desencadeando de certa forma a contribuição para o equilíbrio populacional, tendo em vista que a construção da Ferrovia Madeira Mamoré era uma obra basicamente constituída pela figura masculina. No entanto foi dado o direito aos trabalhadores negros ingleses imigrantes das Antilhas de buscarem seus familiares. Conforme Hugo Ferreira 'somente a eles foi permitido trazer suas famílias' (BLACKMAN, 2019: p. 58).

A autorização atribuída aos homens casados imigrantes das Antilhas, que puderam trazer parte de sua família ao Brasil, propiciou-lhes fugir da situação difícil pela qual passavam algumas ilhas antilhanas inglesas. É importante salientar que a nenhum outro grupo foi permitido buscar familiares ou autorização ao acesso do complexo da Madeira Mamoré, salvo os agentes do alto escalão da administração.

Muitos dos imigrantes barbadianos usufruíram dessa autorização e trouxeram suas famílias, esposa e filhos, para as cidades em que estavam estabelecidos, dentre essas cidades estava Manaus para onde diversas famílias barbadianas se deslocaram após o encerramento das atividades da Ferrovia Madeira Mamoré.

Os barbadianos foram trazidos para o Brasil por empresas inglesas, que buscavam mão de obra para trabalhar na região amazônica. Eles foram contratados com a promessa de melhores condições de vida e trabalho, mas a realidade era muito diferente. Os barbadianos enfrentaram muitas dificuldades na Amazônia, incluindo doenças tropicais, trabalho árduo e discriminação.

No entanto, muitos barbadianos conseguiram se estabelecer em Manaus e em outras partes da Amazônia. Eles se casaram com pessoas locais e tiveram filhos, hoje são conhecidos como descendentes de barbadianos em bairros antigos de Manaus como Cachoeirinha, Aparecida e Praça 14, por exemplo. Os descendentes de barbadianos em Manaus e em outras cidades mantêm a conexão com a cultura e a história de Barbados. Relembam e celebram tradições e costumes barbadianos, além de resgatarem a língua e a música de seus antepassados, em uma espécie de retorno triunfal às origens.

Os descendentes de barbadianos em Manaus também são conhecidos por suas contribuições para a sociedade local. Muitos deles se tornaram empresários bem-sucedidos, profissionais de destaque em diversas áreas do conhecimento, atores

e líderes comunitários. Eles são uma parte importante e influente da cultura de Manaus e contribuem para a diversidade e a riqueza cultural da cidade.

Crítérios de inclusão e exclusão de consultores

Foram incluídos nesta pesquisa sujeitos que se autoidentificaram como descendentes de barbadianos da segunda, terceira e quarta geração. Como critério primeiro de identificação e inclusão na pesquisa, verifiquei o sobrenome da família por meio de documentos, após identificar os descendentes solicitei deles a participação voluntária na pesquisa, a qual foi aceita por alguns que tomei como consultor de referência da família a qual pertencia. Utilizei para esta identificação cadastros eclesiásticos e arquivos de famílias.

Aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa contribuíram para a identificação e o reconhecimento de um grupo de imigrantes pouco conhecidos nos meios acadêmicos da cidade de Manaus, mas que contribuiu para a formação cultural, demográfica, religiosa, educacional e política desta cidade.

Também adotei critérios de exclusão, primeiro, considerei a negativa de um sujeito ou desistência de sua participação na pesquisa, respeitando o posicionamento dos sujeitos. Em seguida, aqueles que mesmo possuindo sobrenomes semelhantes aos dos barbadianos e não se autoidentificaram como descendentes de barbadianos foram dispensados da pesquisa.

Como exemplo cito uma senhora que mesmo tendo o sobrenome “Scantelbury”⁹, cujo contato ocorreu por meio de uma rede social, rejeitou sua participação na pesquisa afirmando:

Não sou descendente, pois herdei o sobrenome da minha mãe que aderiu o referido ao longo da vida quando não havia rigor nos cartórios, ou seja, ela foi se casando (sic), e simplesmente trocando de sobrenome aleatoriamente. Tanto é que no final não existia mais o sobrenome dos seus pais. Desculpe-me por não poder contribuir¹⁰.

⁹ O sobrenome está escrito de modo diferente ao que é utilizado pela família, o correto seria Scantbelruy.

¹⁰ Conversa com consultor de referência por meio do APP Messenger, dia 17 de março de 2020, às 09h19m.

Diante desta escusa não incluí essa senhora na pesquisa, mantive apenas a exemplo do que ocorrerá com aqueles que mesmo tendo nomes e sobrenomes que se assemelham aos dos barbadianos, foram excluídos da pesquisa. Nem sempre aqueles que encontrei com sobrenomes semelhantes aos dos descendentes, eram de fato descendentes de barbadianos, por isso, não se enquadraram na pesquisa.

Os riscos aos quais os participantes da pesquisa ficaram expostos estavam relacionados a aspectos psicológicos, por exemplo: memórias e experiências que causaram algum tipo de angústia, gerando incômodo, pela saudade ou ausência de membros da família que não se encontravam mais juntos aos entrevistados. Para minimizar essa situação na condução das entrevistas e aplicação de questionários procurei um momento e local adequados para realizá-las, bem como manter juntos aos entrevistados e entrevistadas uma pessoa de sua confiança assegurando o sigilo do for tratado e de que sua identidade ao final da pesquisa seria preservada se assim for seu desejo. Outro risco na realização da pesquisa era a morte de consultores devido ao contexto da Pandemia em que nos encontrávamos, o que de fato ocorreu durante o campo e o período de levantamento de dados.

Os sujeitos dessa tese foram esclarecidos sobre os objetivos e a relevância social e acadêmica da pesquisa, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O projeto de pesquisa CAAE 15434719.0.0000.5020 foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas, com Parecer nº 3511465.

A tese está estruturada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, *Fundamentação Teórica-metodológica*, apresento os alicerces sobre os quais se estrutura esta tese, são os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa e escrita desta tese. Nesse capítulo exponho as aproximações entre a Antropologia, a História e a Sociologia. Acrescento, ainda, a discussão acerca dos grupos étnicos e suas fronteiras, a migração caribenha na visão

dos estudos culturais, a biografia como categoria de análise de trajetória de vida. Nele exponho a metodologia chamada de netnografia, cuja contribuição se tornou importante para o momento do distanciamento social. Nesse capítulo, também, narro a mudança de foco da tese, em que o conceito de comunidade foi substituído pelo de família.

No segundo capítulo, *Barbados: a mais oriental das ilhas do Caribe*. nesse capítulo descrevo características físicas, localização geográficas, históricas e econômicas de Barbados, é sua História, Geografia e Economia. A relação cultural e econômica entre a Amazônia e o Caribe. Em breves relatos que descrevem o surgimento de Barbados desde sua descoberta até aos nossos dias. Inclusive sua Proclamação da República e desligamento administrativo do Reino Unido que aconteceu em outubro de 2021.

No terceiro capítulo, *Memória familiar entre os barbadianos*. Exponho o assunto sobre família, memória familiar, memória e identidade a partir de uma perspectiva interpretativista. Apresento debate antropológico acerca das relações familiares, não enveredando pelo parentesco por ser este extenso e requerer estudos mais aprofundados. O foco do capítulo está na memória como processo de construção de identidade, pois o essa se mante pela preservação da memória familiar guardada e difundida nas reuniões familiares por aquelas que chamei de “memórias da família”.

O quarto capítulo, *Ingleses negros em Manaus: uma etnografia da ausência*. Fala da presença/ausência inglesa no Brasil e em Manaus, a presença inglesa que incomoda as elites, a presença de ingleses negros. O sistema de crenças e a percepção dos jornais de Manaus no início do século XX. Narro os casamentos e cuidados em proteger-se dentro de uma sociedade que os discriminava, e as medidas tomadas para se tornarem brasileiros.

O quinto capítulo, *Relatos Biográficos de barbadianos em Manaus*. É um capítulo importante para a tese, pois traz os relatos de vida de oito representantes dos imigrantes barbadianos em Manaus, são relatos em primeira pessoa obtidos por meio de entrevistas ou retirados de documentos que serviram de fonte para esta tese. Ele é tanto etnográfico, quanto histórico, pois nesse capítulo ouvimos nossos interlocutores narrando a si mesmos e aos seus familiares.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA

1.1 Aproximações com a história cultural e a microssociologia

Esta tese se inscreve na interseção de áreas do conhecimento das ciências humanas e sociais que dialogam e são enriquecidas mutuamente dentro de um tópico crucial que se vincula com a mobilidade humana. Coloca-se no diálogo transdisciplinar entre antropologia, história e sociologia. Por meio das quais discuto o que aqui se apresenta em uma posição de fronteira entre esses campos de conhecimentos, onde debato a temática das migrações, identidades e relatos biográficos, com pesquisadores da história e das migrações caribenhas, bem como com teóricos dos Estudos Culturais e microssociologia. Enfim, insiro-a em uma grande área que é a antropologia das mobilidades humanas, enfatizando Barbados por ser o país de origem de nossos consultores.

1.2 Migração caribenha: uma visão teórica

Segundo Stuart Hall (2003) as condições materiais da mobilidade caribenha são apresentadas por autores que tratam da história do Caribe

Contudo, seria errôneo ver essas tendências como algo singular ou não ambíguo. Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de "ser caribenho" [*West-Indianness*] que eles compartilham com outros migrantes do Caribe. (George Lamming afirmou uma vez que sua geração — e, incidentalmente, a minha — tornou-se "caribenha", não no Caribe, mas em Londres!) Existem as semelhanças com as outras populações ditas de minoria étnica, identidades "britânicas negras" emergentes, a identificação com os locais dos assentamentos, também as re-identificações simbólicas com as culturas "africanas" e, mais recentemente,

com as "afro-americanas" — todas tentando cavar um lugar junto, digamos, à sua "barbadianidade" [*Barbadianness*] (HALL, 2003, p. 27).

Nessa mobilidade as culturas vão sendo hibridizadas (CANCLINI, 1998), as identidades modificando-se, tornando-se hifenizadas e novas (SEYFERTH, 2005), novos costumes são adquiridos, novas categorias culturais são criadas, o migrante torna-se o que seu destino lhe impõe. Para Hall a cultura apresenta-se como compreensão, explicação e modelo teórico do mundo. Ele pensa a cultura a partir de sua “centralidade substantiva, ou o peso epistemológico que ela merece”; é substantiva porque ela tem “lugar [...] na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular” (HALL, 1997, p. 17). É epistemológico quando se refere “à posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização, em como a ‘cultura’ é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo” (HALL, 1997, p. 17). A cultura, portanto, é ao mesmo tempo o espaço de ação dos seres humanos e objeto de interpretação de seus símbolos. Porquanto, segundo Geertz (2013), a cultura pode ser vista

[...] como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2013, p. 10).

Por esse motivo descrevemos a relação do ser humano com a cultura em uma relação dialética, em que “ele se produz a si mesmo num mundo” (BERGER, 2011, p. 19), que para o ser humano torna-se um mundo organizado, estruturado e culturalmente estabelecido, construído pelo ser humano. Um mundo que forma os que a ele se agregam, ou por nascimento ou por decisão própria, como é o caso dos imigrantes barbadianos¹¹. Por seu caráter dialético, isto é, sua constituição de ser produzida e produtora de vivências sociais, a cultura não é um camisa de força que explica tudo, cristalizando-se, mas um modo de se viver no mundo, interpretando-o.

¹¹ Conhecidos também como Afro-antilhanos, por serem oriundos de diversas ilhas caribenhas e tratados neste texto como barbadianos por serem oriundos apenas de Barbados.

Construindo sua realidade o ser humano dá sentido à sua existência nesse mundo através da *simbologização*, termo cunhado por Leslie A. White (2009) em sua obra *O Conceito de Cultura*, significa “criar, definir e atribuir significados a coisas e acontecimentos, que não são sensoriais” (WHITE, 2009, p. 13), esse neologismo chama a atenção pela diferenciação que White faz entre os termos *simbolizar*, que é mais conhecido e comum no estudo das representações criadas pelo homem, e *simbologizar*. Enquanto simbolizar é a capacidade de criar símbolos, o termo *simbologizar* abrange essa capacidade criativa e acrescenta a capacidade de compreender os símbolos criados, os atos a eles associados e suas articulações com o mundo em que o homem se encontra inserido (WHITE, 2009, pp. 10, 11). As representações criam os símbolos, o ser cultural o interpreta e adapta à sua realidade. Esses símbolos revestem-se de especial valor para a constituição de suas identidades, pois da forma que “o símbolo é a base da cultura” (WHITE, 2009, p. 9), a cultura constitui identidades, assumidas pelo indivíduo conforme os papéis por ele desempenhado na sociedade.

Em geral o migrante tende a fazer isso, apegando-se às suas identidades culturais como se essas fossem permanentes e impermeáveis, não se abrem para as novas formas de pensar o mundo da sociedade em que ele se insere. Suas “fronteiras sejam elas geográficas ou simbólicas são *entrelugares* sociais de grande interação” (COUTO, 2016, p. 153, grifo da autora), são fronteiras para além das físicas, dinâmicas e não-essencializadas, porosas que permitem o movimento de pessoas e culturas.

Como disse antes, situei esta tese numa interlocução entre a Antropologia Social e a História Cultural, justifico essa escolha. A pesquisa histórica, a partir da década de 1930, com a *Escola dos Annales*, apresenta-se em outro paradigma epistemológico, contrário ao paradigma positivista, no qual, em nome de uma cientificidade, o documento tornava-se uma testemunha fiel do fato histórico e esse se constituía como o resgate do passado, ainda que existissem vozes discordantes, exemplo disto é “Burckhardt [que] interpretava a história como um campo em que interagiam três forças – o Estado, a Religião e a Cultura” (BURKE, 1997, p. 18-19). Essas falas discordantes ensejaram novos diálogos, especialmente com a Antropologia. Na fragmentação promovida pelo surgimento de novos campos de

pesquisa histórica estimulou-se o surgimento de novas fontes e novos objetos de pesquisa, tudo torna-se uma fonte de pesquisa, tanto histórica, quanto antropológica.

Edward Said (2007), trata a identidade como um conceito em construção, fluido, instável e inventado, construído segundo teorizações sobre as relações de poder, “em suma, a construção da identidade está ligada com a disposição de poder e de impotência em cada sociedade” (SAID, 2007, p. 442), podendo ser determinado tanto por quem detém o poder, como por aqueles que resistem às suas determinações.

Compreendendo que práticas, credos, instituições, doutrinas, assim como “os ritos, as obras de arte, os textos e seus conteúdos” (CROATTO, 2010, p. 17) em seus contextos históricos definem identidades. Lembrando que Stuart Hall (1999, p. 7) defende que o conceito de identidade é um conceito posto em causa pela teoria social que argumenta acerca do declínio das velhas identidades e o surgimento de novas identidades, fragmentadas e individualizadas, construídas pelos indivíduos em suas relações sociais.

Nessa construção social de identidades podemos falar da construção de um imaginário acerca daqueles que chegam como estrangeiros a uma cultura diferente da sua. Por isso, o imaginário mostra-se como “formas de pensar e construir representações sobre o mundo” (PESAVENTO, 2003, p. 45) desse modo o imaginário estaria na fundação da realidade social. Para o filósofo Cornelius Castoriadis o conceito de imaginário apresentado em sua obra “*A instituição imaginária da sociedade*” (1991), relaciona-se de modo estreito com a ideia de simbólico, segundo ele podemos perceber que

as profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário aparecem imediatamente se refletirmos sobre o seguinte fato: o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘exprimir-se’, o que é obvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa mais (CASTORIADIS, 1991, p. 154).

Percebemos em Castoriadis que o imaginário é algo existente, mas não se trata de uma existência autônoma, ele depende das imagens que se formam através da imaginação, imagens que estão no lugar de outra coisa, logo são representações das coisas que não estão, uma vez que “o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é [...]”

(CASTORIADIS, 1991, p. 154). Por imaginário, entendemos como a capacidade humana para criar representações do mundo, não em sentido de um mundo que não existe, mas em sentido de existência real daquilo que estrutura o mundo dentro do mundo, a cultura dentro da cultura. Este posicionamento, ainda que pareça individualista, aproxima-se daquilo que Michel Maffesoli, herdeiro da “tradição de Gaston Bachelard e de Gilbert Durand quanto à importância do imaginário na construção da realidade” (SILVA, 2001, p. 74), chamará de imaginário a ação individual que reflete o modo de pensar coletivo, da tribo, na linguagem maffesoliana. Para ele

o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É *cimento social*. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (MAFFESOLI, 2001, 76, grifo meu).

O conceito de imaginário de Maffesoli faz lembrar que a apropriação dos valores de um membro do grupo (tribos para Maffesoli) se dá pelo uso que esse grupo faz da memória para recordar, guardar, aproximar, rejeitar ou até esquecer o patrimônio cultural do grupo. Mas isto não se dá apenas de modo positivo, rememorando. Também ocorre pela perspectiva do esquecimento, quando o grupo escolhe o que lembrar e o que esquecer. Disto inferimos que o imaginário se torna importante meio para a constituição das identidades, ele como cimento social é “uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo um patrimônio de grupo (tribal); uma fonte comum de emoções, de lembranças, de afetos e de estilos de vida; um patrimônio compartilhado” (ANAZ, 2014) tanto do grupo, quanto do indivíduo.

Quando aplicamos esse conceito ao de representações identitárias percebemos como ele aproxima-se do conceito de “identidade deteriorada” de Erving Goffman (2017), a identidade deixa de ser autoidentificação, tornando-se algo heterodeterminado e imposta por aqueles que possuem o poder de dizer o que é

“normal”, seja o Estado ou uma classe social. É uma identidade estigmatizada, manipulada, colocada, estabelecida e determinada por esses detentores do poder, sejam eles os governantes da cidade com poder político, uma classe social que se impõe sobre a outra com poder econômico ou dos que detém o poder da pena, a imprensa com o poder da informação e desinformação. Como encontramos em jornais que circulavam em Manaus na década de 1920, o modo pejorativo com descreviam os barbadianos (“tição”, “cor do mal”, entre outros).

Crítico, mas não distanciado, do Interacionismo Simbólico, Erving Goffman apresenta em sua obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (2014) os modos de interação face a face, a que os sujeitos se colocam em seus jogos identitários. Goffman fazendo uso de uma linguagem teatral fala de representação no sentido de atuação diante dos interlocutores. Segundo ele “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (2014, p. 13), nesse desempenhar de papéis é que construímos nossas identidades, vamo-nos colocando diante dos outros na expectativa de que seremos tratados com a dignidade daquilo que demonstramos e representamos diante dele.

Para que a representação do *eu* seja convincente diante dos outros é necessário que o indivíduo que representa creia na “impressão de realidade que tenta dar àqueles entre os quais se encontra” (GOFFMAN, 2014, p. 29), como o indivíduo convenceria aos outros, caso ele mesmo não acreditasse em sua atuação? Por isto, ao se tentar invisibilizar o outro, a tática utilizada é desacreditar aqueles que estão envolvidos na interpretação de papéis, a isto Goffman (2017) demonstrará de que se fazem necessários desacreditar os que interpretam seus papéis, manipular suas identidades de modo que não convencerão a ninguém com suas atuações, colocar sobre eles símbolos e imagens que não pertencem ao seu próprio modo de identificar-se. Trata-se do estudo do “estigma” no processo de construção identitária, exposto por Goffman do seguinte modo,

[...] quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social” já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como ocupação. [...] Baseando-nos nessas concepções, nós as

transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. (2017, p. 12).

Na interação face a face, criamos expectativas em relação aos que interagem conosco, sobre o que nos apresentam, desconfiamos ou confiamos? De modo semelhante os outros criam expectativas a nosso respeito, porque em nossa subjetividade sabemos personagem estamos representando diante de nossos interlocutores. Nesse processo surge a identidade social que vamos mantendo ou descartando conforme as interações sociais vão acontecendo em nossa vivência.

Diante disto, Goffman apresenta os conceitos de *identidade social virtual* e *identidade social real*. A primeira trata-se de um processo de identificação fundamentado em características atribuídas que atendam a expectativa de algum indivíduo ou grupo. A segunda ocorre nas interações sociais cotidianas em que traços fenotípicos (cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz) são empregados como determinadores de identidades. Goffman propõe, a partir desta diferenciação, o conceito de estigma que

[...] será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, [...] o termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do *desacreditado*, no segundo com a do *desacreditável*. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações (GOFFMAN, 2017, pp. 13-14).

Para os que se automeiam normais, as pessoas negras são estigmatizadas congênitos, pois sua cor é marca de desidentificação e identificação, “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão” (GOFFMAN, 2017: p. 23). Contudo ao tempo em que o negro é estigmatizado por sua cor, ao que Goffman (2017, p. 14), chama de “estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”, o negro, seja ele barbadiano ou brasileiro, ele sofre com o racismo estrutural, pois, segundo Almeida (2019, p. 15) “o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que

integra a organização econômica e política da sociedade”, não sendo necessário que se conheça o desacreditável, mas por causa de sua fachada sofre a discriminação.

Entretanto, estas questões de identificação e desidentificação não foram tratadas apenas por Goffman, Stuart Hall (2018) também as discute, vale ressaltar que alguns dos exemplos apresentados por Hall em suas discussões acerca da identidade são de barbadianos que migraram para o Reino Unido.

Ao discutir questões relacionadas à identidade e subjetividade construídas no contexto globalizante da cultura Stuart Hall nos impacta com sua reflexão quando afirma que

parece tão significativo e abrangente que justifica a afirmação de que a substantiva expansão da ‘cultura’ que hoje experimentamos, não tem precedentes. Mas a menção do seu impacto na ‘vida interior’ lembra-nos de outra dimensão que precisa ser considerada: a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (2018, p. 23).

Quem somos nós diante de um processo que se apodera de tudo ao seu redor? Questão de difícil resposta para aqueles que se deslocam de seus países para outro, pois não são reconhecidos no lugar em que chegam, eles mesmos não se reconhecem diante de tantas mudanças que ocorrem, ainda que queiram fazer parte do lugar onde se encontram para não se sentirem excluídos, terminam por serem excluídos devido ao desconhecimento dos códigos culturais do novo lugar ou não lugar, como diz Augé (2012).

Como exemplo do que vem a ser essa identidade constituída, Hall nos fala da “*inglesidade*” que traz o “sentido de que representam certos elementos históricos e da atualidade que foram de fato significativos na constituição da Inglaterra, de um imaginário inglês e de uma identidade inglesa. [isto é, o que significa ser] ‘inglês’ ou ‘britânico’” (2019, 44), que podemos encontrar no contexto brasileiro a equivalente “*brasilidade*”, qualidade peculiar do que ou de quem é brasileiro. Segundo Hall ainda que seja do “senso comum, [...] serve para explicar como se forma a identidade nacional” (2019, p. 30).

Através da linguagem atribuímos significado à realidade, classificando-a. A realidade passa a ser descrita, então, através do jogo de linguagem, ganhando

contornos discursivos. Mas isto faria da realidade menos real quando não conseguimos classificá-la? De modo algum, pois o problema não estaria na existência ou não do objeto, mas na nossa incapacidade linguística de nominá-lo, permaneceria em estado existencial natural, porém destituído de significado. Somente a cultura, por meio de seus jogos de linguagem, desnaturalizaria o objeto tornando-o objeto cultural, ou seja, discursivo. Hall (2018, p. 34) conclui “As práticas sociais, na medida em que dependam do significado para funcionarem e produzirem efeitos se situam ‘dentro do discurso’, são ‘discursivas’”. Por isto ele expõe que para o interacionismo simbólico “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’” (HALL, 2019, p. 11), há um indício de que as identidades são construídas nas interações sociais, o sujeito sociológico de Hall está entre o sujeito do Iluminismo que se deixa guiar pela razão e determina sua identidade por forças externas e o sujeito pós-moderno que não possui identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito sociológico trata-se de um sujeito que ainda forma sua identidade “num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esse mundo fornece” (2019, p. 11), mas ainda é um ator social que atualiza suas identidades conforme os papéis que desempenha nas relações sociais.

Para Hall (2009) os caribenhos tornaram-se “caribenhos” em Londres, por inferência podemos pensar que os barbadianos se tornaram “barbadianos”, além disso “negros” no Brasil. Em sua nação eles eram barbadenses, gentílico pelo qual se denomina o habitante de Barbados, mas em Manaus tornaram-se “barbadianos”, figura que representa o “estrangeiro ameaçador”, o “negro insubmisso”, “o revoltoso”, insubordinado que ataca aos seus compatriotas e aos nativos com ferocidade dos animais. Imagens essas reforçadas pelas notícias dos jornais da época que os apresentava como gente sem civilização, sem educação. Estereótipos criados para desqualificá-los em um processo de subalternização em que seus direitos a fala e memória eram suprimidos enquanto suas fachadas eram rejeitadas (GOFFMAN, 2017).

Ao comentar a influência afro-brasileira na região amazônica em sua obra *Amazônia: formação cultural e social* (2009), o Prof. Samuel Benchimol manifesta como a “contribuição social, econômica e cultural do negro é sistematicamente diminuída ou menosprezada no conjunto das etnias formadoras da sociedade amazônica” (2009, p. 117). Por isto, alguns historiadores e antropólogos falam da

invisibilidade da população negra na Amazônia, havia um senso comum de que não havia negros escravizados no Amazonas, o historiador Juarez Silva (2019)¹², discutido o tema expõe que apesar da Amazônia ter tido um desenvolvimento econômico diferente do resto do país e, portanto, menor emprego de mão de obra escravizada negra, ela existiu e em números absolutos nada desprezíveis. Contudo, houve um processo de emancipações iniciado muito antes das abolições propriamente ditas em nível nacional. Isso quer dizer que já havia uma grande população negra liberta e nascida livre, quando do pré-abolição. A leitura do número de ainda escravizados como sendo o número de negros levou à ideia equivocada de baixa presença negra histórica no AM. Por exemplo, além de abolir a escravidão quatro anos antes das leis Eusébio de Queiroz (que criou a figura dos africanos livres resgatados do tráfico ilegal), sexagenário e ventre livre, o Amazonas passou por uma campanha abolicionista de mais de 16 anos produzindo alforrias até 1884. Ou seja, os escravizados libertos, no ato da Abolição da Escravidão realizado pelo Império, já eram poucos o que geraria uma leitura equivocada da presença negra na região.

Florestan Fernandes (2014) falando da realidade de São Paulo afirma que o aparente fenômeno de substituição da população negra ocorreu devido ao grande número de imigrantes europeus que chegou à cidade e à intensa mobilidade da “população de cor” (2014, p. 133).

Essa identificação por causa da cor, da cultura herdada e de sofrimento pode ser entendida a partir da afirmação de Munanga (2012) a respeito dessas identidades que vão se formando na sociedade brasileira: “A identidade afro-brasileira ou identidade negra passa, necessária e absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista” (2012, p. 6). Em uma condição em que o normal para a sociedade estruturalmente racista é que o negro seja considerado em uma condição inferior social e ontologicamente (ALMEIDA, 2019; FANON, 2008).

Goffman (2017, p. 11) inicia sua discussão sobre o estigma fazendo um breve levantamento histórico do termo “estigma”, segundo esse autor o termo surgiu na Grécia “para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou não sobre o *status* moral de quem os apresentava”

¹² Conversa informal com Juarez Silva.

(Goffman, 2017, p. 11). Eram marcas corporais feitas com cortes ou fogo em alguns indivíduos para identificá-los como escravos, criminosos ou traidores, eram indivíduos os quais a sociedade deveria evitar, que deveriam ser evitados em espaços públicos, sua presença era vista de forma negativa.

Goffman (2017, p. 55) passa a descrever os símbolos de prestígio e símbolos de estigmas que tem por finalidade transmitir informações sociais sobre os que carregam, vemos aqui como o conceito de estigma aproxima-se do conceito de racismo, pois “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 15), para Goffman esses símbolos são

os signos que transmitem a informação social variam em função de serem, ou não, congênitos e, se não o são, em função de, uma vez empregados, tornarem-se, ou não, uma parte permanente. (*A cor da pele é congênita; a marca de uma queimadura ou mutilação é permanente, mas não congênita; a cabeça raspada de um presidiário não é nem uma coisa nem outra.*) Mais importante ainda, deve-se assinalar que os signos não permanentes, usados apenas para transmitir informação social, podem ou não ser empregados contra a vontade do informante; quando o são, tendem a ser símbolos de estigma” (GOFFMAN, 2017, pp. 55-56, grifo meu)

Como exemplo dessa sua afirmação Goffman (2017, p. 56) apresenta o seguinte caso

Na obra *American Notes* escrita com base na sua viagem de 1842, Dickens registra em seu capítulo sobre escravidão alguns exemplos de jornais locais que informavam sobre escravos perdidos e encontrados. As identificações contidas nesses anúncios fornecem uma gama completa de signos de identificação. Em primeiro lugar, há características relativamente estáveis do corpo que, no contexto, podem, conseqüentemente, fornecer uma identificação positiva parcial ou completa: idade, sexo e cicatrizes (resultantes de ferimentos a bala ou a faca, de acidentes e de açoite). Também se dá o nome reconhecido pelo escravo, embora geralmente, é claro, só o primeiro nome. Por fim, são frequentemente citados símbolos de estigma, notadamente as iniciais gravadas a fogo e a falta de orelhas. Esses símbolos comunicam a identidade social do escravo mas, ao contrário dos grilhões de ferro em torno do pescoço ou da perna, comunicam, também, algo mais que isso, ou seja, a posse por um senhor em especial. As autoridades têm, então, duas preocupações em relação a um negro apreendido: saber se ele era ou não um escravo fugido e, se o fosse, saber a quem pertencia.

Racismo por causa de sua cor, de seu estigma congênito por serem impostos aos negros contra sua vontade nas palavras de Goffman (2017, p. 14), um sinal que

os impede de serem vistos como pessoas, uma vez que o estigma desumaniza o estigmatizado representando-o em figuras animais, na construção da identidade, pois não sabem como serão percebidos pelos outros o que lhes causa insegurança quanto à condição, como diz Goffman (2017, 23) “a incerteza quanto ao status, somada à insegurança em relação ao emprego, prevalece sobre uma ampla gama de interações sociais”, para ele a condição de um cego ou aleijado assemelha-se a do jovem negro de pele clara e do migrante de segunda geração diante de novos contatos, pois todos se enquadram na categoria de desacreditáveis. Cida Bento (2022) narra um episódio em que seu filho ouve um comentário de um colega de escola sobre os negros que deveriam ter vergonha de serem descendentes de escravos, para a vergonha deveria ser do menino de que repetia um estigma criado por ancestrais para hierarquizar e diferenciar os seres humanos, entre negros e brancos, portanto reproduzindo seu passado colonial. Como indica a fala de uma de nossas consultoras em que por serem negros tem que trabalhar mais que os outros para “provar” sua capacidade profissional e de caráter para poder superar a desconfiança das pessoas ao seu redor¹³.

Ao pensarmos como nossos consultores colocam-se na sociedade manauara percebemos que permanece a diferenciação imposta pelo racismo. Por isso, pensar a noção de pessoa para a antropologia é importante, pois, uma vez que o racismo desumaniza o ser humano comparando-o a animais ou feras, como veremos nos jornais, ele também retira direitos desses seres humanos. Para pensarmos o conceito de pessoa tomo a posição de Roy Wagner que invoca o conceito matemático da fractalidade¹⁴ para explicar sua concepção de pessoa, como vemos a seguir.

Uma pessoa fractal nunca é uma unidade em relação a um agregado, ou um agregado em relação a uma unidade, mas sempre uma entidade cujas relações estão integralmente implicadas. Talvez a ilustração mais concreta da relação integral venha da noção generalizada de reprodução e genealogia. As pessoas existem do ponto de

¹³ Entrevista com Celia Redman em 07 de abril de 2020.

¹⁴ “Fractais constituem padrões ou formas cujas partes ressoam no todo. Podem ser representados por objetos geométricos divisíveis em partes que, por sua vez, são similares ao formato original. Possuem detalhamento infinito, pois cada uma das partes pode ser dividida em subpartes que mantêm a geometria inicial. Assim, os fractais podem ser obtidos por meio da repetição de um padrão geométrico, mediante um processo iterativo. A geometria dos fractais tem aplicações em diversas áreas do conhecimento e pode ser usada na compressão de imagens, no estudo de interações interculturais, na análise de órbitas dos planetas e no desenvolvimento de antenas para telefones celulares” (KIMURA, 2005).

vista reprodutivo ao serem “gestadas” como parte de outra pessoa, e “gestam” ou engendram outras ao se tornarem “fatores” genealógicos ou reprodutivos dessas outras. Uma genealogia é, pois, um encadeamento de pessoas, como, de fato, as pessoas seriam vistas “brotando” umas das outras em uma representação cinemática acelerada da vida humana (WAGNER, 2011).

A pessoa como ser humano e a pessoa como linhagem ou clã são igualmente seccionamentos ou identificações arbitrários desse encadeamento, diferentes projeções de sua fractalidade. Mas disso decorre que o encadeamento por meio da reprodução corporal é, ele mesmo, apenas uma entre as inúmeras instanciações da relação integral, que também se manifesta, por exemplo, no caráter comum da linguagem compartilhada (WAGNER, 2011, p. 4).

Por este motivo, entendi que esta pesquisa além de analisar antropológicamente a trajetória de vida migrantes barbadianos em Manaus e seus descendentes, fazendo um levantamento histórico da primeira geração que migrou para Manaus e identificando seus descendentes em nossos dias, deve pensar as relações sociais nas quais foram inseridos os primeiros imigrantes barbadianos e, em seguida, seus descendentes. A pesquisa, portanto, consiste em contatar pessoas, reconstituir histórias de modo dialógico, em que os que busco conhecer tornam-se os interlocutores da pesquisa, pois uma vez que são sujeitos que narram a si mesmos, não podem ser tratados como simples objeto de pesquisa.

Nessa mudança de perspectiva, o que se tornou objeto de pesquisa realmente foram as relações sociais construídas e reconstruídas na mobilidade humana. As novas relações sociais, uma nova realidade social, a busca por manter os vínculos com o lugar de origem, a visão da migração pelos migrantes, a luta por direitos no lugar de acolhida, as redes de acolhimento e contato e a reconstituição dessas histórias de vida, estes sim são os objetos de pesquisa. Os imigrantes e seus descendentes são meus consultores, partícipes atuantes desta tese.

1.3 Biografia: O desafio de escrever uma vida

Um gênero controverso na produção acadêmica, seja entre os antropólogos ou entre os historiadores, é o gênero biográfico. Este gênero é posto em causa pelos historiadores por sua proximidade com a Literatura e pelo modo como era empregada pela historiografia clássica cuja função era destacar o indivíduo que movia a História, por isso a biografia se tornaria um modelo não confiável de escrever a História. Na análise que se elabora aqui, aplica-se a biografia como metodologia para examinar a trajetória de vida de nossos consultores.

Na antropologia Roberto Cardoso de Oliveira (1988) defende que a investigação etnográfica a partir de uma fusão de horizontes do pesquisador /pesquisado é marcada por historicidade e dialética intersubjetiva em que o pesquisador não se exclui da temporalidade e do contexto social em que se encontra o pesquisado, para Oliveira (1988) essa fusão

revitaliza o pesquisador e o pesquisado enquanto individualidades explicitamente reconhecidas, uma vez que a própria biografia deste último pode ser a autobiografia do primeiro. E ao apreender a vida do Outro (indivíduo, grupos ou povos), o faz em termos de historicidade, num tempo histórico do qual ele próprio, pesquisador, não se exclui. A intersubjetividade, a individualidade e a historicidade parecem circunscrever a nova antropologia (OLIVEIRA, 1988, p. 70).

Portanto, a biografia não está restrita ao campo da história, ao contrário, a antropologia faz uso dessa metodologia e torna-se reflexiva à medida que o antropólogo se descortina ao descortinar seus interlocutores. E nesse diálogo há uma intersubjetividade, uma conversa por meio da qual as distâncias entre os falantes são encurtadas e toma-se consciência de suas historicidades, tornando-os abertos as intenções de seus interlocutores, é estar engajando em uma conversa que gere fatos férteis para o conhecimento do ser humano (CRAPANZANO, 1991).

Borges (2011, p. 203), apresenta-nos a biografia como um gênero ao mesmo tempo com grandezas e misérias, fecundo e limitado, “problemático”, duvidoso e confuso. Então, por que lançar mão de um método tão ambíguo? François Dosse (2009, p. 18), comentando o posicionamento de Philippe Ariès sobre esse gênero

reponde: “A leitura de *Vidas* pode ser encarada como uma *ars Moriendi* [arte de morrer], um modo de familiarizar-se com a morte, de aceitá-la pondo-se no lugar daqueles que desapareceram” (Dosse, 2009, p. 18, grifo do autor).

O desafio de escrever uma vida, para usar os termos de Dosse (2009), é resultado do desafio de colocar-se por meio da memória no lugar daqueles que se foram e que foram silenciados ou esquecidos em um passado desconhecido e anônimo acessível apenas por seus rastros deixados em documentos e testemunhos dos que os conheceram que se tornam fontes, ainda que parciais, e permitem o acesso aos fragmentos (vidas) do passado, nos quais podemos reconhecer “a competência própria às testemunhas, sua capacidade de descrever e, portanto, de explicar os acontecimentos que vivenciaram” (DOSSE, 2009, p. 246).

A escolha desse gênero por se encontrar na interseção das ciências sociais e humanas, por contribuir para a produção antropológica e historiográfica. Para Bragança (2012, p. 37) “a história de vida apresenta-se, em primeiro lugar, como *prática social* e aparece na transmissão/recriação da cultura, por meio das narrativas de pais para filhos, das histórias da família – são as práticas intergeracionais de comunicação do testamento construído” pelas famílias.

Conforme nos apresenta Dosse em sua obra *O Desafio Biográfico: escrever uma vida* (2009), cujo conteúdo analisa historicamente as produções biográficas, as diferentes publicações em seus contextos de produção e o modo como o historiador profissional relaciona-se com o método biográfico, este gênero é “um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente da epistemologia de sua disciplina, a história” (DOSSE, 2009, p. 18).

Dosse apresenta-nos três modos ou períodos de produzir uma biografia: a biografia heroica, a biografia modal e a idade hermenêutica. Em relação ao período da biografia heroica, Dosse o expõe como uma análise histórica das vidas exemplares das grandes personagens que existiram e suas vidas servem de modelo a fim de ensinar a humanidade como ela deveria viver e portar-se. Esse tipo de biografia ressalta as qualidades morais do herói, do protagonista do enredo, da grande personagem que move a História, esse modelo não nos serve para a análise que fazemos nesta tese.

O segundo modo de se escrever biografia é a modal. Na biografia modal busca o indivíduo que servirá de exemplo da organização da sociedade na qual ele encontra-se inserido. A vida da personagem possibilitaria uma análise sofisticada da mentalidade da época, suas contradições e suas especificidades.

Nenhum dos dois modos de se fazer uma biografia atende à nossa demanda etnográfica, por isso recorro a Dosse (2009) para aplicar o terceiro modo ou período de se fazer uma biografia denominado idade hermenêutica. Esse modo está ligado sobretudo à singularidade individual, à reflexão sobre as heterogeneidades, às identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória, que não é mais linear e centralizada, mas apresenta reentrâncias e singularidade. Segundo François Dosse (2009, p. 359), a idade hermenêutica caracteriza-se pela: “[...] variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permitem chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas”, como é o caso de minhas consultoras e meus consultores.

De tal modo, o método biográfico hermenêutico exposto por Dosse aproxima-se de outro campo/método da história conhecida como micro-história, isto é, uma redução na escala de investigação de vidas consideradas anônimas. Esse movimento resgata o indivíduo anônimo que havia sido esquecido ou abandonado tanto pela História como pela Antropologia, porém, segundo Dosse (2009, p. 241), esse mesmo indivíduo outrora silenciado, e que “fora até então uma variável a ser eliminada do discurso erudito”, retorna e toma seu lugar como personagem importante da história, sendo resgatado “primeiro [pelos] sociólogos, depois os historiadores se esforçaram para reabilitá-lo como ator, como entidade pertinente às suas pesquisas” (DOSSE, 2009, p. 241).

E eu diria que na sequência desse resgate ontológico do micro-ator-social foi a vez da Antropologia executar esse giro hermenêutico microanalítico. Para Mariza Peirano (2006), há o ressurgimento de um interesse por Weber “tornando possível o intento de compreender as singularidades das condutas histórico-culturais” (PEIRANO, 2006, p. 103) o que para ela seria a soma de uma “microetnografia com uma macrossociologia, de modo que o evento circunstancial a ser analisado lance luz sobre os processos e categorias sociais mais amplos” (PEIRANO, 2006, p. 103).

Matthias Finger (apud DOSSE, 2009, p. 249) sugere que a abordagem biográfica “fundada numa hermenêutica do sujeito moderno [transformou] o sujeito em

objeto de estudo”, através das pesquisas sociológicas a biografia angariou valor heurístico e nesse processo hermenêutico o social pode ser lido através do individual, uma vez que o indivíduo interagindo com outros constroem uma rede de sociabilidades que exemplificam a transição de uma sociedade, seus conflitos, suas representações e imaginários, pois “o relato biográfico mostra uma interação que ocorre por intermédio de uma vida” (DOSSE, 2009, p. 249) que pode ser interpretada e demonstrada na sua individualidade, elementos do social no qual se encontra inserida.

Outrossim, Observar a trajetória de vida de um indivíduo e, por meio dela, conseguir entender uma época, ainda que parcialmente, é uma excelente experiência de pesquisa. Perceber que as relações sociais, os conflitos, as desigualdades, o universal que se encontram no particular e vice-versa faz com que seja maior o empenho em investigar e conhecer fontes disponíveis e buscar outras que esclareçam ainda mais o objeto de pesquisa, o ser humano que age e em sua ação, constrói a si mesmo e a sociedade.

1.4 A presença ausente de uma comunidade

Percebi que a partir do conceito inicial de comunidade, no sentido de espaço de referência, não seria possível levar a pesquisa adiante, pois não há em Manaus atualmente uma comunidade barbadiana que justifique o uso desse conceito, percebi que havia uma presença ausente dessa comunidade, os consultores da pesquisa referenciavam outras famílias e indivíduos descendentes de barbadianos, contudo eles não partilhavam de referências comuns, a não ser o fato de serem descendentes de barbadianos. Nesta perspectiva abandonei a ideia de buscar por uma comunidade e passei a buscar por famílias descendentes de imigrantes barbadianos em Manaus.

Os barbadianos em Manaus como comunidade física posso afirmar que não existem, pois os encontrei dispersos pela cidade sem que houvesse um núcleo ou centro em torno do qual se agregassem para recordar suas origens geográficas ou suas identidades étnicas. Contudo, como comunidade ausente fisicamente, mas

presente pelas referências aos antepassados que orbitam seu imaginária, eles existem, estão ocupando um espaço considerável em nossa sociedade, são famílias compostas por cidadãos que constituem famílias e se agregam em torno de costumes em comum. Seria, portanto, imprudente de minha parte como pesquisador dizer que são uma criação de minha mente, enquanto pesquisador posso pensá-la, imaginá-la, contudo não em sentido fictício pois a meu ver essa comunidade está aí, espalhada pela cidade, existindo em famílias que mantêm suas tradições seja por meio de uma louça de um aparelho de jantar, ou uma lembrança, ou uma planta. Na memória dessas pessoas seus familiares não existiram em um passado distante, eles ainda existem em suas conversas à mesa, em encontro familiares, nas pequenas tradições mantidas em família.

Conforme podemos observar, as pesquisas desenvolvidas até o momento cobrem a presença barbadiana nas cidades de Belém e Porto Velho, e ainda que sua presença em Manaus seja citada em várias delas, não foi realizada uma pesquisa consistente que dê conta da presença barbadiana nesta cidade e sua contribuição para a formação da sociedade amazonense. Como lembra Couto (2016) “destas capitais, a única que não tem um estudo mais aprofundado sobre a presença desses imigrantes é Manaus” (2016, p. 159). Por isto, esta tese se coloca nesse espaço em busca de tornar visível as trajetórias de vidas de meus consultores.

1.5 Fronteiras étnicas: antropologia das diferenças

As pessoas deslocam-se por diversos motivos, busca por melhores oportunidades de trabalho, refugiados políticos, desastres naturais, guerras, enfim as mais diversas causas são motivadoras do movimento humano pelo mundo, em especial, a migração caribenha para o Brasil. Para Hall (2003, p. 28) “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão”. Algumas dessas causas da migração foram fatores determinantes da movimentação

barbadiana de que trata esta tese. Diante dessa movimentação é importante falar das fronteiras.

Essas fronteiras étnicas, como quer Barth (2012), elas são limites simbólicos ou físicos que separam diferentes grupos étnicos. Essas fronteiras podem ser baseadas em uma variedade de fatores, incluindo língua, religião, cultura e história. As fronteiras étnicas podem ser estabelecidas por uma série de razões, desde a necessidade de autodeterminação e preservação cultural até a exploração econômica e a dominação política. Elas podem ser construídas de maneira consciente ou inconsciente e podem mudar ao longo do tempo (PIMENTEL, 2021).

As fronteiras étnicas podem ser influenciadas por uma série de fatores históricos e culturais. Por exemplo, a colonização de um país por um grupo étnico dominante pode levar à criação de fronteiras étnicas, à medida que o grupo colonizador estabelece sua presença e dominação. Da mesma forma, a migração de grupos étnicos em um país pode levar à formação de fronteiras étnicas à medida que os grupos se estabelecem em diferentes áreas geográficas, elas são um aspecto importante da dinâmica social e política em muitas partes do mundo. Elas podem ser influenciadas por uma série de fatores históricos, culturais e políticos, e podem ter efeitos positivos e negativos sobre os grupos étnicos envolvidos.

Fronteiras, sejam elas físicas, simbólicas ou ideológicas, são impostas, arbitrárias e desencontradas na realidade. Lugar de disputas e conflitos socioculturais de diferenciação, de separação entre o nós e os eles. Um dualismo reinante em um território, mas também sobre os modos de sociabilidade existentes nesses territórios. Suas existências são estabelecidas por aqueles que tomam para si o poder de determinar quem está apto ou não para viver dentro de suas delimitações.

Na mobilidade humana as fronteiras se ampliam, diluem-se, desaparecem, ressurgem, são fluidas, são móveis, assim como os são aqueles que as ultrapassam ou levam consigo para onde se deslocam, ainda que na maioria das vezes não estejam conscientes das consequências de sua movimentação, os envolvidos nessa trama do mundo da vida não são meros expectadores da realidade que os envolve, são atores que reelaboram essa realidade e a seu modo a modificam.

Marc Augé (2010, p. 15, 16), ao definir a “mobilidade sobre moderna [como um conceito que] designa a superabundância de causas que complica a análise dos

efeitos” argumenta que tudo está em deslocamento, ainda que não se desloque, trata-se de uma desterritorialização e um individualismo em que nada se encontra fixo, nem as fronteiras. Para Augé as fronteiras são “boas para pensar” (2010, 19) por se encontrarem no centro da atividade simbólica, por atribuírem sentido ao mundo em que vivem aqueles que são diferenciados por elas, por torná-lo habitável. As fronteiras em nível micro, tanto físicas quanto simbólicas, que ocorrem no interior das grandes cidades onde “opõem-se os bairros ricos aos bairros ‘difíceis’, e é toda a diversidade do mundo, e são também todas as suas desigualdades que aí se encontram” (AUGÉ, 2010, 21), nos bairros “difíceis” vivem as “pessoas difíceis”, os indesejáveis, são fronteiras que separam os “maus” dos “bons”, são fronteiras que demonstram as desigualdades do mundo, são os muros (barreiras literais ou figuradas) que separam costumes dentro de seus limites, mas, principalmente, os pobres dos ricos. Essa separação ocorreu com os imigrantes barbadianos à medida que foram chegando à cidade de Manaus foram sendo empurrados para localidades distantes do Centro urbano, como os bairros que aqui já citei: Praça 14, Cachoeirinha e Vila Municipal. Chamo atenção para o fato de que no início do século XX, essas localidades não possuíam a estrutura que existem hoje, eram lugares distantes e desprovidos de elementos básicos para o sustento da vida diária.

Atualmente são essas as tragédias as quais estão sujeitos os que migram, por qualquer que seja a motivação. A desigualdade migra, a pobreza migra, o preconceito migra, além deles levarem consigo esses problemas sociais, essas dificuldades também já se encontram a espera dos migrantes no lugar para onde estão se deslocando. Essas condições materiais de existência conflituosa já estão estabelecidas nas relações sociais entre as pessoas nos países e cidades para onde o migrante se desloca, os migrantes vão se encontrando com elas aonde quer que eles cheguem. As pessoas são territórios em permanente mobilidade! Por isso a mobilidade produz territórios, e esses são colocados em disputa, tanto pelos que migram, como pelos locais que habitam esses espaços.

Esses sujeitos históricos que se encontram nessa condição de migrantes podem ser identificados como *Outsiders*, conceituados por Becker como “alguém que não está relacionado com ou é admitido em uma associação, conjunto ou grupo particular” (1977, p. 53), esses *outsiders* são classificados por marcadores sociais como raça ou gênero, para que aqueles que estabelecem as regras de conduta social

possam excluí-los socialmente, sendo que essas regras podem ser imposta pelo poder de polícia do Estado ou pelo consenso de membros de grupos que querem a aplicação da regra aos que se colocarem em relação com o grupo. O “marginal” ou “desviante” não se vê assim, por isso busca dentro do próprio grupo o reconhecimento de sua identidade e ao ser legitimada pelo grupo, supera o desvio e a marginalidade¹⁵. O desvio dos padrões estabelecidos pela sociedade, segundo Becker (1977), é visto algumas vezes como doença que desestabiliza a sociedade. Becker, entretanto, aponta como falha esse posicionamento por não oferecer segurança na decisão do “que é funcional e o que é disfuncional”. Para esse sociólogo, o desvio seria “o fracasso em obedecer às regras do grupo” (BECKER, 1977, p. 58-59). Por isso, esses excluídos da sociedade seriam excluídos pelo fato de não se enquadrarem na sociedade para onde migraram, nesse sentido, os responsáveis pela rejeição são próprios migrantes que não sabem obedecer e não a sociedade que os recebe com preconceito e discriminação. Os migrantes seriam a doença, como quer Bercker (1977) e o modo como são tratados pela sociedade de destino teria a cura, a obediência às leis e normas sociais imposta por ela, o que implicaria em um abandono da cultura de origem para serem aceitos na cultura de destino. Como vemos em nossos consultores abandonando a língua e os costumes de sua cultura de modo a se inserirem na sociedade para a qual migraram.

O migrante carrega consigo suas fronteiras, aonde ele chegar seus limites já estarão estabelecidos, precisamente pelos Estabelecidos do lugar, que para o migrante, que será sempre o *outsider*, será o não-lugar, onde as duras realidades da cidade mundo se reencontram, onde as diferenças e desigualdades são afrontosamente expostas. O fato é que as fronteiras se reafirmam “constantemente sob formas enrijecidas, que funcionam como interditos e provocam exclusões” (AUGÉ, 2010, p. 23).

As fronteiras retiram o direito à mobilidade e impedem que os migrantes sejam vistos como seres humanos, possuidores de direito, o migrante é o ser interdito, aquele que não se realiza enquanto ser humano, enquanto ser que possui direitos, porque esses não lhes são concedidos pelos que estão no local de chegada, as fronteiras simbólicas, acompanhadas da violência tanto física quanto simbólica

¹⁵ Por marginal, Becker entende como aquele que se encontra nas margens “em relação a fronteiras ou limites socialmente estabelecidos” (1977, p. 53).

impedem essa realização do migrante em ser humano. Essas fronteiras jamais desaparecem, elas são redesenhadas, modulam-se de acordo com os avanços ou retrocessos nas ações daqueles que as demarcam.

Conhecido como período de grandes migrações, o último quarto do século XIX e início do século XX foi marcado por intensa mobilidade humana, nesse período o Brasil recebeu da Europa numerosas levas de imigrantes, contudo não foi apenas do Velho Continente que isso ocorreu, igualmente, houve grande mobilidade das diversas ilhas do Caribe para o Brasil, especialmente a Amazônia.

Da imigração caribenha enfatizo a imigração conhecida por “barbadiana”¹⁶ para Manaus. Para situar historicamente essa migração, neste capítulo apresento aspectos históricos da ilha de origem dos migrantes barbadianos para a Amazônia brasileira, com foco na cidade de Manaus, no final do século XIX e início do século XX. Ainda que para a Amazônia tenham vindo imigrantes de diversas ilhas caribenhas, identifiquei que a origem dos imigrantes que vieram para Manaus é Barbados.

O trabalho de campo, imprescindível à antropologia, além de me conduzir por caminhos que reafirmaram algumas das hipóteses iniciais, negaram ou contradisseram outras. A observação participante tornou-se um desafio para ser realizada, pois quando iniciava o campo e realizava os primeiros contatos pessoais com meus consultores passamos a viver isolados socialmente¹⁷ e distanciados por causa da pandemia que não nos permitia contato direto uns com os outros. Nossas vidas pararam de repente, nossas temporalidades já não eram as mesmas, parecíamos estar em um mundo que estava virado às avessas.

Antes de ocorrer o distanciamento social consegui encontrar com algumas pessoas das famílias descendentes de barbadianos. No decorrer do período de distanciamento as redes sociais tornaram-se instrumento de pesquisa, por meio delas

¹⁶ Nome genérico pelo qual ficaram conhecidos os imigrantes caribenhos procedentes de diversas ilhas do Caribe (Barbados, Granada e Santa Lúcia), inclusive da Guiana, países que fazem parte do Caribe Anglófono, e vieram para o Brasil no início do século XX.

¹⁷ O distanciamento social foi a medida adotada pelas autoridades sanitárias do Brasil para tentar conter o avanço da doença COVID-19 transmitida pelo Corona Vírus, seu início ocorreu na cidade de Manaus em 17 de março de 2020. No momento em que escrevo esta nota é o dia 01 de julho de 2020, ainda nos encontramos em isolamento, porém alguns setores da economia local foram autorizados retornar gradualmente às suas atividades. Contudo, devido ao alto índice de contágio e risco que o vírus oferece aos que são infectados não é possível fazer as visitas pessoalmente para realizarmos entrevistas, especialmente às pessoas que se enquadram nos grupos de risco: idosos, diabéticos e hipertensos.

obtive relatos que descrevo abaixo. Esta situação, separação forçada e isolamento com distanciamento social, levou-me a pensar a questão do método e à encruzilhada: parar a pesquisa ou continuar à distância, como tantas outras coisas que estávamos fazendo nesse momento. Pois bem, pensando na recomendação de Mariza Peirano (2014) acerca da etnografia quando afirma que

desse episódio fica claro que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar porque alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (2014, p. 379).

A ideia de método etnográfico é problemática, não existe um método etnográfico, o que existe é algo arbitrariamente chamado de etnografia pelos antropólogos. Por esse motivo busquei metodologias que permitissem realizar o campo, ainda que à distância fosse capaz de realizar a etnografia de meus consultores. Considerei, então, a possibilidade de continuar a pesquisa do modo que fosse possível, pois as pessoas com quem estava dialogando, os consultores da pesquisa, e sobre os quais estava escrevendo, percebi que eles já não estavam tão distantes como antes, afinal elas estavam na mesma cidade que eu e não em uma ilha distante, agora elas estão a um clique de distância, minha ilha era minha casa e minha cabana minha sala de estudos, a janela pela qual podia “vê-los e encontrá-los” era a tela de meu computador, isto me conduziu a considerar a netnografia¹⁸ como metodologia de pesquisa para o momento em que nos encontrávamos, acompanhando conversas via aplicativos¹⁹ que se tornaram os instrumentos por meio dos quais as entrevistas foram realizadas. Não se tratava de substituição da etnografia tradicional, mas de uma adaptação da forma que se realiza a observação e as entrevistas. Não era substituição, explico: a partir do momento que podemos nos aproximar novamente consegui realizar encontros pessoais com duas importantes

¹⁸A etnografia virtual (HINE, 2000), conhecida como webnografia, ciberantropologia, netnografia, etnografia digital, dentre outras, estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes” (MERCADO, 2012, 169).

¹⁹São aplicativos populares e bastante difundidos na sociedade, de fácil acesso a qualquer pessoa que possua um aparelho celular e acesso à internet, são eles: WhatsApp, Facebook, Messenger e ligações telefônicas.

interlocutoras²⁰ que podem ser identificadas como “memórias de família” devido ao fato de terem elas em sua posse fotografias e conhecimentos de suas e de outras histórias das famílias barbadianas.

O campo foi realizado de modo híbrido²¹, ainda que mediado por tecnologia da informação, enquanto ferramentas que trouxeram para o meu lado aqueles que estavam distantes, meus consultores, pessoas que queriam narrar suas histórias, compartilharem suas memórias, enfim, queriam deixar os vestígios de suas existências e os caminhos pelas quais foram construindo e reconstruindo suas trajetórias de vida, queriam se fazer lembrar ainda que não estivessem presentes, ainda que ausentes, fazer de suas ausências presenças por meio de registros como esse que nesta tese.

²⁰ As duas interlocutoras são: Nair Chase da Silva e Elizabeth Tavares (que por motivos explicados acima não tem sobrenome barbadiano, mas é neta e filha de barbadianos). Tive oportunidade de ser recebido em suas casas tanto para conversas informais como para entrevistas em profundidade, elas são duas importantes cooperadoras dessa pesquisa.

²¹ Termo popularizado no período da pandemia e indicava os modos de fazer das atividades diárias de estudos ou trabalho.

CAPÍTULO 2 BARBADOS: A MAIS ORIENTAL DAS ILHAS DO CARIBE

*A cultura é historicamente reproduzida na ação.
A cultura é alterada historicamente na ação*

Marshall Sahlins

Barbados é uma pequena ilha caribenha situada a leste das Ilhas de Sotavento²². Acredita-se que a ilha tenha sido descoberta pelos índios aruaques, que migraram para a ilha a partir da América do Sul por volta do ano 800 d.C. A ilha recebeu o nome de "Los Barbados" pelos portugueses, que a visitaram pela primeira vez em meados do século XVI. O nome significa "barbudos", em referência às figuras esculpidas com barbas que se encontravam na ilha.

O contexto histórico das relações socioculturais entre o Caribe e Amazônia, em especial o Amazonas, é importante que seja apresentado para que possamos compreender que essas relações não são um fenômeno novo que ocorre apenas em nossos dias, contudo, essas relações socioculturais foram construídas historicamente.

Ao posicionamento geográfico e às aproximações culturais da região podemos chamar de Amazônia Caribenha, como descreve Oliveira (2011, p. 1) para ele trata-se o território que vai "da Ilha das Guianas que compreende o litoral Atlântico Norte entre o delta do rio Orinoco (Venezuela) e do rio Amazonas, pela margem esquerda

²² Caldas, Aulete. A. sm. s. m. || (náut.) **a borda do navio oposta àquela de onde sopra o vento**. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=sotavento>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

do rio Amazonas e do rio Negro, pelo Canal de *Cassiquiare* (Brasil/ Venezuela) e a margem direita do rio Orinoco” (OLIVEIRA, 2011, p. 1) formam esse mosaico de aspectos físicos, culturais, linguísticos, entre outros.

Nesse sentido o Brasil possui uma história comum com o Caribe a partir do nexos que se estabelece entre o Amazonas e o Caribe. Essa construção histórica, política e social ocorre desde que a região do Caribe passou a ser chamada de “Novo Mundo foi denominado de América, cuja fronteira foi reorganizada em três grandes regiões: Norte, Central e Sul. Amazônia Caribenha é um território ao Norte da América do Sul e que no processo de colonização foi dividido entre cinco países amazônicos: Brasil, Venezuela, Guyana, Suriname e Guiana Francesa” (OLIVEIRA, 2011, p. 1).

Oliveira (2020) aprofunda a descrição e localização da Amazônia Caribenha:

Com base nesse posicionamento histórico, esclarecemos que o vocábulo Amazônia Caribenha é um recorte regional amazônico e internacional em formato de ilha, localizada ao norte da América do Sul. A ilha é circundada por águas do Oceano Atlântico Norte, entre o delta do rio Orinoco e o delta do rio Amazonas. Para o interior, o litoral da ilha é rodeado por águas dos seguintes rios: pela margem esquerda dos rios Amazonas e Negro; depois, pelo Canal do Cassiquiare, que se comunica com os rios Negro e Orinoco. Em seguida, pela margem direita do rio Orinoco (OLIVEIRA, 2020, p. 20).

Conforme podemos observar nos mapas abaixo a proximidade geográfica entre as regiões permite-lhes a comunicação e uma aproximação sociocultural:

Figura 6 – MAPA DA AMÉRICA CENTRAL E CARIBE



Fonte: https://www.apolo11.com/mapas.php?mapa=mapa_mundo_16

Não são regiões distantes entre si, ao contrário, o acesso de uma ilha a outra pelo mar é facilitado, por esse motivo a movimentação de barbadianos para diversas regiões da América do Sul era um itinerário frequente.

2.1 Relações culturais Caribe/Amazônia

2.1.1 O Caribe como construção social

A partir da colonização europeia na região do caribe “as primeiras vítimas da colonização no ‘Novo Mundo’ foram os povos originários cujo número era incerto, mas cujas diferentes estimativas mencionam entre 20 e 25 milhões de habitantes nas Américas no momento da descoberta” (KLEIN apud JACOBSEN: s.d., p. 7). Visto que a maioria da população pereceu em função das doenças trazidas pelos europeus, bem como muitos sofreram por causa da escravidão e da violência com que os

colonizadores os trataram durante o processo de ocupação e exploração dos recursos naturais das novas terras, um processo colonizador devastador para homens e natureza, por este motivo “o trabalho durante a colonização era essencialmente escravo” (JACOBSEN, s.d., p. 7).

No Caribe, “a população originária em poucos anos foi extinta, como bem relatou o Frei Bartolomeu de Las Casas em sua obra “*Brevísima relación de la destrucción de las Indias*” e, durante esse genocídio, civilizações como a Asteca e a Inca também foram gravemente afetadas” (JACOBSEN, s.d., p. 7, grifo do autor).

A questão da extensão das fronteiras do Caribe ocupa lugar de destaque no debate sobre a importância do Caribe na constituição do mundo latino-americano. Uma dessas discussões é apresentada por Vidigal (2016, p. 21, 22) para quem

um número crescente de estudos sobre a região caribenha e a América do Sul vem apresentando a tendência a enfatizar interseções e influências mútuas na área cultural, com consequências importantes para a própria delimitação geográfica dessa parte do mundo entre os estudiosos. O Caribe, até pouco tempo atrás considerado apenas como o arquipélago situado no Golfo do México, entre a América do Norte e a América do Sul, começou a ser compreendido de forma mais ampla. Por outro lado, estudos nem tão recentes sobre filmes realizados fora dos centros hegemônicos consideram toda a área caribenha e não apenas Cuba, Porto Rico e República Dominicana na definição mais geral de um cinema latino-americano, aproximando culturalmente as duas macrorregiões (HENEBELLE e GUMUCIO-DAGRON, 1981, p. 353; BLAKE, 1988, p. 337). Todos estes estudos indicam que o conceito de Caribe se encontra atualmente estendido ao restante da América Central e o norte da América do Sul, abrangendo entidades nacionais como Colômbia, Venezuela e México, mas também regiões intranacionais, como o nordeste do Brasil. O importante aqui não é determinar a adequação ou não dessa redivisão territorial, mas assinalar que existe um movimento coletivo, desenvolvido espontaneamente no confronto com problemas práticos e teóricos de pesquisa, no sentido de repensar a região de modo a enfatizar as conexões e não apenas as fronteiras existentes. A percepção ampla da região nos faz olhar com mais cuidado para os contatos culturais, mas a necessária delimitação de escopo da nossa pesquisa nos fará concentrar o olhar nas conexões entre o que hoje conhecemos como Jamaica e Brasil.

Vidigal (2016, p. 21, 22), partindo da Teoria Difusionista e seu conceito de área cultural (área geográfica associada a uma cultura) busca explicar a extensão das fronteiras culturais caribenhas e sua relação com as Américas do Norte e do Sul, a gigantesca extensão, aliás, atribuída por Vidigal a essa área geográfica e cultura

aproxima ainda mais a Amazônia do Caribe. Contudo, ao indicar que sua finalidade não é verificar a validade dessas redivisões do espaço, o que reduziria nossa análise apenas ao aspecto físico da região, mas enfatizar as conexões culturais existentes dentro desse espaço, portanto, abre o debate antropológico sobre os povos que habitam essa região e seus modos de comunicação, fazendo dessa região uma região multiétnica na qual convivem múltiplos saberes, cosmovisões e representações sociais.

Essas conexões culturais ampliadas dentro do espaço geográfico que aproximam os habitantes são características do conceito de área cultural difundido pelo difusionismo. O problema posto pelos difusionistas é: como explicar os diferentes conjuntos culturais que guardam semelhanças entre si, mesmo ocupando espaços diferentes, seria o ser humano inventivo a ponto de criar traços culturais semelhantes ou foram esses traços assimilados por meio de intercâmbio de diversos povos?

É visível a proximidade entre a Amazônia e o Caribe, esse que estende por todo o centro-americano chegando ao norte da América do Sul. Ao elaborar o conceito de área cultural o difusionismo norte-americano o identifica como pequenas unidades geográficas que por contiguidade distribuem e compartilham elementos culturais.

O conceito de área cultural norte-americano fundamenta-se pelo espaço geográfico que os grupos étnicos ocupam, seria necessário o agrupamento em grandes áreas geográficas para que se compusesse as áreas culturais, para isto eles utilizavam a distribuição dos alimentos como limites para a delimitação das áreas culturais. Esta teoria não se sustenta quando se tenta explicar as condições de liberdade cultural atrelada às condições geográficas. A simples proximidade geográfica não explica as diferenças e semelhanças culturais. Esta teoria fica impossibilitada de explicar a invenção independente da cultura. Nessa controvérsia seus críticos os acusam de serem evolucionistas, por não explicarem como surgem os elementos diferenciados das culturas (BOAS, 2004; HARRIS, 2021; MELATTI, 2020; STEWARD, 1976).

Ainda que pesem críticas sobre essa teoria, ela se mostra interessante para analisar as relações Caribe / Amazônia, em especial quando se trata de temática de mobilidade humana, migração. Como encontramos no pensamento de Couto (2018, 59) “a migração é um aspecto importante para se entender como o Caribe e a Amazônia tem estabelecido suas relações [...] desde os tempos coloniais”, relações

não apenas comerciais uma vez que a mobilidade gera o trânsito de pessoas, o trânsito de pessoas gera o trânsito de ideias e culturas, originando culturas híbridas, nas palavras de Canclini (2019).

Nesse debate, Melatti (2020), ao pesquisar os contatos culturais entre os indígenas do Caribe e da América do Sul, propõe substituir a noção de área cultural por área etnográfica, que em sua visão trata-se de uma área delimitada pelo etnógrafo, trata-se de uma atualização alternativa quanto à divisão espacial e etnológica dos estudos culturais, indo para além das fronteiras do Brasil, abrangendo áreas da América do Sul e da América do Norte. Melatti se propõe acentuar, sobretudo, questões etnológicas suscitadas para cada área ou para cuja discussão que elas contribuam (MELATTI, 2020). Esse posicionamento de Melatti (2020) apresenta-se como alternativa para se repensar as categorias de “áreas culturais” e sugerindo uma mudança de conceito para “áreas etnográficas”. Estas duas categorias servem para situar os diversos grupos em uma região geográfica que compartilham elementos comuns, a primeira separa por afinidades culturais, a segunda por afinidades sociais.

Expondo a concepção de “tipo cultural”, adotada por Julian Steward (1976), como critério para a distribuição das informações das sociedades indígenas, Melatti (2016) parte de uma abordagem “impressionista baseada no conteúdo cultural” e passa para uma concepção em “termos de padrões sociopolíticos e religiosos”, há um deslocamento de “traços culturais” para “relações sociais”,

preferindo assim a uniformidade e a homogeneização cultural em favor de uma maior atenção nas relações sociais, poderíamos apontar os laços das sociedades indígenas entre si e com as sociedades nacionais, mantendo cada qual como uma totalidade sociocultural. Em outras palavras, cada sociedade indígena não seria agrupada com outras que se parecem com ela, mas sim com aquelas com que partilha sua vida social (MELATTI, 2016, p. 4, 5).

Essa divisão que privilegia as relações sociais em lugar de semelhanças culturais (característica da área cultural) supera a simples associação por proximidade geográfica e por semelhanças, priorizando as relações sociais em desfavor da concepção centrada nos aspectos culturais de cada povo, olhando para as trocas, diferenças e relações étnicas. Essas relações sociais acontecem em um contexto de

mobilidade humana, “consequentemente em meio às relações comerciais, o trânsito de pessoas, presumia também o trânsito de ideias que possibilitava o intercuro entre diferentes culturas desde os tempos coloniais” (COUTO, 2018, p. 59).

Melatti contribui apresentando um “trabalho que [...] distribua as sociedades indígenas em áreas, como recurso didático que permita relacioná-las com situações específicas e ao mesmo tempo chamar a atenção para sua diversidade cultural” (2016, p. 1), a esse tipo de distribuição das culturas em áreas Melatti chama de “área cultural” (MELATTI, 2016)

Ao definir “áreas culturais” Melatti dialoga com Eduardo Galvão e seu conceito de área cultural. “A noção de área cultural nasceu no seio da antropologia norte-americana e não escapa a uma orientação voltada para a reconstituição do percurso dos traços culturais entre diferentes sociedades, não em escala mundial, como queriam os difusionistas centro-europeus do começo do século XX” (MELATTI, 2016, p. 2). Portanto, área cultural pressupõe a existência de traços culturais semelhantes encontrados em diferentes grupos que compartilham desses elementos comuns originários de “um centro primário de inventividade, ou clímax cultural”, resultantes dos contatos intertribais e com a sociedade nacional. Isto diferencia o conceito de área cultural do conceito de área etnográfica, como veremos a seguir.

Melatti (2016) opta por utilizar o conceito de Área Etnográfica. Isto evitaria, segundo ele, a mera enumeração dos traços culturais que caracterizam as áreas e levaria em consideração as exceções e ausências, “em algumas culturas, de certos traços próprios das áreas em que estejam inclusas”. Assim abandonaria a preocupação com a “uniformidade cultural e da negativa em tomar a homogeneização como o único resultado possível do contato entre culturas”.

Como quem delimita cada área é o pesquisador, Melatti (2016) sugere que a melhor solução seria “em vez de falar em “áreas culturais”, melhor será dizer “áreas etnográficas”, de modo acentuar que elas não existem inteiramente por si mesmas, mas que o pesquisador é quem, em última análise, as delinea”. Ao contrário das áreas culturais que determinavam seus limites por homogeneidade e uniformidade cultural, a área cultura permite uma delimitação por aspectos sociocultural, limitados aos fatos etnográficos que se apresentam ao pesquisador. Melatti enfatiza, portanto, a articulação social em vez da homogeneidade cultural.

Contudo, na análise feita por Vidigal (2016, p. 22), é plausível que as relações culturais entre o Caribe e a Amazônia possibilitem a troca de traços culturais, pois ele vai além da Amazônia estendendo as fronteiras caribenhas até ao Nordeste brasileiro. Marquese e Pimenta (2015, p. 39) ao fazer um apanhado crítico da historiografia do Caribe e da América Latina, propõem que “uma terceira vertente de estudos globais voltados à história da América Latina e do Caribe nasceu no campo do debate econômico sobre a problemática do desenvolvimento e do subdesenvolvimento na região”. Tendo como referência de análise da conjuntura econômica da região o economista Celso Furtado, Marquese e Pimenta (2015, p. 39, 40), comentam que

em sua obra [...] *Formação econômica do Brasil* (1959), Furtado inscreveu a análise da colonização ibérica do Novo Mundo dentro do contexto mais amplo da expansão comercial europeia, ressaltando a assimetria de fundo entre o que chamou “colônias de exploração” americanas (constituídas por zonas tropicais como o nordeste do Brasil, as Antilhas, as colônias do sul dos Estados Unidos, e por zonas de mineração como Nova Espanha e Peru, Minas Gerais) e “colônias de povoamento” (as do norte da América britânica continental). A comparação sistemática entre essas duas experiências coloniais distintas indicava, para Furtado, o fundamento da cisão histórica entre o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina e do Caribe. Nas “colônias de exploração”, o trabalho compulsório (africano ou indígena), a alta mercantilização de uma produção destinada ao centro do capitalismo global, a concentração da propriedade fundiária e da renda e a atrofia dos setores voltados ao mercado interno (marcados por baixa capitalização e produtividade) – suas características básicas – teriam travado o crescimento econômico autossustentável fundado na industrialização, a verdadeira marca do desenvolvimento. Já as “colônias de povoamento”, caracterizadas pelo trabalho livre, por uma economia voltada às necessidades locais e por uma distribuição mais equilibrada da terra e da renda, teriam tomado o caminho de “desenvolvimento para dentro”, baseadas que estavam em fortes mercados internos (FURTADO, 1959 *apud* MARQUESE E PIMENTA, 2015, p. 39, 40).

Para Furtado as relações econômicas existem na dualidade periferia e centro, subdesenvolvimento e desenvolvimento. A partir dessa interpretação econômica acerca do modo como foram colonizados o Caribe e a América Latina, pode-se perceber que as desigualdades dessas regiões produzidas pela exploração de seus recursos naturais as aproximam, como as distâncias se encurtam e as fronteiras se avizinham.

2.1.2 Amazônia Caribenha e suas relações internacionais

Devido à extensão da região e suas características geográficas ela apresenta diversas dificuldades seja no campo cultural, político ou econômico. São “amazônicos mais por suas florestas do que pelo seu conjunto hídrico ou por suas políticas de integração, esses países, juntamente com o Brasil, relutam ainda em construir uma identidade sociocultural e econômica amazônico-caribenha entre si mesmos” (PROCÓPIO, 2007, p. 97).

Essa relutância em construir-se uma identidade amazônica-caribenha não encontra em seu aspecto geográfico seu maior problema. O processo de constituição identitária nessas sociedades fronteiriças na Amazônia caribenha encontra seu maior óbice em não possuir uma política de integração da região e que seja consistente em proporcionar a aproximação de países que ocupam esse espaço. Como comunidade econômica, foi criada uma representação chamada CARICOM²³, contudo, apesar de sua importância como mercado comum para a região, essa instituição parece não exercer forte influência sobre a economia, a política ou a cultura da região.

“A Guiana, a Guiana Francesa, o Suriname e a Venezuela constituem importantíssimo conjunto de etnias, culturas, religiões e de visões de mundo no universo caribenho para onde os latino-americanos tardiamente estenderam as suas mãos” (PROCÓPIO, 2007, p. 97). Nesse campo das relações internacionais o Brasil vinha nos últimos anos afastando-se do debate sobre o desenvolvimento da América Latina e Caribe, quadro que começa a ser modificado. Atualmente, o Brasil não é membro da CARICOM, age apenas como observador. “Desde 1994, o Brasil tem participado, na condição de país convidado, das conferências de chefe de governo do CARICOM, que vem a ser a instância mais elevada da entidade” (FARIAS, 2000, p.

²³ “Em 1970, com a possibilidade da entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Econômica Europeia, os Estados do CARIFTA perceberam mais claramente a vulnerabilidade da dependência relativa a esse país. No final de 1972, decidiu-se ir adiante com a ideia da criação do Mercado Comum Caribenho, dentro de uma Comunidade Caribenha, e em agosto de 1973 entra em vigor o Tratado de Chaguaramas, assinado pelos quatro países independentes já mencionados: Barbados, Jamaica, Guiana e Trinidad e Tobago. Vinte e cinco anos depois, o número de países havia subido para quinze. O Bloco do CARICOM (Caribbean Community) foi oficialmente estabelecido e efetivado em 1973, com o Tratado de Chaguaramas, tendo como membros iniciais Barbados, Jamaica, Guiana, e Trinidad e Tobago” (FARIAS, 2000: p. 46). Atualmente os países membros são: Antigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago.

57). Essa não participação direta do Brasil na CARICOM indica o não se reconhecer como participante dessa comunidade e caribenha, seja geográfica ou economicamente.

2.3 Um pouco de história de Barbados

Para maior compreensão da pesquisa e situar meus leitores sobre a origem dos imigrantes caribenhos que vieram para Manaus no início do século XX, incluo este capítulo que traz uma Breve História da ilha de origem dos imigrantes, Barbados. Localizo geograficamente a ilha caribenha de Barbados, destacando aspectos gerais de sua cultura, história e geografia, tanto no passado e na atualidade. A partir das identificações feitas pelos descendentes que foram entrevistados, uma vez que, até o momento, os descendentes que encontrei em Manaus são filhos e netos de barbadianos.

Barbados foi habitada por diferentes culturas, registros de sua História remetem aos anos de 1600, habitada por aruaques e caribes. Colonizada pelo Reino Unido tornou-se independente no ano de 1966, a ilha é hoje um dos países com os melhores indicadores de qualidade de vida do continente. Na ilha de Barbados os “vestígios arqueológicos indicam que os primeiros povos teriam sido ameríndios (possivelmente arawaks) entre 500 e 1500. Os espanhóis chegaram em 1519 e, a partir de 1627, foi ocupada pelos ingleses” (Barsa na Rede, 2021).

Foram quase 400 anos de colonização e ainda se debate a respeito de qual foi o primeiro a chegar na ilha, se foram os portugueses ou se foram os espanhóis, o que importa é que nenhum dos dois colonizou Barbados. Embora, segundo a tradição quem batizou a ilha foram os portugueses, o motivo de a chamarem de Barbados foi por avistarem na ilha uma espécie de Figueira nativa, a Figueira de barba ou figueira barbudo (*ficus citrifolia*).

Figura 9 – Figueira de barba ou figueira barbudo (*ficus citrifolia*)



Fonte: <https://nl.pinterest.com/pin/161848180341027649/>

Inglaterra colonizou a ilha de Barbados a partir de 1627, quando efetivamente instalou colonos para viverem na ilha. Entre 1870 e 1966, Barbados foi colônia britânica. A transição da monarquia para a República em Barbados desde o ano 1966, fez de Barbados um país independente do Reino Unido em um aspecto político, o que aconteceu em 2021, com a Proclamação da República, isto é, a independência de Barbados colocou fim aos 55 anos de monarquia constitucional, o país obteve sua independência política perante o Reino Unido, entretanto continuou integrando a Comunidade das Nações (*Commonwealth of Nations*), grupo formado pelo Reino Unido e suas ex-colônias. Por este motivo idioma oficial do país é o inglês.

Figura 8 – Barbados vira República (O Estado de São Paulo)

SEXTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2021
O ESTADO DE S. PAULO

HISTÓRIAS DO MUNDO Passado colonial

INTERNACIONAL A17

Barbados vira república, elege presidente e se livra da rainha

Ex-colônia britânica deixa a Comunidade Britânica para tomar as próprias decisões sobre problemas como pandemia e mudanças climáticas

MIAMI

O debate sobre racismo e colonialismo entrou no Palácio de Buckingham e fez uma vítima ilustre: a rainha Elizabeth II. Barbados, ilha do Caribe ocupada pelos ingleses desde 1625, decidiu se tornar uma república e retirar a foto de Elizabeth das repartições públicas. A partir de 1º de dezembro, ela deixa de ser chefe de Estado e o país, de 300 mil habitantes, terá um presidente – no caso, uma mulher, Sandra Mason, de 72 anos, eleita na quarta-feira pelo Parlamento local.

Barbados conquistou a independência em 1966 e manteve a tradição colonial de considerar a rainha como chefe de Estado. A prática é um resquício do império britânico que sobrevive em pleno século 21. Países como Austrália, Canadá e Nova Zelândia também seguem a mesma linha – australianos e neozelandeses, inclusive, sequer conseguiram se livrar da presença do Reino Unido, cuja bandeira ainda ocupa um pedaço de suas bandeiras nacionais.

Barbados anunciou a decisão de se separar da monarquia em setembro de 2020. "Após obter a independência, há mais de meio século, nosso país não pode duvidar de sua capacidade de se autogovernar", afirmou Mason, em um discurso na capital, Bridgetown. Na ocasião, ela argumentou que havia chegado o momento de Barbados "deixar totalmente para trás seu passado colonial".

Em 29 de setembro, o Parlamento votou a emenda constitucional para por fim à associação do país com a Commonwealth, que reúne ex-colônias que integram a chamada Comunidade Britânica.

SEPARAÇÕES. A ilha de 433 quilômetros quadrados é três vezes menor que o município de São Paulo. O turismo tem grande peso na economia. O destino é um dos mais procurados das Pequenas Antilhas, especialmente popular entre a alta sociedade britânica, em razão da proximidade cultural. Antes da pandemia de covid-19, mais de 1 milhão de turistas visitavam o país por ano, famoso por suas praias paradisíacas de águas cristalinas.

Barbados não será a primeira ex-colônia britânica no Caribe a se tornar uma república, uma vez que a Guiana já deu esse passo em 1970, seguida por Trinidad e Tobago, em 1976, e Dominica, em 1978. No passado, a rainha realizou seu descontentamento com a monarquia britânica, mas até

A primeira-ministra de Barbados, Mia Mottley, disse que espera que a eleição de Mason como a primeira mulher presidente leve a uma maior unidade na luta contra várias ameaças externas que podem afetar a ilha. "Acabamos de eleger uma mulher que é única e apaixonadamente barbadiana, não pretende ser outra coisa e reflete os valores de quem somos", disse Mottley.

AUTONOMIA. Em defesa da decisão de seu governo de eleger Mason, a primeira-ministra disse que era importante para o povo de Barbados lutar para lidar com dificuldades como a pandemia e as mudanças climáticas. Os dois temas, de acordo com Mottley, representam uma "tempestade perfeita que prejudica a estabilidade e a prosperidade de Barbados".

A premiê, no entanto, tratou de desassociar a decisão de

Barbados de se tornar uma república de qualquer condenação de seu passado britânico. "Esperamos continuar o relacionamento com a monarquia britânica", disse.

Wazim Mowla, do centro de estudos Atlantic Council, disse que a eleição poderia beneficiar Barbados tanto em casa quanto no exterior. "A medida torna o país um ator mais legítimo na política global", disse Mowla, mas também pode servir como uma "ação unificadora e nacionalista" que pode beneficiar sua atual liderança.

"Outros líderes caribenhos e seus cidadãos, provavelmente, elegerão a medida, mas não espero que outros países sigam o exemplo de Barbados", afirmou Mowla. "Essa mudança será considerada por outros países apenas se for do melhor interesse de cada um." ■ **JOÃO MOURÃO e EFE**



Charles, herdeiro do trono britânico, ao lado de Sandra Mason, agora presidente de Barbados

Império britânico
Apesar da decisão de Barbados, Elizabeth II ainda é chefe de Estado de outros 15 países

hoje não seguiu adiante com o processo de separação.

As últimas colônias do Reino Unido na região são territórios membros da Comunidade do Caribe e optaram por permanecerem como parte da Commonwealth. Elizabeth II ainda é chefe de Estado de outros 15 países.

Fonte: O Estado de São Paulo. Internacional, Histórias do Mundo. 2021.

Barbados é hoje a mais jovem República do Mundo. Ao despedir-se da regência de Elizabeth II, rompendo com a monarquia, Sandra Mason assumiu como primeira presidenta do país, que já ocupava o cargo de Governadora-Geral, sua eleição ocorreu de forma indireta, sendo escolhida pelo Parlamento barbadiano. Antes de entrar na vida política, a Presidenta foi professora e advogada. No evento de Proclamação da República a cantora Rihanna, que é natural de Barbados, recebeu uma homenagem com uma heroína nacional²⁴.

²⁴ VOGAL, Vitor. **A REPÚBLICA DE BARBADOS**. Florianópolis (SC), 7 de dez. de 2021. Facebook: Sandroamorim. Disponível em: VOGALIZANDO HISTÓRIA. <<https://www.youtube.com/watch?v=PL-1t-r-cwc>>. Acesso em: 29 de abr. de 2023.

Figura 9 – **Bandeira de Barbados.**



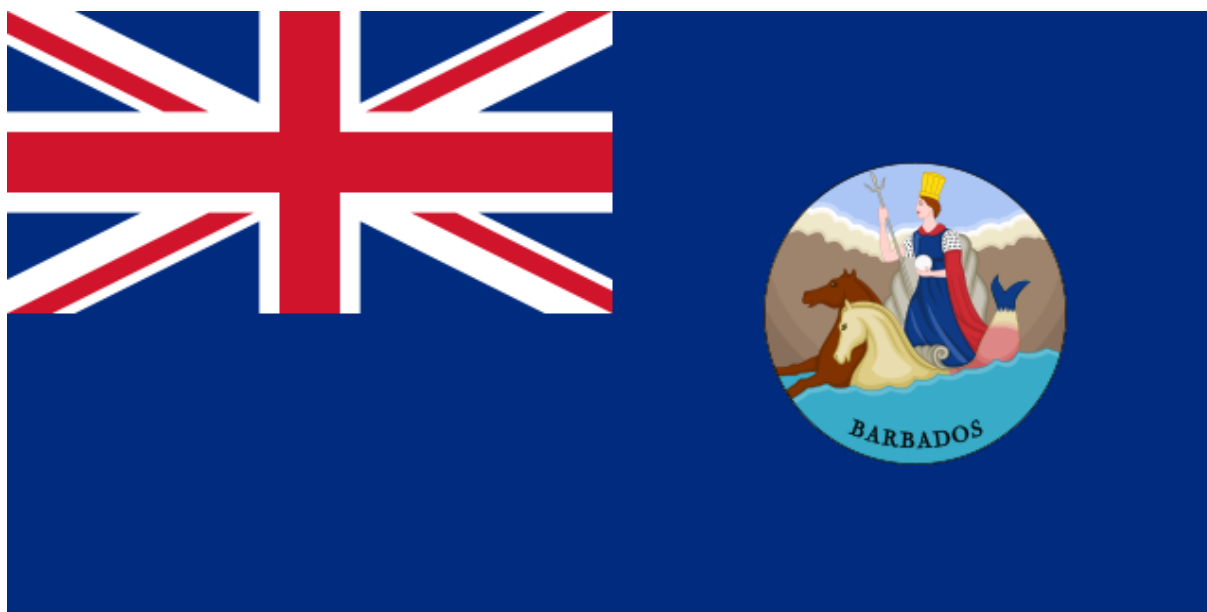
Fonte: <https://www.bandeirasnacionais.com/barbados>.

Figura 10 – Brasão de Barbados



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/barbados.htm>.

Figura 11 – Bandeira de Barbados (1870–1966)



Fonte: <https://maestrovirtuale.com/wp-content/uploads/2019/10/barbados-1870%E2%80%931966.png>

2.4 A geografia e economia barbadiana

A Ilha de Barbados é a mais oriental das ilhas do Caribe, sua posição geográfica pode ser considerada privilegiada por estar fora da rota dos furacões, fenômeno meteorológico comum na Região do Caribe. A capital do país é "*Bridgetown*" e por conta do seu passado de escravidão cerca de 90% da população é negra trazidos do oeste da África. Trata-se de uma ilha considerada paradisíaca pelas agências de turismo internacional e conta com aproximadamente 300.000 habitantes. A distância entre Manaus e Bridgetown são de 1.804 Km, estando ambas as cidades no mesmo fuso horário.

Barbados tem um clima tropical com temperatura média de 26 °C, o mar é composto por um degradê de cores azuis único do mar caribenho, ela é totalmente cercada de azul, de um lado o azul escuro do Oceano Atlântico e de outro o azul turquesa do Mar do Caribe (Mar das Caraíbas), que fazem a topografia da ilha ser constituída por belas praias abertas ao público. A ilha possui uma área de 432 km², o que equivaleria ao tamanho da cidade de Curitiba. Barbados é um dos menores países do mundo e faz parte da América Central, mais precisamente, a parte insular ao norte da Venezuela. A ilha impressiona por sua beleza natural e pelas construções coloniais.

Desta forma a política barbadense coloca-se contra a *Climate Change* (Mudança climática) incentivando a economia azul (economia sustentável) sustentada em um tripé para que as ilhas caribenhas, como Barbados, sobrevivam. Esse tripé é chamado de *Blue Barbados* (Barbados Azul): 1. *Geographic position* (posicionamento geográfico); 2. *Blue Economy* (Economia Azul); e *Climate Change* (Mudanças Climáticas) (RUSSEL, 2021). Trata-se de uma economia baseada no potencial turístico da ilha, que sofreu forte impacto no período da pandemia, e agora está em franca recuperação.

Por sua localização, Barbados incentiva a *Blue Economy* (Economia Azul), pois busca agregar valor aos bens e serviços encontrados na ilha, ou seja, são incentivadas as atividades econômicas que contemplem a sustentabilidade, a harmonia entre a exploração comercial das praias e sua preservação.

Barbados produziu a cana-de-açúcar, o açúcar processado e transformados em barras que eram transportadas por navios para a Inglaterra, tabaco e algodão. Como em outras colônias na América a mão de obra era de escravizado africano. A escravidão começou a ser abolida no começo do século XIX, mas ela só seria efetivamente concluída no fim da década de 1830, em uma comparação rápida, o Brasil só declarou o fim da escravidão em seu território quase cinco décadas depois, ainda que houvesse iniciativas nas Províncias como o Amazonas (24 de maio de 1884) e o Ceará (25 de março de 1844), ambas quatro antes da Lei Áurea.

Destaco a produção de açúcar barbadiano por ter esse transformando-se em tipo de açúcar, chegando a ser produzido em outros países

O açúcar de Barbados, mais comumente chamado de açúcar muscovado ou simplesmente açúcar bruto, é um tipo de açúcar minimamente processado de cor marrom escura. Como o açúcar mascavo típico, é muito mais úmido do que o açúcar branco granulado. Contém maior quantidade de melaço, o que torna o açúcar mais pegajoso. Pessoas com problemas de saúde podem preferir este tipo de açúcar porque sua técnica de preparação mínima significa que ele retém algumas das vitaminas e minerais presentes na cana-de-açúcar. Por si só, o açúcar de Barbados é popular por seu sabor mais escuro e com um toque de melaço. É popular na Grã-Bretanha e, hoje, pode ser feito principalmente nas Filipinas. Barbados e açúcar muscovado são essencialmente o mesmo produto. Como uma definição estrita, esse tipo de açúcar deve ser feito exclusivamente em Barbados, onde o açúcar muscovado pode ser feito em qualquer lugar onde a cana-de-açúcar seja cultivada ou processada²⁵.

Sua localização deu a Barbados a relevância de cidade portuária onde os navios vindos da Europa e dos Estados Unidos faziam suas paradas para abastecerem-se de água e alimentos, e por ser parada obrigatória (talvez até necessária) desses navios que rumavam ao Brasil e outras ilhas e de todos os que desejam ir para outros países em busca de oportunidades de trabalho. Fortaleceu a economia de Barbados. Atualmente o país possui um dos mais altos índices de desenvolvimento humano das Américas.

²⁵ Disponível em: <https://spiegato.com/pt/o-que-e-o-acucar-de-barbados>

CAPÍTULO 3 MEMÓRIA FAMILIAR ENTRE OS BARBADIANOS

Solidariedades invisíveis e imaginação vinculam sempre um indivíduo a seus ascendentes: a memória familiar é nossa 'terra'.

Joel Candau, Memória e Identidade.

Passo a tratar de aspectos familiares e analisar as relações intrafamiliares e extrafamiliares. Como os barbadianos lidavam com a educação, saúde, segurança. A temática do parentesco requer um tratamento específico que foge deste estudo, por esse motivo optei pela técnica de trajetória de vida para abordar as histórias das famílias aqui apresentadas a partir de um exercício anamnésico pelo qual os mortos das famílias também contam suas histórias pelos que ainda vivem e recordam as ações de seus antepassados.

São histórias de famílias. Seus casamentos e arranjos familiares. Educação de seus filhos, como cuidavam de sua saúde. Uma frase que chamou a atenção ao conversar sobre esse assunto com Nair Chase, foi o modo como era visto a miscigenação: “vamos branquear nossa família” (CHASE, 2021), era a frase de uma das imigrantes para seus filhos, que eles não deveriam se casar com negros, mas procurar pessoas brancas para se casar, talvez porque desejasse escapar do estigma da negritude imposto pela sociedade manauara a ela e seus filhos.

Acima falei da mudança de perspectiva na pesquisa, deixando o conceito de comunidade que motivara inicialmente a pesquisa. Diante da decisão de mudança passei a buscar por famílias, pois isto se mostrou mais promissor para a pesquisa, uma vez que proveu dados empíricos mais substanciais para sustentar a etnografia das famílias barbadianas em Manaus. A decisão de pesquisar por famílias se dá porque

há duas dimensões temporais. Enquanto o sobrenome remete mais para o presente, o nome de família remete para a história, para a tradição familiar. Mas, enquanto o nome de família constrói uma dimensão da permanência, da história e tradição familiar, o sobrenome aponta para a construção de famílias elementares cujo tempo está limitado à vida de seus membros (ABREU FILHO, 1980, p. 100 - 101).

Essas duas dimensões temporais permitem o diálogo tanto sincrônico, como diacrônico com o objeto da pesquisa, como pode ser conferido acima, lanço mão de métodos da historiografia para a realização da pesquisa. Diante dessa modificação pareceu necessário definir qual teoria de família e parentesco ficaria mais adequada para esta pesquisa.

3.1 Memória e Identidade Familiar

Identidade familiar se refere à identificação de uma pessoa com sua família, incluindo suas crenças, valores, tradições e hábitos familiares. A identidade familiar é formada pela interação contínua entre os membros da família ao longo do tempo e pode ser influenciada por vários fatores, como cultura, religião, educação, localização geográfica e história familiar. A identidade familiar pode desempenhar um papel importante na formação da identidade pessoal e na maneira como as pessoas se veem em relação aos outros. É na família que o indivíduo, quando criança, inicia seu processo de socialização e “o estatuto socioeconômico dos pais expõe-nas a certas condições de vida e define sua identidade social” (CHERKAOUI, 1995, p. 149) que manifesta a identidade familiar.

Ao tratar de família e parentesco descobri a leitura da antropóloga Ellen Fensterseifer Woortmann, por meio de quem conheci o conceito de memória genealógica (1995). A aproximação aos textos de Woortmann deu-me boas expectativas para a abordagem sobre família e parentesco, pois ao abordar a temática sobre famílias voltei-me para o conceito de memória. A partir dessa leitura conheci o texto de Candau (2013) que acrescenta à “memória genealógica” a “genealogia” e a “memória familiar”.

Joël Candau (2013) diferenciando “genealogia”, “memória genealógica” e “memória familiar”, assinala que a primeira se trata de “uma disciplina que visa reconstituir as linhagens obedecendo a regras rigorosas”, a segunda é “um parentesco memorizado” e a terceira “uma memória que abraça toda a vivência de uma família” (2013, p. 172).

Por conseguinte, entende-se por memória genealógica como a memorização de laços de parentesco, que aproxima vivos e mortos, tornando-os uma só família, termo tomado aqui no sentido de “grupo cognático, isto é, de pessoas que descendem de um mesmo antepassado, seja através de homens ou de mulheres” (MELLO, 2009, p. 327), como de fato observou-se tanto por meio dos documentos, como por meio das entrevistas que os descendentes se nomeiam por ambos os genitores.

Neste sentido, Candau (2013) tem como ponto de partida dos três domínios da memória “a genealogia [como] o instrumento utilizado por *ego* (ou uma família) para nutrir sua memória genealógica e, eventualmente, a memória familiar, quando procura o rasto dos ascendentes” (CANDAU, 2013, p. 172, grifo do autor), o *ego*, portanto, é o ponto de partida da memória familiar, pois para Candau (2013) *ego* significa família. Há um encadeamento entre os três conceitos de modo que os descendentes de uma família guardam em sua memória aspectos simbólicos que o referenciam como pertencentes àquela família, esses símbolos que são referentes à família podem ser: fotografias, cartas, mobiliários, diários, o nome da família e louças (sopeira).

A memória genealógica, quando é unicamente oral, não difere no seu funcionamento da memória individual: pode provir de uma memória longa, como observou Françoise Zonanbend (2000) junto ‘de uma mulher de memória’ na Baixa Normandia [...]. ela pode mesmo cobrir sete gerações (Héritier, 1981: p. 163), o que corresponde estranhamente ao palmo mnésico. A maior parte do tempo, contudo, ela fica-se pela terceira geração de ascendentes e passa então a ser lacunar, imprecisa, seletiva ou fictícia (CANDAU, 2013, p. 172)

Diante dessas características e advertências para com a memória genealógica, tomei cuidado com as análises dos relatos de descendentes, além de observar que o recorte que fiz inicialmente em relação às gerações familiares, qual seja, historiar da primeira até a terceira ou quarta geração, seguida de etnografar da quarta ou terceira geração até à primeira, os relatos obtidos devem ser tomados cuidadosamente, pois

a memória familiar, em seu caráter histórico, muda com o tempo, como mudam as pessoas.

Mello (2009, p. 326), argumenta que:

Na família pode-se discernir várias instituições familiares, tais como: o namoro, o noivado, o casamento, a vida conjugal com todos os seus papéis (pai, mãe, filhos, sogros etc.). No entanto, não se pode esquecer que as instituições familiares são universalmente reconhecidas, embora em cada sociedade elas assumam formas diferentes. O certo é que o termo 'família' é um tanto vago e pode significar: a) o grupo composto de pais e filhos; b) uma linhagem patrilinear; ou uma linhagem matrilinear; c) um grupo cognático, isto é, de pessoas que descendem de um mesmo antepassado, seja através de homens ou de mulheres; d) um grupo de parentes e seus descendentes, que vivem juntos.

Le Goff (2012) tratando do papel da memória na sociedade e dos modos pelos quais esta conserva aquela, destaca que dois fenômenos que surgiram no final do século XIX e início do XX, são importantes manifestações da memória coletiva, são elas: Monumentos aos mortos e a Fotografia. Destaco a segunda pois é importante para a memória familiar, explico: Le Goff aborda esse aspecto da memória a partir da exposição que Pierre Bourdieu faz do álbum de família.

Para Bourdieu,

a Galeria de Retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram [...]. o álbum de família exprime a verdade da recordação social. Não se parece menos com uma busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. as imagens do passado dispostas em ordem cronológica, 'ordem das estações' da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações de sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais desceite, que estabeleça mais confiança e seja mais edificante que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas, e o passado comum, ou, se se quiser, o menor denominador do passado, tem a nitidez quase coquetista²⁶

²⁶1 Diz-se de ou pessoa, especialmente mulher, que, pelo prazer de seduzir, procura despertar o interesse amoroso de outras pessoas por meio de gestos ou pelos requintes na aparência. 2 Diz-se de ou pessoa inconstante (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coquete>).

de um monumento funerário frequentado assiduamente (BOURDIEU, 1965, pp. 53-54 apud LE GOFF, 2012, p. 446).

A memória familiar torna-se acessível às gerações da família por meio das fotografias, essas constituem um importante aporte documental para a reconstituição das histórias de famílias aqui pesquisadas. Com destaque para o papel feminino na conservação da memória familiar, pois, na maioria das vezes é a mãe e não o pai quem é o retratista da família, destaca Le Goff.

O protagonismo feminino na preservação da memória familiar foi vital para o avanço desta tese, e pude comprovar isso durante as entrevistas com Elizabeth Tavares (2021) e Nair Chase Silva (2021), ambas carregam em si a memória de suas famílias. Suas lembranças evocadas por meio das fotografias, de utensílios domésticos e de costumes culinários, por exemplo, guiaram-me na reconstrução de suas redes familiares. Há por parte delas, o cuidado de preservar suas histórias familiares, isso se dá por meio da memória familiar. Essa atuação feminina na preservação da memória familiar visa cobrir as lacunas da história familiar que segundo Candau (2005, p. 172) retrocederia até três gerações, o que seria uma perda lamentável para a manutenção da história familiar e da própria identidade familiar que se constitui a partir dessas histórias. Bourdieu nos ajuda a pensar a importância do sustento da memória quando afirma que “as chances de que um homem possa sobreviver ao desaparecimento dependem do número e da qualidade dos descendentes que ele terá produzido e que saberão citar seu nome e, assim, ressuscitá-lo, é no presente que reside o princípio da sobrevivência seletiva do passado” (2001, p. 260)

Essa identidade familiar podemos afirmar que se trata de uma identidade narrativa por se construir na descrição das que são as mantenedoras das memórias da família e na recepção/narração de si dos que ouvem, recebem e assimilam essas memórias familiares. Por identidade narrativa Ricoeur (2012, p. 418), entende que “é a *atribuição* a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica”, é responder sobre quem é o agente da ação, é dizer qual seu nome, e “responder à pergunta ‘quem?’, como disse claramente Hannah Arendt, é contar a história de uma vida” (RICOEUR, 2012, p. 418), identidade narrativa é a capacidade de sermos nós mesmos e narrar uma história, uma história na qual podemos nos reconhecer como

protagonistas e interpretes de si, para a qual contribuímos acrescentando nossa própria história de vida e nos vemos como continuadores de um fio de memória que mostra como “suporte eterno” de nossa identidade (CANDAU, 2012, p. 174).

3.2 Família em uma perspectiva interpretativista

A antropologia interpretativista enfatiza a subjetividade e a complexidade da cultura humana, pois esta é um sistema de símbolos. Procura entender as práticas culturais a partir da perspectiva dos indivíduos que as praticam e sobre as quais eles fazem suas interpretações. É o que, segundo Cardoso (2000), apresenta-se como um novo paradigma na antropologia, fazendo frente ao estruturalismo. Para Cardoso (2000) a chamada antropologia interpretativista trata-se de “uma recuperação tardia de um paradigma filosófico do século passado, o hermenêutico, recuperado, por sua vez, por Dilthey das filosofias clássica e medieval, e modernizado por Gadamer ou Ricoeur no presente século” (CARDOSO, 2000, p. 113).

David Murray Schneider, em *Parentesco americano: exposição cultural* (2016), discute o caráter simbólico na antropologia do parentesco, parte da premissa que “trata do parentesco americano como um sistema cultural; ou seja, como um sistema de símbolos” (Schneider, 2016, p. 13), trabalhando com o conceito de unidade cultural, explica que esta pode ser “qualquer coisa que seja definida e distinguida culturalmente como uma entidade. Ela pode ser uma pessoa, lugar, coisa, sentimento, estado de coisas, pressentimento, fantasia, alucinação, esperança ou ideia” (SCHNEIDER, 2016, p. 13), essa polissemia da ideia de unidade cultural, que abarca qualquer manifestação humana permite pensar a extensão do conceito de símbolo para Schneider.

Seu conceito de símbolo é retirado de seu diálogo com Geertz (*A Religião como sistema cultural*, 2013, p. 65), para Schneider o símbolo quer “dizer algo que representa alguma coisa, ou algumas outras coisas, onde não há nenhuma relação necessária e intrínseca entre o símbolo e aquilo que ele simboliza [...] as palavras

‘representam’ (*‘stand for’*) coisas” (SCHNEIDER, 2016, pp. 13-14), uma palavra é um nome, uma unidade, um construto cultural, no dizer de Schneider: “a cultura consiste na linguagem” (SCHNEIDER, 2016, p. 15). Entretanto, as unidades culturais são mais amplas que suas definições nominais, isto é, elas não se encerram quando fechamos uma lista de nomes com seus significados. Portanto, ele busca identificar quais símbolos definem uma pessoa que pode ser chamada de parente na cultura americana, esses símbolos se apresentam de duas formas: parente por sangue e parente por casamento, no primeiro, refere-se ao significado atribuído à filiação e à descendência, há algo material, uma substância, o sangue, que define quem é parente. O segundo, por outro lado, não se trata de coisa material ou é recebido por herança biogenética, possui uma natureza fundamentado nas alianças. O primeiro não pode ser desfeito, enquanto o segundo pode ser encerrado pela morte ou pelo divórcio (SCHNEIDER, 2016, p. 38).

Ellen F. Woortmann (1995, p. 92) citando Schneider explica por que e quando estudar parentesco:

Existe boa razão (para se falar de parentesco), e esta sugere quando isto é feito na própria cultura que estamos estudando [...] nas culturas ocidentais em geral, existem nítidas divisões formais que são chamadas, na própria cultura, ‘instituições’ (das quais) uma é a ‘família’ [...] Portanto, se nosso termo ‘parentesco’ é sinônimo daquela instituição tal como definida na cultura [...] então parentesco é, de fato, uma unidade cultural genuína.

Minha pesquisa se dá nessas condições: uma unidade cultural, famílias barbadianas, dentro de uma cultura mais ampla, a manauara, e essa unidade cultural fala de si e da cultura em que se encontra inserida por meio dessa instituição, a família. É um valor dentro de valores, uma linguagem dentro de linguagens. O destaque para essas famílias quem está construindo sou eu, enquanto pesquisador, e elas enquanto atores sociais, vivem suas vidas em seus mundos, onde desempenham seus papéis de modo que se tornam produtoras de si mesmas e de suas identidades.

Por se tratar de assunto caro à Antropologia dediquei tempo em observar como meus consultores expressavam-se acerca do parentesco. Identifiquei que tratam sua descendência como pertencente aos dois genitores, é como recebem sua identidade, eles fazem referências tanto aos parentes do pai, como aos da mãe como seus ancestrais. Trata-se, portanto, de “um grupo de parentesco bilateral ou cognático [que]

inclui todos os *cognatos* da pessoa, isto é, todo aquele que pode ser considerado relacionado através de um parente comum, antepassado ou contemporâneo, do sexo masculino ou do sexo feminino” (HOEBEL; FROST, 1976, p. 222-223, grifo dos autores).

Essa característica de dupla descendência identifiquei entre meus consultores, tanto o pai (barbadiano ou brasileiro), quanto a mãe (barbadiana ou brasileira) são lembrados durante a entrevista com importantes referências para a construção da identidade familiar de nossos consultores. Consequentemente, ambos os genitores contribuem para a formação da identidade de seus descendentes, meus consultores são brasileiros, mas também são barbadianos por consanguinidade, afinidade e busca por parte dos descendentes por suas raízes ancestrais, busca essa, exposta pelo desejo de retornar a Barbados em busca de suas referências familiares.

CAPÍTULO 4 INGLESES NEGROS EM MANAUS: UMA ETNOGRAFIA DA AUSÊNCIA

Epígrafe

*Millie gone to Brazil
Oh Lawd, poor Millie
Millie gone to Brazil
Oh Lawd, poor Millie
Wid de wire wrap round she waist
And the razor cut up she face
Wid de wire wrap round she waist
And the razor cut up she face*

*Millie down in the well
Oh Lawd, poor Millie
Millie down in the well
Oh Lawd, poor Millie
Wid de wire wrap round she waist
And the razor cut up she face
Wid de wire wrap round she waist
And the razor cut up she face²⁷.*

Na epígrafe encontra-se a letra de uma canção popular na ilha de Barbados, Millie fora assassinada por seu marido e seu desaparecimento repentino manifestou-se na canção que representava naquele contexto histórico o destino de muitos

²⁷ Millie foi para o Brasil
Oh Lawd, pobre Millie
Millie foi para o Brasil
Oh Lawd, pobre Millie
Envoltório de arame largo em volta da cintura
E a navalha cortou seu rosto
Envoltório de arame largo em volta da cintura
E a navalha cortou seu rosto

Millie no poço
Oh Lawd, pobre Millie
Millie no poço
Oh Lawd, pobre Millie
Envoltório de arame largo em volta da cintura
E a navalha cortou seu rosto
Envoltório de arame largo em volta da cintura
E a navalha cortou seu rosto.

barbadianos. E muitos desses que saíram da ilha em direção ao Brasil não retornaram para Barbados, foram considerados mortos como Millie que desapareceu.

A presença inglesa em Manaus no início do século XX é indiscutível²⁸, eram os grandes proprietários de comércios, especialmente as casas de aviamento onde se negociavam a balata na Manaus da *Belle Époque*. Seus vestígios estão presentes até os dias atuais na cidade de Manaus, o Porto de Manaus, as galerias de águas pluviais, o Teatro Amazonas.

Considerando que as relações Caribe/Brasil são de longa data, antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus, a vinda de migrantes caribenhos para Manaus não era algo estranho no início do século XX, pois dois territórios já dialogavam comercial e culturalmente, como vimos antes. Por este motivo a narrativa que apresento nesta tese inicia de modo diacrônico, é a narrativa da trajetória dos imigrantes afro-caribenhos, mais conhecidos pelo antropônimo “barbadianos”, e seus descendentes que vivem em Manaus. Percorrendo os caminhos junto aos interlocutores da pesquisa este capítulo intenta fazer uma caracterização histórica dos afro-antilhanos, quem são eles e quais pesquisas já existem sobre eles, trata-se de aspectos gerais de sua presença no Brasil e em Manaus.

Para Dias a cidade de Manaus proporcionava um espaço urbano que atraía “os mais diferentes tipos de pessoas, vindas de diversos pontos do País e do mundo e que passam a fazer parte do cotidiano da cidade, não tendo as mesmas condições de sobrevivência daqueles que vão usufruir à vida de ‘fausto’ que a borracha propicia” (2007, p. 119). Esses desafortunados, excluídos e marginalizados da sociedade eram vistos como ameaças à ordem pública, “classes perigosas” e as autoridades reforçavam isto com o controle de suas ações, “vida, hábitos, costumes, trabalho e lazer” (DIAS, 2007, p. 119).

²⁸ Vide BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. Manaus: Ed. Valer, 2009.

4.1 Os Barbadianos no Brasil, um pouco de história

Em seu deslocamento os barbadianos passaram por diversos lugares países como Cuba, Panamá, Peru e Estados Unidos. Meu foco, contudo, é sua presença no Brasil, Belém e Porto Velho, e em especial, Manaus (AM), meu campo de pesquisa.

4.1.1 Barbadianos em Belém (PA)

A migração barbadiana no Brasil concentrou-se na Região Amazônica. As fontes obtidas (pesquisas, fotografias, documentos e entrevistas) indicam que a inclusão das cidades de Belém e Porto Velho, nesta tese, junto com Manaus proporciona uma sinopse para comparar aspectos similares e diferenciadores dos impactos dessa migração nas três cidades. Um aspecto similar que aparece é a etiologia (o recalque do estigma) e a construção da alteridade a partir de algumas versões amazônicas.

A imigração barbadiana para a Amazônia como fato histórico encontra-se registrada em documentos e memórias. Contudo, os documentos não falam por si mesmos, são construções históricas disponíveis a questionamentos e investigações, por isso devemos pensar suas implicações a partir de seus autores e contextos sociais em que foram produzidos.

Ressalto a importância de esclarecer que a etnografia de documentos acontece em diálogo com a História, no caso de minha tese, pois em seu caráter teórico a historiografia confronta as memórias de meus consultores com esses documentos, não estando limitado apenas à etnografia malinowskiana, da observação participante uma vez que essa fica impedida de ser realizada por algum motivo, como foi o contexto socio-sanitário em que realizei a pesquisa para a realização desta tese, momento em que a pandemia nos obrigou ao afastamento, como descrevi acima.

Figueredo (2004) faz o seguinte resumo da presença barbadiana em Belém:

entre 1890 e 1925, a Amazônia recebeu número considerável de imigrantes da colônia inglesa de Barbados no Caribe. Na sua grande maioria vieram como mão de obra especializada para trabalhar nas companhias inglesas responsáveis pelos serviços públicos no Pará. 'Negros em quase sua totalidade, os barbadianos foram identificados na cidade como negros estrangeiros'. A vida social desses imigrantes era organizada em torno da

Igreja Anglicana, transformando-a num centro de preservação sua identidade. (FIGUEREDO, 2004, p. 19)

“Negros em sua quase totalidade”, esta afirmação nos chama a atenção, pois o fato de terem esse fenótipo atraía sobre eles a indesejável atenção racista que até os nossos dias persegue aos que o possuem, além disso o destaque quanto à sua religião que servia de reduto para a preservação de sua identidade étnico-cultural.

Outro destaque importante é para sua situação profissional, eram especializados em determinados serviços que estavam sendo implantados na cidade de Manaus, Belém e Porto Velho, era o momento de expansão neocolonialista do capitalismo em que empresas britânicas e norte-americanas exploravam os recursos naturais da região Amazônica.

O uso da língua inglesa facilitava a instrumentalização desta expansão comercial. Pedrosa (2022) lista as empresas que representavam esse capitalismo na cidade de Manaus que agora, transformada no principal centro financeiro da Amazônia, necessitava de uma série de melhorias em sua estrutura urbana. Apesar de sua “riqueza” faltava à cidade um bom sistema de comunicação, um porto flutuante, energia elétrica e abastecimento regular de água e esgoto. O Reino sobre o qual o Sol nunca se põe chega a Manaus, é “o tempo dos ingleses [que] marcou, outrossim, o início do período de grandes investimentos que abriram um ciclo de expansão dos países europeus nas novas terras” (BENCHIMOL, 2009, p. 226)

O Estado do Amazonas concedeu o direito de exploração a empresas inglesas, em troca da implantação desses serviços. Benchimol (2009, p. 228-229) e Loureiro (2008, p. 95-97), listam essas empresas e suas concessões: *The Amazon Telegraph Company Ltd.*, concessionária da comunicação por cabo fluvial entre Manaus e Belém e, por submarino, entre Belém e a Europa; *Booth Steamship Company*, empresa de navegação internacional; *The Amazon Steamship Navigation Company Ltd.* transformada na *The Amazon River Steamship Company Ltd.*; *The Manáos Harbour Limited*, responsável pela construção e exploração do Porto de Manaus, responsável pela construção prédio da Alfândega, erguido entre 1906 e 1909; *Manáos Improvements Ltd.*, concessionária de serviço de abastecimento de água e esgotos; *The Manáos Markets and Slaughterhouse Ltd.*, administrava mercado e matadouro público; *The Manáos Railway Company*, serviço de bondes elétricos; o serviço de

energia elétrica foi concedido à *The Manáos Eletric Lighting Company*; e *The Manáos Tramways and Light Company Ltd.*, explorava bonde e energia elétrica.

Portanto, diante das necessidades estruturais da cidade as empresas inglesas apresentaram-se como uma solução e necessitavam de mão-de-obra e, na maioria das vezes não encontravam na própria cidade, optaram por motivar a vinda de seus cidadãos que se encontravam em suas colônias no Caribe.

Quanto ao significado do termo “barbadiano”, poderia ser conceituado como um marcador social da diferença (SCHWARCZ, 2019), pois os imigrantes eram categorizados por sua origem ou nacionalidade, empregado como uma generalização estigmatizante, o termo era imputado aos negros estrangeiros oriundos do Caribe para diferenciá-los dos negros brasileiros recém-libertos, contudo uma expressão que carrega em si a marca da discriminação e do preconceito. Com essas imagens a sociedade construiu representações sociais difundidas nos periódicos e aceitas pela sociedade acerca desse grupo de imigrantes, “e que se estendeu sobre seus descendentes, chegando ao ponto de se constituir como uma espécie de rótulo a identificar, pelo menos até meados do XX, [de] forma negativa” (LIMA, 2008, p. 14), essas pessoas.

Tratava-se de um adjetivo pátrio abrangente que se referia aos trabalhadores negros e livres, isto é, caribenhos que imigraram para o Brasil ou por incentivo das empresas inglesas que atuavam na região Amazônica, ou por iniciativa própria à procura de oportunidades de trabalho, não eram escravizados, falavam inglês e procediam de colônias britânicas.

Em sua pesquisa, Lima (2008) associa o termo a um grupo de imigrantes estabelecidos em Belém que se diferenciavam dos brasileiros, de modo semelhante em Manaus e Porto Velho esse grupo de migrantes também recebeu essa denominação. Como afirma Saulo Barros (2009, p. 34) “os imigrantes barbadianos que aqui aportaram se identificavam com os hábitos dos britânicos e enxergavam os brasileiros como um povo inferior”, essa informação parece exagerada quando observamos que a condição subalterna dos barbadianos em relação aos empresários britânicos evidenciava uma estratificação baixa, assim como o que denotava o fenótipo, num período recente à abolição da escravatura no Brasil, contudo, é possível que essa postura tenha sido adotada por barbadianos por considerarem-se cidadãos britânicos, condição de superioridade, em sua concepção, em relação aos brasileiros.

Isto lhes causou dificuldades, pois o sentido atribuído ao termo ganha contornos negativos, afinal era um grupo “negro [...] estrangeiro, falante do inglês e, ainda, anglicano” (LIMA, 2008, p. 14), e acrescenta acerca da imigração barbadiana que “não era nem conduzida pelo Estado e, muito menos, vista com bons olhos” (LIMA: 2008, p. 21), tanto pelo Governo como pelo povo brasileiro.

Lima (2008, p. 76) narra a trajetória de Leonard Eustace Deane, barbadiano bem-sucedido na sociedade belenense. Lima (2008) o identifica como um barbadiano que pertencia a “alta roda” da sociedade: contador profissional, viajado por diversos países, funcionário da empresa inglesa responsável pela construção e administração do porto de Belém, mas também trabalhou em Manaus, contudo sempre continuaria sendo um “barbadiano”. Como menciona sua neta em entrevista concedida a Lima (2008, p. 78) “Leonard era “negro claro”, barbadiano, mas convivia entre os ingleses, circulava entre a elite branca em Belém. Naturalizou-se brasileiro, aprendeu o português, só falava esta língua com os filhos”. Ela acrescenta que ele “convivia na ‘alta roda’, e era bem aceito” e segundo ela “quando queriam insultá-lo, logo diziam: ‘ah, aquele negro barbadiano!’ Observamos esta última enunciação como um insulto que discrimina o sujeito pelo fato de ser negro, ser originário de uma área colonial, desqualificando-o dentro de uma categoria: barbadiano” (LIMA, 2008, p. 78).

Nesse exemplo temos os dois polos da vivência dos barbadianos no Brasil, tanto faz estarem em Belém, em Manaus ou Porto Velho. Ao mesmo tempo em que se apresentam como pessoas qualificadas para o serviço que deveriam desenvolver, ainda eram, e são, tratados como subalternos, na condição de colonizados. Discriminados por sua cor e por sua procedência. Destaco que Leonard foi pai de Leônidas Deane, infectologista da FIOCRUZ, que nomeia, ao lado de sua esposa, Maria Deane, o Instituto que representa a FIOCRUZ em Manaus, adiante apresento mais detalhes de suas vidas.

4.1.2 Afro-Antilhanos em Porto Velho/RO

Essa discriminação também aconteceu em Porto Velho/RO²⁹, onde trabalhadores barbadianos atuavam na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, eles e seus filhos sofreram preconceito nas escolas por não entenderem a língua, foram muitas vezes chamados de preguiçosos. Márcio Souza (1980), em sua obra *Mad Maria*, os descreve em termos vívidos em que suas “peles negras brilham [...] o sol agora arde sobre a pele negra dos trabalhadores barbadianos, mas eles procuram ficar protegidos, vestem roupas fechadas e calças compridas, embora este não pareça o traje adequado para trabalhar a trinta e dois graus centígrados”, e sobre suas experiências profissionais acrescenta: “os barbadianos são diferentes, conhecem o trabalho que estão fazendo, são profissionais. Eu sei por que já trabalhamos juntos na Zona do Canal do Panamá” (SOUZA, 1980, p. 19). O romance os descreve como homens acostumados às dificuldades da lida em meio à floresta.

As famílias eram provenientes de diversas ilhas caribenhas³⁰, entretanto todos eram tratados pelo termo “barbadiano”. Esse adjetivo tornou-se genérico, aplicado a qualquer pessoa negra que falasse o inglês. Podemos, aliás, traçar um paralelo aos termos pelos quais migrantes nordestinos eram tratados, e ainda são, na cidade de São Paulo (BATISTA, 2014).

Assentaram-se na localidade próximo à estação da Ferrovia Madeira Mamoré, nomeado pelos barbadianos de *Barbadian Town* (BLACKMAN, 2019, p. 60), todavia, ficou conhecida em Porto Velho/RO como “Alto do Bode”³¹, termo pejorativo atribuído por outros habitantes de Porto Velho.

²⁹ As informações apresentadas sobre a imigração barbadiana para Porto Velho/RO baseiam-se no documentário: FILHOS da Ferrovia. Produção de Bill Marques, Luana Lopes e Maila Badiani. Direção e Roteiro de Luana Lopes. Direção de Fotografia de Ronaldo Nina. Porto Velho: [s.n.], 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQSYdpBhVU0>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

³⁰ Barbados, Trinidad, Jamaica, Santa Lúcia, Martinica, São Vicente, Guianas, Granada, e outras ilhas das Antilhas (LIMA, 2008, p. 16)

³¹ “O Alto do Bode”, era o nome do local em que a comunidade afro-antilhana se estabeleceu em Porto Velho. Segundo o sr. Theophilus Shockness (FILHOS DA FERROVIA, 2010), recebeu esse nome porque as pessoas apontavam para os barbadianos que iam passando pelas ruas e diziam que eles iam bodejando igual bode. Acredito que há, também, um simbolismo religioso discriminatório nessa afirmação, pois o termo “bode” era utilizado para identificar os protestantes nesse período e ganhava contornos pejorativos por associá-los à ideia de heresia anticatólica.

Eunice Johnson (MARQUES, 2010), o descreve como um morro que se assemelhava ao Caribe, onde os barbadianos fundaram um clube no qual promoviam encontros de sua comunidade e traziam cantores internacionais. Eles foram perseguidos, tiveram seus barracos destruídos e foram expulsos do Centro da Cidade e empurrados para essa periferia.

No campo religioso também houve contribuição de barbadianos na implantação do protestantismo na cidade de Porto Velho, segundo Eunice Johnson “a parte religiosa em sua família foi muito bem trabalhada por seus pais a ponto de ela afirmar que sente orgulho em ter recebido essa cultura religiosa de seus pais” (MARQUES, 2010), cuja importância é inegável para referenciar suas identidades, além de manifestar a sua diferenciação no campo religioso. Creio que o aspecto religioso contribuiu para a manutenção da unidade da comunidade barbadiana em Porto Velho e Belém, pois as igrejas estavam ativamente participando da vida da comunidade barbadiana em ambas as cidades. Entretanto, esse protagonismo religioso não foi relevante em Manaus, pois a extinção das atividades da *Egreja Evangelica Amazonense* ocasionou uma dispersão de seus membros pelas diversas denominações protestantes que existiam em Manaus, e isto ocasionou a desintegração do grupo de barbadianos que veio para essa cidade.

Silva (2015) faz um levantamento acerca da formação da atual população do estado de Rondônia investigando a contribuição de negros, destacando que “Rondônia não faz parte da rota do Atlântico e não tem tradição no comércio de escravizados negros africanos”, porém é notório que o processo migratório negro marca a construção da identidade rondoniense. Em seu artigo a autora destaca que os barbadianos, que também eram conhecidos como antilhanos, em seu processo migratório deram origem à uma sociedade que é “exemplo do hibridismo e da ambiguidade” (SILVA, 2015, p. 24) característica da sociedade brasileira.

Além disso, a construção da Estrada do Ferro Madeira-Mamoré foi um fenômeno migratório de todo Brasil e de diversos países³², e em particular dos trabalhadores pobres que achavam que iam ser bem remunerados.

³² Alemães, espanhóis, barbadianos, chineses, portugueses, italianos, brasileiros e outras nacionalidades exóticas.

Companhias anglo-americanas que contratavam pessoas rudes de diversos lugares do país para um trabalho extenuante com riscos de todo tipo na floresta.

Souza (2011) e Blackman (2010) concordam que o migrante conhecido genericamente como barbadiano trata-se de um grupo étnico-cultural em sua maioria de classe média, que exerciam diversas profissões como: artistas, médicos, professores, engenheiros e outros, contribuíram para a formação do estado de Rondônia. A Primeira Igreja Batista de Porto Velho foi fundada por eles no início do século XX, em torno dela constituíram sua comunidade. O inglês em seu dialeto caribenho era falado pelos mais velhos, mantendo uma forte tradição oral. Cultivavam “o samba desde a década de 60 e [estavam] envolvidos em inúmeros projetos culturais, como o movimento popular, o movimento feminista, e o movimento negro na capital do estado” (SOUZA, 2011, p. 41).

De Barbados, trouxeram a cultura musical junto com o clarinete, o banjo e a bateria, formada apenas de bumbo e prato. Também trouxeram o cricket como esporte praticado ainda por alguns da comunidade. O ponto mais forte de entrelaçamento desta comunidade foi a religião protestante, por meio dela veio a cultura musical e a educação formal, na década de 1920 eles montaram uma escola de português para suas crianças. Isto se deve ao fato de ser o único grupo da antiga MMRC³³, a ter o privilégio de trazer suas esposas e buscar suas famílias e a partir disso puderam reproduzir e manter sua cultura (BLACKMAN, 2010, p. 72-73).

As tradições familiares, a religiosidade e a língua geraram e geram o sentimento de pertencer a um grupo muito específico fizeram com que a comunidade caribenha mantivesse sua presença em destaque na sociedade rondoniense, construindo a partir desses laços com o passado suas representações identitárias.

Blackman (2015) acrescenta em outra pesquisa a necessidade de reconhecer as “identidades, dos/as imigrantes negros/as das Antilhas, o qual utilizamos a nomenclatura antilhanos/as, como melhor forma, de denominação para uma comunidade multicultural”, tratando a “imigração, cultura e identidade deste grupo para Amazônia, mais principalmente, para Porto Velho”. Acrescenta-se aqui outro termo pelo qual são tratados os barbadianos, o termo “antilhano”, pois barbadianos faria referência apenas aos vindo de Barbados, enquanto antilhanos possui um caráter mais amplo e refere-se aos imigrantes dos vários países caribenhos e acrescido do

³³ MMRC – Madeira Mamoré Railway and Company.

prefixo “afro” remete à sua ancestralidade africana, da qual manifestam orgulho de possuir.

Destaco que o termo “afro-antilhano” se aplica com propriedade aos descendentes que residem em Porto Velho / RO por serem seus ancestrais oriundos das diversas ilhas do complexo geográfico conhecido como Antilhas, contudo em minha pesquisa constatei que os descendentes que vivem em Manaus são filhos de imigrantes oriundos da ilha de Barbados, por esse motivo mantenho o termo pelo qual eram conhecidos e ainda são lembrados na cidade de Manaus.

Ressalvando que Souza (2011) acrescenta ainda o termo “*West indians*” – Índios Ocidentais – utilizados pelos britânicos para denominar os caribenhos de forma genérica, além disso é um termo amplo utilizado pela historiografia regional. Ao narrar as trajetórias de vidas dos descendentes em Manaus podemos aplicar os termos de modo intercambiáveis, contudo, opto por um deles, o termo barbadiano, por ter encontrado em campo descendentes de imigrantes oriundos apenas de Barbados, isso me levou a pensar que o termo representa bem os descendentes que encontrei na cidade de Manaus e eles próprios optarem por essa autoidentificação. Contudo, é possível aplicar o termo afro-antilhano às consultoras e aos consultores desta tese, por entender que esse termo também se refere à ilha de origem das famílias aqui representadas.

Lima (2013) examina o percurso imigratório dos barbadianos em Belém nas primeiras décadas do século XX, mas também inclui Manaus e Porto Velho, uma vez que ela buscou em sua pesquisa explicitar “os contextos e as situações nos quais os sinais de identificações de tais negros foram manipulados para marcar distinções, por eles e por outros, em função dos símbolos (de prestígio e de estigma) a identidades inglesa, brasileira e barbadiana” (LIMA, 2013, p. 16), portanto a pesquisa busca dar respostas a questões de identidade e alteridade surgidas no contexto vivencial em que se encontravam brasileiros e estrangeiros, conflito e cooperação nas relações sociais marcadas pelo jogo do esquecimento e da memória.

Os barbadianos contribuíram para a sociedade rondoniense de diversos modos, inclusive na educação, como destaca Schuindt (2016). A partir da reconstituição histórica da formação do estado de Rondônia, pois na busca por preservar sua identidade cultural os barbadianos conversavam entre si em inglês, mas devido a necessidade de comunicação com os brasileiros deram origem às primeiras

escolas de Porto Velho, demonstrando sua “bagagem educacional diferenciada e mantiveram essa bagagem repassando-a a seus filhos através de ensino sistemático organizado em forma de escola” (Schuindt, 2016, p. 2).

Blackman (2020) ao combater em sua tese estigmas generalizantes acerca das mulheres barbadianas demonstra que é inaceitável a “premissa de que **todas** as mulheres de origem afro-antilhana inglesa prestaram atividades de meretriz” (Blackman, 2020, p. 23, grifo da autora). Ela busca corrigir esse equívoco apresentando mulheres afro-antilhanas que se destacaram atuando na educação, para ela

atuação da mulher afro-antilhana inglesa e descendência, bem como, constatado a política educacional em comunidade afro-antilhana de Porto Velho desde o início do século XX. Uma colaboração histórica, no sentido de minimizar as lacunas existentes sobre a preexistência ao estabelecido pelo poder do estado brasileiro, no que tange, a instituição escolar da presença letrada e pedagógica de iniciativa da imigração advinda do Caribe Inglês na conjuntura do espaço afro-amazônico. Apesar da importância da comunidade afro-antilhana inglesa para o surgimento do município de Porto Velho, as questões educacionais ficaram à margem da temática central, que sempre foi em torno da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Assim, esta investigação pode possibilitar uma visão mais aprofundada, menos reducionista e permitir disseminar a anterioridade da contribuição da mulher negra” (Blackman, 2020, p. 27)

Ao desconstruir o estigma da prostituição imposta por historiadores que a antecederam, Blackman (2020) evidencia a anterioridade das mulheres afro-antilhanas no estabelecimento e manutenção de uma educação básica que supria a ausência de políticas públicas no âmbito da educação a cidade de Porto Velho/RO. Ao que Blackman (2020) chama de educação informal, sustentada por mulheres negras afro-antilhanas, é a semente da escola formal que foi implantada na cidade de Porto Velho. Por se tratar de imigrantes ingleses a escola era bilíngue e mantida pela comunidade barbadiana no intuito de formar seus jovens e manter suas tradições (Blackman, 2020, p. 82).

4.1.3 Ingleses negros em Manaus: os barbadianos

A presença inglesa em Manaus era marcante no início do século XX, eram os grandes comerciantes, os administradores de empresas de serviços públicos, as empresas administradoras do Porto de Manaus, Transporte público (os bondes), Iluminação, Água e esgoto, mercados, navegação, enfim, os ingleses não eram desconhecidos dos manauaras. Samuel Benchimol (2009) dedica um capítulo de sua obra *Amazônia: formação social e cultural*, intitulado “Tempo dos ingleses” para descrever a contribuição britânica à formação da cidade de Manaus. Tempo em que findava o século XIX e se iniciava o XX, momento em que ocorre “o apogeu do ciclo da borracha e no auge do prestígio e do poder do Império Britânico que se fazia presente nos cinco continentes e nos sete mares [lugares onde] o sol jamais se punha” (BENCHIMOL, 2009, p. 225).

Porém, o estranhamento foi causado por outra presença inglesa, são ingleses negros! Ainda que apresentassem os diacríticos culturais da *inglesidade*, como diz Hall (2003), pois falavam inglês, vestiam-se como ingleses, praticavam esportes britânicos (críquete / *cricket*; futebol / *football*), suas comidas eram as mesmas que os ingleses comiam em suas casas, eram preferidos para o trabalho nas empresas e residências inglesas em Manaus, contudo em suas aparências eram semelhantes aos que a sociedade brasileira discriminava, eram negros e negras, sua aparência chegava primeiro que sua nacionalidade. Apesar de todos os aspectos da cultura inglesa estarem manifestos em suas vivências diárias não eram tratados como os ingleses!

A trajetória barbadiana em Manaus pode ser rastreada em sua história por meio dos jornais do início do século XX, especialmente Jornal do Comércio. Além desse meio de comunicação encontro também registros nas igrejas evangélicas que se instalaram na cidade nesse período: Anglicana e Batista.

Marcus Carver fundou a Igreja Anglicana em um bairro de Manaus em que a presença barbadiana nela era significativa. Em seus relatos *A short history of Bethesda Mission* (1899) e nos periódicos *A Paz* (1898) e *O Monitor* (1901) publicados por ele para divulgação de suas atividades, encontramos diversas referências aos

barbadianos que se congregavam em sua igreja. Por exemplo, em *O Monitor* (01/08/1901, p. 2), encontramos a seguinte nota:

No dia 9 de julho p. findo tomou passagem para Barbados onde pretende fixar sua residência a nossa estimada irmã Janet Ashby. Auguramos-lhe uma feliz viagem e se algum dia lembrar-se (sic) da nossa congregação, onde deixa um claro teremos um fervoroso bem vindo (sic).

Referência a uma senhora barbadiana, tratada pelo nome, portanto bem conhecida da comunidade religiosa, que retornou para sua terra natal e fazia falta na comunidade eclesiástica.

Alguns registros da presença barbadiana na *Egreja Evangelica Amazonense*, podem ser encontrados na carta destinada ao Arcebispo da Igreja Evangélica Anglicana do Brasil (IEAB), Dom Edmund K. Sherrill, datada de 17 de setembro de 1959, cuja autoria atribuiu-se ao Rev. Alton Henry Stivers, que se encontrava em Belém à frente da Igreja Anglicana. Nesta carta encontramos duas referências aos barbadianos. A primeira quando se refere a Sra. Florence Mello que é identificada como “uma viúva barbadiana”, e sabemos que se trata da viúva do Rev. Juvêncio Paulo de Mello. A segunda, faz referência a “um bom núcleo (talvez 15, 20 ou mais) de pessoas das *Índias Ocidentais (West Indians)* e seus familiares que foram batizados ou confirmados pelo Bispo Evans” (STIVERS, 1959, grifo nosso). Essas pessoas eram membros da *Egreja Evangélica Amazonense*, contudo, estavam congregando-se em outras denominações protestantes em Manaus”. Segundo Carver (1899, p. 4) eram “pessoas que trabalhavam no pesado e só podiam ir às noites e aos domingos aos trabalhos da Missão”³⁴. Marcos Darcheville enviou-me dados do livro de batismo da Igreja Anglicana de Belém, nesse livro encontram-se registros de diversos batizados na Capela São Salvador da *Egreja evangélica Amazonense*, a mesma igreja fundada por Carver.

Outro exemplo da presença afro-antilhana em Manaus na *Egreja Evangelica Amazonense* é o jovem Clemente Guaiaté Thomas, dentista e professor, filho de barbadianos. Em contato com seu filho, William Thomas, obtive algumas informações,

³⁴ All are hard working people, and can therefore give their evenings and Sundays to the work of the Mission.

pouco material, porém importante. Na ocasião em que conversamos William Thomas estava morando na cidade do Rio de Janeiro e informou que seu

avô veio da ilha de Barbados para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Morreu na selva, sua esposa com seus filhos se relocou para Manaus. Os barbadianos tinham uma cultura diferente dos habitantes e imigrantes locais. Eram anglicanos, com muitos anos de estudo formal, médicos, pastores, dentistas. Meu pai (1908-1981) formou-se como dentista e atuou como missionário junto aos ribeirinhos da região Amazônica³⁵.

Nas palavras de William havia um distanciamento entre os barbadianos, a população local e outros imigrantes que se encontravam na cidade de Manaus do início do século XIX. Religião incomum na cidade, a língua e a formação acadêmica contribuíam para esse distanciamento. Digno de nota é a referência que William faz ao fato de que seu pai, além de dentista, atuava como missionário nos rios amazônicos, explicarei isto adiante no texto. William concordou em enviar material de pesquisa sobre seu pai, contudo perdi o contato com ele ao deixar de responder minhas mensagens, talvez sinal dos tempos em que vivíamos, pessoas, amigos, conhecidos, parentes nos deixam sem se despedir. Por isto, resolvi incluir o pouco obtido para preservar a memória desses homens e, se em algum momento, seus filhos tomarem conhecimento do que aqui se encontra escrito, aguardo com ansiedade seu contato.

Durante a pesquisa de campo que realizei antes de iniciar o distanciamento social causado pela pandemia identifiquei as seguintes famílias de descendentes de barbadianos em Manaus: Guaité Thomaz, Scantbelruy, Chase, Gibbs e Redman. Em diálogo com representantes das famílias que retornaram os contatos ou me receberam para conversas informais e entrevistas acerca da pesquisa, enquanto continuava a busca por representantes das outras famílias.

Aliás, no final do século XIX o fluxo migratório da Europa para a América e entre os países do continente americano foram intensos, assinalado como ponto decisivo para essa intensa mobilidade humana as condições sociais e econômicas, por isto, “quase todos os analistas afirmam hoje que, principalmente após 1870, os fluxos

³⁵ Conversa informal com William Thomaz por meio do Messenger, realizada em 27 de junho de 2017.

migratórios e as condições econômicas da América estavam estreitamente relacionados” (KLEIN, 1999: p. 23). Um desses processos é que ocorreu no início do século XX e deixou rastros que podem ser identificados ainda em nossos dias e que descrevo nesta tese.

Na história desses processos migratórios “o Caribe e a Amazônia tem estabelecidos suas relações, que envolve não só o trânsito de pessoas, mas também de ideias” (COUTO, 2016, p. 153), portanto, esta relação não é de hoje, historicamente houve diversas migrações entre as regiões, o que levou Herbert S. Klein a afirmar que

o grande número de viagens marítimas também garantia contato constante e relativamente imediato com todas as nações americanas do Atlântico. Para citar um único exemplo, no período posterior a 1880, partiam do porto de Santos, no Brasil, vários navios por semana com destino aos principais portos europeus do Mediterrâneo e até do Atlântico Norte, e todos tinham capacidade de transportar na terceira classe várias centenas ou mesmo milhares de emigrantes (KLEIN, 1999, p. 24).

Esta movimentação de embarcações nesse período não acontecia apenas no sudeste do país, na Amazônia vapores pertencentes à “*Booth or Red Cross Line*”³⁶ cortavam os rios da Amazônia interligando Manaus, Belém, Barbados, Nova Iorque e Liverpool. Esses imigrantes foram atraídos pelas oportunidades de trabalho em Manaus, cidade que experimentava um período de desenvolvimento econômico por causa da exploração da borracha e um acelerado processo de urbanização.

Esses imigrantes além de encontrarem um clima diferente de seus países de origem, contraíam doenças, exploração de sua mão-de-obra, acrescentando a isso, as dores emocionais da saudade do lar, da ausência familiar, distância dos amigos, de seus costumes e cultura. Tudo era novo e fonte de angústia. Afinal, as pessoas não migram porque estão bem, mas porque não conseguem alcançar suas metas no lugar em que estão.

Silvia Maria Quintino Baraúna, em sua dissertação “Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920 – 1945” (2010), apresentada ao PPGH/UFAM, buscou

³⁶ Empresa de propriedade de Alfred Booth que fazia ligação entre Manaus e a Europa, incluindo a partir da década de 1880 a América do Norte. Foram aproximadamente 103 anos de atividade nessas rotas (PENNINGTON, 2009, p. 141). Facilmente encontramos nos periódicos que circulavam em Manaus nesse período listas de passageiros e chamadas que descreviam os Barcos que saíam e chegavam, assim como seus destinos e origens.

ressaltar as experiências sociais de imigrantes nacionais e estrangeiros na cidade de Manaus no período citado no título considerando as condições de vida e trabalho de imigrantes em Manaus, traz citações referentes aos barbadianos que foram atendidos no hospital da Santa Casa, como ela descreve:

Pesquisando o Jornal do Comércio conferimos informações que demonstram a nacionalidade de estrangeiros indigentes, uma vez que este jornal possuía uma coluna de notícias sobre ocorrências policiais e ainda informava alguns casos de internação de indigentes no hospital da Santa Casa. Assim, o jornal expôs em suas páginas a internação de dois imigrantes que deram *'entrada ontem na Santa Casa, o marítimo Mário Fidel, barbadiano de 22 anos de idade, com ferimentos na cabeça. A polícia informou que o homem foi ferido pelo seu parceiro Luís Costa em frente ao Café Suíço'* (Jornal do Comércio. Manaus nº 5628, de 2 de janeiro de 1920).

Outra nota dizia que “foi enviado para o hospital da Santa Casa o embarcadiço Delair Clemente, barbadiano, morador da Villa Operária, à Rua Vinte Quatro de Maio” (Jornal do Comércio. Manaus, novembro de 1922 nº 6.635) (BARAÚNA, 2010, p. 73, 74)

Como já foi descrito acima, eram trabalhadores em diversos setores da economia manauara, e como percebemos, também, eram notícia recorrente nas páginas policiais do Jornal do Comércio. Por quais razões? Inferimos que por se tratar de negros que não se submetiam com facilidade aos ataques racistas, por falarem inglês e por ocuparem determinados postos de trabalho nas empresas inglesas estabelecidas em Manaus, tornaram-se alvo de difamação junto à sociedade.

No Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM encontrei a dissertação de Ednilda Maria Dos Santos: “Identidades e trajetórias de docentes negra(o)s da UFAM”, defendida no ano de 2010, pesquisa que se revelou importante para esta tese tanto em seu aspecto antropológico, quanto histórico. Partindo de experiências pessoais discriminatórias e preconceituosas sofridas por ela enquanto docente da rede pública de ensino, a autora buscou “investigar as trajetórias acadêmica e profissional de alguns docentes negra(o)s da UFAM me propus a analisar o processo de construção, desconstrução e reconstrução das identidades desta(e)s docentes negra(o)s” (SANTOS, 2010, p. 21), dentre os entrevistados por ela encontra-se um descendente de barbadianos, professor aposentado da UFAM, em sua entrevista ele expõe elementos que discutem conceitos como identidade, racismo,

discriminação e engajamento, por se tratar de um relato em primeira pessoa de um descendente de barbadiano, é interessante observar que são citados os mesmo problemas enfrentados por meus consultores em diversos locais e situações na cidade de Manaus, portanto, não importa a condição social ou local em que se encontra o descendente sua condição sempre será estigmatizada por sua cor, antes de qualquer outro atributo. Como diz Goffman (2011), a fachada do descendente, como construto social, se apresenta como elemento diferenciador, valorizado pelo descendente, contudo usado por aqueles que o discriminam para os segregar.

4.2 Sistema de crenças

Três elementos da cultura tornam-se constituidores de identidades e resistências: a religiosidade, a língua e a educação familiar. Poderiam ser chamados de marcadores de diferença, como indica Lilian Schwarcz (2019).

Destaco aqui o aspecto da religiosidade e infiro, pelos documentos, que esta imigração, de certo modo, motivou construção do primeiro templo protestante em Manaus de confissão Anglicana no bairro da Praça 14, local em que os imigrantes barbadianos se estabeleceram na cidade de Manaus (CARVALHO, 2016). Neste lugar, dentre os diversos grupos de imigrantes que ocuparam no início do século XX o que hoje é conhecido como bairro da Praça 14, negros descendentes de escravos vindos do nordeste brasileiro, especialmente o Maranhão, além disso, foram os fundadores da Comunidade Quilombola Barranco, localizada na avenida Japurá, dentre eles encontramos um grupo de imigrantes estrangeiros popularmente chamados de “barbadianos” (afro-antilhanos, *West indians*, antilhanos, barbadenses (atual gentílico) e *bajan*) oriundos da ex-colônia da Coroa Britânica, Barbados, muitos deles de confissão anglicana, falando inglês e alguns com formação acadêmica. Contudo, eram negros e ainda que não estivessem nas mesmas condições dos negros escravizados recém-libertos que aqui viviam, eram imigrantes negros em um país de mentalidade escravista e racista, condição suficiente para não terem privilégios em um país que vivia o período pós-abolicionista.

Uma das hipóteses iniciais da pesquisa consideramos esse aspecto da religiosidade um importante marcador de diferença na constituição de suas identidades, mas também, a distância geográfica, a falta de recursos financeiros, foram fatores que contribuíram para a dissolução da comunidade Anglicana em Manaus, o que acarretou a dissolução significativa e a desagregação do grupo de barbadianos que viviam em Manaus, ocorrendo um movimento contrário ao que houve em Belém e Porto Velho, cujas comunidades afro-antilhanas mantiveram suas tradições, práticas e representações ligadas em torno das igrejas Batista e Anglicana, mantendo o vínculo comunitário e diferenciando os negros barbadianos dos negros brasileiros.

Mas a vida comunitária do início do século XX para os barbadianos que se encontravam em Manaus não era apenas de abandono. Devido as suas origens britânicas os barbadianos declaravam a religião protestante em seu ramo anglicano e recebiam visitas regulares de pastores evangélicos que residiam em Belém (CARVALHO, 2016). Os vestígios dessas visitas encontram-se abaixo onde insiro uma relação de batizados retirada do livro de Registro de batismo da Igreja Anglicana de Belém, mas que registram os fiéis que foram batizados na Igreja Anglicana de Manaus.

LISTA DE CRIANÇAS BATIZADAS NA IGREJA ANGLICANA							
Nasc.	Bat.	Criança	Filiação	Sobrenome	Lograd.	Profissão	Rev.
3 June 1917	21 Out. 1917	Betty	Percy Hubert e Florence Ellen	Ketnor	Manaus	Engenhei.	Arthur Miles Moss
21 maio 1920	19 setem. 1920	Esmeralda Josephina	Juvêncio Paulo e Florence Albertha	De Mello	Manaus	Guarda 2 Manaós Harbour Limited M.H. L	Arthur Miles Moss
12 Mar 1920	26 Setem. 1920	Alberto Fernandes	Alrica	McDonald	Manaus	Doméstica	Arthur Miles Moss
30 jan. 1919	29 Out. 1922	John Percy	Mabel	Brooks	Manaus	Costura	Arthur Miles Moss

24 Jan. 1921	20 Dez. 1922	Antonieta Mildred Preston	Carlos da Silva e Florence Mary	Mesquita	Manaus	Servidor Público	Arthur Miles Moss
22 Nov. 1923	1925 Fevei. 1925	Rosita	George e Rosa	Forbes	Manaus	Engenei.	Arthur Milles Moss
19 Jan. 1926	20 Março 1926	Phyllis Margaret	Harry Wilson e Amelia Carmen	Blake	Manaus	Escrituári do Banco (Lisa)	Arthur Miles Moss
16 Sete 1929	9 Setem. 1931	John	John e Maria	Hector	Manaus	Inelegível	Arthur Miles Moss
25 Sete 1923	26 Sete. 1932	Othilia Christina					
15 Dez. 1924	26 Setem 1933	Garland	Louisa	Gale	Manaus 7 de Setembro, 46	Costura	Arthur Miles Moss
24 Abri 1927	26 Sete. 1933	Olga					
4 Agos 1928	26 Setem 1933	Ina					
6 Mar. 1933	6 Junho 1939	Carlos Jefferson	Evelyn	Greenwich	Lavadeira	Leonardo Malcher Manaus	Arthur Miles Moss
5 Agos 1926	15 Junho 1943	Oswaldo Francisco	Antonio José e Luiza Francisca	Remedios	Manaus	-	Bispo D. Ivor Evans
8 Jul. 1940	15 Junho 1943	Safira					
21 Ju. 1939	15 Junho 1943	Ida Luiza	Heleno e Emilia Ludina (?)	Silva	Manaus	Guarda	Bispo D. Ivor Evans
3 Agos 1939	15 Junho 1943	Christopher Michael John	Alfred Michael e Mabel	Hore	Manaus	Professor e Mercante	Bispo D. Ivor Evans
6 Ju. 1940	15 Junho 1945	Mary Elizabeth	Benjamin Gordon	Anderson	Manaus	Gerente > Banco de Londres	Bispo D. Ivor

7 Jan. 1940	15 Junho 1943	Jan Gordon	e Ethel Marion			de Manuas	Evans
20 Jan. 1951	17 Feve. 1951	Norman Hilary	Norman Penelope Ann	Baines	Manaus	Inelegível "Company Official"	Bispo D. Ivor Evans

Tabela 01. **Lista de crianças batizadas na Igreja Anglicana do Pará (1912).** Elaborada por: DARCHEVILLE, Marcos Evaristo. Ano 2020.

Essas visitas ocorreram do início até meados do século XX³⁷. Todos os registros são de pessoas batizadas na igreja anglicana de Manaus o que indica que não havia pastor ordenado na igreja de Manaus e se fazia necessário que o bispo da Diocese Anglicana de Belém visitasse a Igreja que se encontrava em Manaus, podemos observar, ainda, que não houvesse regularidade nessas visitas devido ao espaço de tempo decorrido entre uma e outra visita. Na lista há diversos brasileiros entre as famílias que batizavam seus filhos na igreja Anglicana, contudo destaco o número considerável de barbadianos que se encontravam congregando nessa igreja e se dispersaram por outras igrejas evangélicas que se encontravam na cidade.

A dispersão fez com que essas famílias se afastassem umas das outras, enfraquecessem os vínculos pátrios e identitários dos migrantes, restando os contatos interfamiliares com o casamento de alguns membros das famílias que apresento aqui nesta tese. O campo também mostrou que não houve permanência de algumas famílias no meio evangélico, seguiram outras religiões como veremos nas transcrições e análises das entrevistas que faço adiante.

Além desse registro, encontramos a carta destinada a Dom Edmund K. Sherrill, Arcebispo da Igreja Evangélica Anglicana do Brasil (IEAB), datada de 17 de setembro de 1959, cuja autoria atribuiu-se ao Rev. Alton Henry Stivers, que se encontrava em Belém à frente da Igreja Anglicana. Nesta carta encontramos duas referências aos barbadianos. A primeira quando se refere a sra. Florence Mello que é identificada como “uma viúva barbadiana”, e sabemos que se trata da viúva do Rev. Juvêncio

³⁷ Em minha dissertação de Mestrado em História Social no PPGH/UFAM apresento essa discussão acerca das visitas pastorais que ocorreram entre 1908, ano em que o Missionário Marcus Carver retorna para os Estados Unidos e deixa a igreja sob os cuidados de Juvêncio Paulo de Mello, e 1944 ano em que a igreja encerra suas atividades oficialmente e se encontrava sob a supervisão de Josefina de Mello e Clemente Guaiaté Thomaz.

Paulo de Mello. A segunda faz referência a “um bom núcleo (talvez 15 – 20 ou mais) de pessoas das Índias Ocidentais (*West Indians*) e seus familiares que foram batizados ou confirmados pelo Bispo Evans” (STIVERS, 1959, grifo nosso). Essas pessoas eram membros da *Egreja Evangelica Amazonense*, contudo, pela data da carta, estavam congregando-se em outras denominações, mas na visão do Rev. Stivers representavam uma boa oportunidade para “reconstruir a Igreja [Anglicana] em Manaus”. O Rev. Juvêncio Paulo de Mello, liderou a igreja até 1934, ano de seu falecimento, do casamento com D. Florence (barbadiana) com quem teve uma filha: Josephina de Mello, que também faz parte desta pesquisa, por seus relevantes trabalhos nas áreas de saúde e educação nas cidades de Manaus e Santarém/PA, seus parentes ainda moram em Manaus.

4.3 A percepção dos barbadianos na imprensa de Manaus

As relações entre brasileiros e barbadianos não foram amistosas, houve rejeição por parte dos brasileiros aos barbadianos como podemos ver nos relatos sobre discriminação, racismo e distinção por causa da cor e da religião. Entre 1910 e 1940 foram anos difíceis para os barbadianos. Os jornais do início do século, especialmente o *Jornal do Comércio*, traziam notícias que difamavam, estigmatizavam, caluniavam, espetacularizavam as ações dos barbadianos com imagens e descrições grosseiras de modo que podemos inferir que o objetivo das notícias era fazer com a população se revoltasse com os barbadianos e não os recebessem nem oferecessem empregos a eles.

Nos relatos que ouvimos de nossas consultoras encontramos informações que corroboram essa imagem de racismo e preconceito sofrido pelos barbadianos, mudavam as cidades, porém, essas práticas para com eles não modificavam. Eram assíduos frequentadores das páginas policiais, a estética barbadiana era figura grotesca das máscaras carnavalescas, os jornais faziam sorteio dessas máscaras entre seus leitores. Como veremos a seguir.

Das diversas notícias encontradas percebe-se a quantidade relevante de referências negativas aos barbadianos, por exemplo: “Perigoso boxeur: um barbadiano esbofeteia barbaramente um homem laborioso”³⁸, trata-se do relato de uma briga ocorrida na Villa Municipal e registrada na segunda delegacia de polícia em Manaus, se atentarmos à notícia o agressor já está qualificado como perigoso, é descrito como um experiente lutador e identificado a partir de sua origem nacional e étnica. Quanto ao agredido poucas informações a seu respeito, trata-se apenas de um “homem laborioso”, sem origem, sem cor, mas um trabalhador agredido por aquele que é seu oposto, um desocupado, um desajustado agredindo um trabalhador.

Figura 12 – Notícia sobre o “Perigoso boxeur”



Fonte: Jornal do Comércio, 1912, edição 02889 de 6 de maio de 1912.

³⁸ Edição de 22 de abril de 1913 do Jornal do Commercio.

Essas qualificações e desqualificações visam caracterizar os que indesejáveis da cidade. Como aponta Goffman são as fachadas apresentadas pelos atores sociais em suas interações, que podem ser escolhidas livremente por quem as apresenta ou construídas por outros que desejam que os outsiders sejam reconhecidos por elas e indesejados na sociedade em que se encontram. “A fachada pessoal e a fachada dos outros são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas” (GOFFMAN, 2011, p. 14).

Chamo a atenção para termos estigmatizantes utilizados para descrever o barbadiano (em particular) e todos os que com ele compartilham de suas características físicas (em geral): “Tem ele a cor tenebrosa dos filhos de Barbados”; e “belicoso ‘tição’”. Termos carregados de racismo e xenofobia que fazem a distinção entre os que são e os que não são pessoas desejáveis nessa sociedade.

Figura 13 – Notícia sobre o “Tarde Ensanguentada”

TARDE ENSANGUENTADA

**Uma tia, amante de um sobrinho,
assassina-o por ciumes**

PRISÃO DA CRIMINOSA

Na delegacia do 2.º districto, não havia apparecido, até 5 horas da tarde, um caso de sensação. As autoridades passeavam ao longo da sala, sem nenhum facto de monta. Mal o relógio perde pelo ambiente as cinco badatadas, pára em frente á repartição policial, quasi á curva da avenida Eduardo Ribeiro, um *bond Tramways*. Levados pela curiosidade, alguns inspectores e agentes, de folga na occasião, assomam á sacada da sala da permanencia. Descia do vehiculo, conduzido por um ci-

na delegacia o *barbadiano* Mauricio, relatou o seguinte:
— Este homem appareceu na merceria assim, como os senhores vêm. Ao entrar, pediu-me remedio para curar-se. Disse-lhe não ter nada que servisse para um caso tão grave e que só o que podia fazer *era* trazel-o á policia. *Elle* aceitou. Ao tomarmos o *bond*, luctei com difficuldade para conduzil-o até aqui, porque o conductor oppunha-se a que *elle* embarcasse. Tanto pedi, tanto roguei, que o conductor, a conselho

fugiára no predio n. 129 da rua 10 de julho, onde reside sua patrão, a cançonetista Othilia, da troupe do *Chalet Jardim*.
¶ Voltendo á cidade e em direcção á 10 de julho, o major Rego Barros conseguiu prender a *barbadiana* Isabel Diones, que *era* tia e amante assassina de Mauricio.
Interrogada, Isabel confessou o crime, dizendo haver praticado o attentado com uma thesoura grande, aberta, golpeando duas ou tres vezes o pescoço de Mauricio. A mulher de quem Isabel tinha ciumes, chama-se Felismina e é tambem *barbadiana*.
O dr. M. Dias, medico legista da policia, fez a competente autopsia no cadaver de Mauricio.
Isabel, que *déra* primeiramente na policia o nome de Isabel Moraes, foi internada no xadrez, de onde sahirá hoje, após as diligencias legais, para a Casa de Detenção.

Fonte: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979. Ano 1912|Edição 02876 (1). Manaus, 22 de abril de 1912.

Fonte: Jornal do Comércio, 1912, edição 02876 de 22 de abril de 1912.

Figura 14 – Notícia sobre o “barbadiano multado por ofensa moral”

Factos policiaes— Hontem, cerca de sete horas da noite, foi preso no Mocó o italiano Luiz Pallaci, por ter ferido ao seu ratricio José Presti, que foi recolhido á Santa Casa de Misericordia.

—Ao xadrez da 1.^a delegacia foram recolhidos: para averiguações, Alfredo Rocha; por suspeita, Caetano Quintiliano.

—Contra um individuo que lhe roubára 39\$000, Raymundo Ferreira dos Santos deu queixa na delegacia do 1.^o districto.

—Com guia policial foi recolhido á Santa Casa o indigente Luiz dos Santos, que se achava preso por gatunagem na 1.^a delegacia.

—Por offensas á moral foi multado o barbadiano Preston Sayme.

Fonte: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979, Ano 1910, Edição 02370 (1), Manaus, 11 de novembro de 1910.

Fonte: Jornal do Comércio, 1910, edição 02370 de 11 de novembro de 1910.

Figura 15 – Notícia sobre o “barbadiano multado por ofensa moral”

Eva... de ebano

Em plena rua dos Remedios, hontem, um barbadiano atirou-se a uma patricia, dando um terrivel escandalo

A barbadiana Helena Scott, me-retriz e residente á rua Lobo de Al-mada numero 33, foi ante-hontem ao quarto que, no “hotel da Ma-dama”, occupa Frederico Miguel, seu velho amigo e patricio.

Ahi chegada, em estado de em-braguez, rompeu varias roupas per-tincentes ao barbadiano que, es-tando ausente, só no regressar pou-de verificar os prejuizos soffridos.

Informado que Helena o fóra pro-curar, Frederico esperou por sua volta, para castigal-a.

A mulher porém só ali appareceu hontem, cerca de sete horas da noite.

Frederico que estava á porta do hotel, vendo-a que se approximava, foi-lhe logo chegando uns murros e pontapés furiosamente applicados, atirando-se-lhe ás roupas que, es-tirangalhadas, deixaram Helena transformada, em plena rua, numa grotesca Eva... de ebano.

O agente Mello, passando pelo lo-cal e vendo o escandalo, fez com que a mulher occultasse, da melhor forma possivel, a sua “plastica”, nos farapos a que ficaram reduzi-das suas vestes.

Isto feito, seguiram os tres para a delegacia do segundo districto a cujo xadrez ficou recolhido Fre-derico Miguel, enquanto Helena, toda vermelha (?) de pejo, seguiu para seus penates.

Fonte: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979, Ano 1913, Edição 03370 (1), Manaus, Pg. 2, Domingo, 14 de setembro de 1913.

Fonte: Jornal do Comércio, 1910, edição 02370 de 11 de novembro de 1910.

Nilza Menezes (2010, p. 75) destaca esta situação de discriminação da seguinte forma:

Apesar de o caribenho ter um grande sentimento de superioridade e de distinção com relação aos negros brasileiros, para a população brasileira que vivia em Belém, Manaus e em Porto Velho, negro era considerado negro, à primeira vista indistintos, nacionais ou estrangeiros, sendo vistos como fator de violência e problema. Os barbadianos, porém, souberam impor-se, distinguir-se através da cultura assimilada ao inglês, tão arraigada em suas convicções, o que fez com que de imediato, permanecessem imunes à ideologia racial predominante no Brasil, resultando daí que algumas famílias desses negros se mantiveram homogêneas e puras, no tocante à etnia, até o presente momento.

Os barbadianos puderam impor-se às condições materiais mantendo-se ligados às suas origens, os costumes britânicos (a língua, a religião e a educação) serviram de suporte para a manutenção dessa identidade caribenha-britânica, que de certo modo ainda encontramos em seus descendentes que se orgulham de serem herdeiros dessas culturas. Na pesquisa com famílias levantamos que havia o cuidado dos primeiros imigrantes em casarem-se com outros imigrantes caribenhos.

Porém, não encontrei apenas relatos negativos sobre os barbadianos, temos alguns registros da presença barbadiana na *Egreja Evangélica Amazonense*. No jornal O Monitor (01/08/1901, p. 2), encontramos a nota: “No dia 9 de julho p. findo tomou passagem para Barbados onde pretende fixar sua residência a nossa estimada irmã Janet Ashby³⁹. Auguramos-lhe uma feliz viagem e se algum dia lembrar-se (sic) da nossa congregação, onde deixa um claro teremos um fervoroso bem vindo (sic)”. Referência clara a uma senhora, tratada pelo nome, barbadiana, que retorna para sua terra onde fixaria sua residência e que fará falta na comunidade eclesiástica. Podemos inferir que havia uma participação ativa dessa senhora na vida da igreja.

³⁹ Já me referi a essa notícia anteriormente quando expus a presença barbadiana em Manaus, agora retomo pelo aspecto dos periódicos que circulavam em Manaus, vide p. 93.

CAPÍTULO 5 RELATOS BIOGRÁFICOS DE BARBADIANOS EM MANAUS

*"Sob a história, a memória e o esquecimento.
Sob a memória e o esquecimento, a vida.
Mas escrever a vida é uma outra história.
Inacabadamente."
Paul Ricoeur*

Passo agora a apresentar os consultores que concederam entrevistas, bem como personagens históricos que destaquei entre os descendentes de barbadianos na cidade de Manaus para comporem esta tese como seus representantes. Tomo a abordagem biográfica no sentido de trajetória de vida, pela qual faço uma hermenêutica dessas vidas e suas realidades sociais, no sentido em que a ação humana é passível de interpretações por estar mediada pelo símbolo na construção da realidade social, de acordo com Ricoeur (2012).

Desse modo opto por conduzir essa abordagem de modo a ir colocando os consultores e personagens no foco central da tese, em torno dos quais as representações e práticas sociais dos descendentes de barbadianos são analisadas e permitam-me fazer inferências a partir delas para outros descendentes e famílias. O objetivo é compreender como as experiências e contextos da vida de uma pessoa molda e representa outras tantas de sua época.

A trajetória de vida é única para cada pessoa, moldada por diversos fatores como cultura, família, educação, profissão, saúde, relacionamentos e outros aspectos da vida social. Esses fatores podem ter um impacto positivo na maneira como uma pessoa se desenvolve e como ela lida com os desafios e oportunidades que surgem ao longo do caminho.

Trajetoórias de vidas se refere aos caminhos e experiências que uma pessoa tem ao longo da sua vida, incluindo suas escolhas, circunstâncias e eventos que influenciaram o curso da sua jornada. Como destaca Nogueira (2017) "não devemos

nos preocupar com a cronologia dos acontecimentos, justamente porque necessariamente ela nos escapa. Não é preciso reconstruir a trajetória linear das histórias de vida; elas não são feitas nem vividas na linearidade.”

Por meio da trajetória de vida podemos estudar diferentes maneiras pelas quais as pessoas narram suas histórias de vida. No dizer de Ricoeur (2012, 129) “contamos histórias porque afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”.

5.1 Josephina de Mello: a primeira enfermeira doutora de Manaus

No início do século XX as mulheres não tinham fácil acesso nem à educação nem ao mercado de trabalho. A situação das mulheres negras era bem mais complicada, maioria de classe pobre. Sobrava-lhes trabalhos domésticos, vendas de rua, entre outros. Porém algumas superaram as barreiras obtendo acesso à educação básica, o que lhes deu meios para mudar sua condição social. A enfermagem foi um desses meios.

Uma dessas mulheres que superou essas dificuldades foi a Enfermeira Josephina de Mello, filha de Juvêncio Paulo de Mello, líder da igreja *Evangélica de Manaós*, casado com D. Florence (barbadiana). Compreendo a vida de Josephina como um tipo ideal⁴⁰ de descendente barbadiano, por sua contribuição nas áreas de saúde e de educação na cidade de Manaus, aliás ela também cooperou com a saúde em Santarém/PA.

De acordo com Campos (2012), “A história de vida da enfermeira Josephina de Mello não se encerra em sua atuação no campo da Saúde Pública [...], sua trajetória a conduz inexoravelmente para a vida acadêmica e associativa. [Uma] das enfermeiras que venceram a renhida batalha do preconceito para dedicar-se ao desenvolvimento da Enfermagem brasileira. [...] deve ser considerada uma mulher ímpar, uma das ilustres enfermeiras negras do Brasil” (Campos, 2012, p. 85).

⁴⁰ Tipo ideal tomado no sentido weberiano de modelo ou padrão em que Weber busca explicar/compreender a realidade social através do conceito de tipo ideal, sendo visto por Weber como determinante de uma nova conjuntura social, o tipo ideal apresenta-se como ferramenta de compreensão de dimensões da sociedade sendo definido por Weber (2008, p. 260) como uma “construção dogmática, [um] constructo mental [que] nunca é o resultado final do conhecimento empírico, mas sempre apenas um meio heurístico ou um meio de representação (ou ambas as coisas)” o tipo ideal, portanto, não se encontra na realidade, porém se apresenta como um elemento racionalmente observável na sociedade.

Na década de 1930, a USP – Universidade de São Paulo – através de sua Escola de Enfermagem criou um programa de inclusão que selecionava mulheres negras de baixa renda para estudar em curso de formação. O objetivo era ter 30% de seu quadro discente composto por mulheres não brancas. Destas alunas selecionadas encontramos Josephina de Mello, mulher amazonense de Manaus, filha de imigrantes, uma de suas primeiras alunas.

Em sua carreira contribuiu para melhorias no atendimento à saúde no Estado do Amazonas, assim como para a educação dos profissionais, trazendo avanços e melhor estruturação para o ensino de Enfermagem. Josephina de Mello consiste em uma intelectual de suma importância para enfermagem amazonense, propagando o conhecimento e incentivando a formação e capacitação dos profissionais, permitindo repensarmos as histórias e narrativas regionais para além dos grandes heróis (ARAÚJO; OSIS; PERDOMO, 2021).

Sua história está ligada à saúde pública e à Escola de Enfermagem da UFAM. Em 1958 foi nomeada Vice-Diretora da EEM – Escola de Enfermagem de Manaus, em 1965 foi eleita provedora da Santa Casa de Misericórdia de Manaus. Em duas oportunidades recebeu a Menção honrosa da Associação Brasileira de Enfermagem e da empresa Johnson & Johnson – prêmio que destacava a enfermeira do ano de 1969 e 1970 – por seus serviços à frente da EEM e da Santa Casa. Fez jus à Medalha Ana Nery, conferida pela Sociedade Brasileira de Educação (1978) e medalha do Mérito Oswaldo Cruz por seus relevantes serviços no campo da Saúde Pública.

A frente da EEM o ensino na enfermagem teve um novo olhar sobre os programas de disciplinas do curso, com a capacitação dos enfermeiros docentes de novas práticas de ensino e novas metodologias. Inúmeras alunas e alunos de enfermagem foram formados por Josephina, tanto em Manaus como no interior do Estado do Amazonas e em Santarém (PA) encontrei pessoas formadas por ela. Foi diretora Pró-Tempore de 12.11.1993 a 24.11.1994, período no qual se iniciava o processo de transferência da EEM do âmbito do Ministério da Saúde para o Ministério da Educação, vinculando o curso à UFAM.

Figura 16 – Josephina de Mello.



Fonte: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/resistencia-e-resiliencia-de-uma-intelectual-negra-na-enfermagem-do-amazonas/>

Figura 17 – Notícia sobre o Doutorado de Josephina de Mello.

A NOSSA PRIMEIRA DOUTORA EM ENFERMAGEM

Josephina Mello obteve o curso de Doutorado e Docência Livre, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e, conseqüentemente, é a primeira doutora em enfermagem no Amazonas. Josephina confessa estar bastante surpresa com tantas manifestações de carinho e apreço, quando da sua chegada a Manaus (dia 19), pois, não esperava que fosse ser tão homenageada. "Na verdade, diz ela, o concurso foi tão sério e envolvente — era ganhar ou perder — que tive que encarar com bastante seriedade, esquecendo as possíveis manifestações que tanto me sensibilizam".

A doutora em enfermagem é formada pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, com pós-graduação pela Universidade de Mineápolis, Estado de Minnesota-USA e Bacharel em Administração pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Amazonas. Seu currículo é vastíssimo, contando 29 páginas e sua tese de doutorado, apresentado no concurso, tem 55 páginas e é dedicado a seu pai, já falecido.

O Concurso de Títulos constou de apreciação das seguintes categorias de título: formação acadêmica, produção técnico científica e experiência e formação didática pedagógica, e o concurso de provas, destinado a verificar a erudição de sua experiência, assim como os predicados didáticos, constou de prova de defesa de tese inédita, prova escrita e prova didática.

A doutora Josephina é atualmente vice-diretora da Escola de Enfermagem de Manaus e professora de Administração aplicada à enfermagem e ética profissional. É uma profissional verdadeiramente consciente e tem idéias excelentes relacionadas com a Escola de Enfermagem. Seu objetivo principal é ensinar cada vez mais dentro da sua administração visando, futuramente, a um bom conceito para sua escola. É mulher muito comunicativa e inteligente, mostrando uma capacidade profissional excelente, dado ao esforço com que se dedica à sua profissão.

Em setembro próximo, irá aos Estados Unidos com uma bolsa de estudos concedida pela Organização Mundial de Saúde, para observar o programa de educação continuada para professores universitários e executivos. Com isso a enfermeira com os diplomas em Doutorado e Mestrado, obtém mais um ponto para enriquecer seu currículo já tão bem valorizado.

Mas ela não para aí. Cada vez que surgir oportunidade para continuar sua tarefa, aproveitará, pois, segundo ela, não é importante somente para ela, mas também para seus alunos.

Fonte: Jornal "A Notícia", edição de 25/06/1975.

Figura 18 – Quadro de Diretores da Escola de Enfermagem de Manaus de 1949 a 2011, com destaque para o nome de Josephina de Mello.

QUADRO I – Diretores da Escola de Enfermagem de Manaus por tempo de gestão.


Diretores	Tempo de gestão
Rosaly Rodrigues Taborda	02/12/49 a 03/12/54
Isabel Macintyre	01/01/55 a 30/06/58
Iraildes Alves Ferreira	01/07/58 a 08/09/80
Isaura L. de Godoy	09/09/80 a 15/12/80
Terezinha de Jesus Paes de Andrade Barros	15/12/80 a 12/07/85
Josephina de Mello	12/07/85 a 28/07/89
Rita de Cássia Girão de Alencar	28/07/89 a 27/07/93
Lindalva L. Riker	28/07/93 a 11/11/93
Josephina de Mello	12/11/93 a 24/11/94
Maria de Fátima Ferreira Farias	25/11/94 a 25/04/97
Iracema da Silva Nogueira	26/04/97 a 22/10/97 23/10/97 a 28/07/99
Valdelize Elvas Pinheiro	28/07/99 a 27/08/2003
David Lopes Neto	11/08/2003 a 11/08/2007 12/08/2007 a 11/08/2011

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Folha de Admissão de Josephina de Mello ao quadro discente da Escola de Enfermagem da USP.

FACULDADE DE MEDICINA
DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

FOLHA DE ADMISSÃO



Esta folha, cuidadosamente preenchida, deverá dar entrada na Secretaria da Escola de Enfermagem, até 15 de Fevereiro ou 15 de Julho. Pedido algum será tomado em consideração, se não estiver acompanhado dos documentos exigidos.

1 – NOME *Josephina de Mello*
(de acordo com o registro civil)

2 – RESIDENCIA *Rua Major Gabriel, 2186* TEL. *1433*
bairro - rua n.º

3 – DATA DO NASCIMENTO *21 de Maio de 1920* LOCALIDADE *Manaus*
dia mês ano

4 – COR *preta* PESO *47 quilos* ALTURA *1,55* RELIGIÃO *protestante*

5 – ESTADO CIVIL *Solteira* NACIONALIDADE *brasileira*

6 – NOME DO PAI *Juvenio Paulo de Mello* DATA DE NASCIMENTO *10-1-1864*
Endereço *Falecido*
Nacionalidade *brasileira* Profissão *Funcionário da Manaus Harbour Co*
Instrução _____
primária, secundária, superior (em n.º de anos)

Se falecido, a causa mortis *colapso cardíaco*

7 – NOME DA MÃI *Flourence Albertha de Mello* DATA DE NASCIMENTO *13-5-1898*
Nacionalidade *inglesa* Ocupação anterior ao casamento *Enfermeira Obstétrica*
(Bridgetown - Barbados)
Ocupação atual *Doméstica*
Instrução *primária*
primária, secundária, superior (em n.º de anos)

Se falecida, a causa mortis _____

8 – CASO SEUS PAIS ESTEJAM SEPARADOS, OU NÃO VIVA COM ELES, O NOME DA PESSOA COM QUEM VIVE: _____
Residência _____
bairro rua n.º cidade

Pensão? _____ Parente? _____ Amigos? _____
grau

9 – TEM RESPONSABILIDADES DE FAMÍLIA? *Sim* QUAIS? *Manter minha mãe*

10 – QUAIS OS RECURSOS FINANCEIROS DE QUE DISPÕE PARA CUSTEAR AS DESPESAS DO CURSO DE ENFERMAGEM? *Bolsa do Serviço Especial de Saúde Pública*

11 – TERÁ DE RECORRER A EMPRESTIMO PARA COBRIR AS DESPESAS DO CURSO? _____

E. E. 1

Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da US P.

5.2 Helena Walcott: freira e militante na luta por moradia

Guardo em minhas memórias muitas imagens de lugares em Manaus por onde passei quando menino na companhia de meus familiares. Um desses lugares chamava-se “Planeta dos Macacos”, muitos fragmentos de mata nativa (que estavam sendo derrubados para as construções das casas), as ruas eram apenas caminhos em terra batida, muita lama, é o que recordo de uma manhã de domingo, que não sei ao certo porque fui a esse lugar, era o final da década de 1970.

Esse local ao qual me refiro era a semente do Bairro da Redenção, localizado na Zona Centro-Oeste da cidade de Manaus. Essa lembrança foi ativada por essa tese, ou melhor dizendo, por uma personagem/atriz social dela: Helena Augusta Walcott, da qual já ouvira falar diversas vezes. Além disso, esse foi o primeiro bairro que surgiu a partir de sua liderança na luta por moradia para aqueles que não a possuíam na cidade de Manaus, outra coisa, foi por ela batizado com nome de Redenção (libertação), não à toa ganhou esse nome objetivando a ressignificação do espaço na sociedade considerada racista e marcada por retirar direitos dos mais pobres, ela buscava batizar as áreas ocupadas com nomes que tivessem força política.

Como disse antes, o campo nos revela surpresas e uma delas foi essa, descobrir que a Irmã Helena, ativista social e política na cidade de Manaus, fundadora de diversos bairros dessa cidade, era descendente de barbadianos. Filha de Lorenzo Walcott e Clarissa Knights Walcott, ambos nascidos em Barbados. Nasceu em 15 de junho de 1934, em Guajará Mirim (RO), caçula dos sete filhos do casal, que no início do século XX migrou de Barbados para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Por um tempo morou na Bolívia na casa de amigos da mãe para aprimorar a língua inglesa. Sobre as origens de seus pais vejamos o que ela narrou Cavalcante (2016) que transcreve:

segundo seu relato os Ingleses no século dezoito capturavam pessoas na África na região onde hoje é Guiné Bissau e Senegal; e levavam como escravos para a América central, ou seja, o Caribe. Como seus avós e meus pais nasceram em Barbados, um país do Caribe que foi colonizado pelos ingleses e eram, portanto, descendentes destes escravos (CAVALCANTE, 2016, p. 6).

Freire (2021) a descreve como “dona de duas graciosas bochechas negras e de um par de expressivos olhos azeitonados”, era sua aluna em uma turma de Serviço Social na UFAM, e imediatamente a reconhece como tendo sido sua professora, como segue no diálogo abaixo:

– Ah, tive uma professora no Colégio Aparecida, uma freira, que era muito parecida com você. Vilma. Irmã Vilma. Faz uns vinte anos.

– Era eu – confirma Helena, fingindo também não lembrar deste seu aluno capeta. Embora nunca tenha me dado sequer um merecido puxão de orelhas, por via das dúvidas, impetrou um *habeas corpus* preventivo:

– A Vilma era muito severa e mandona. Hoje sou outra pessoa. Mudei muito.

– Já eu, danado e bagunceiro, não mudei nada. Continuo briguento e encrenqueiro – respondi, também por via das dúvidas.

Ela riu. Rimos. É muito raro, mas aconteceu: minha ex-professora era agora minha aluna e desse lugar continuava nos ensinando sábias lições. Trazia para a sala de aula uma trajetória rica de lutas, que merece ser lembrada na primeira crônica deste Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 2021. (FREIRE, 2021)

“Minha ex-professora era agora minha aluna e desse lugar continuava nos ensinando sábias lições” (FREIRE, 2021), nessa dialética professora-aluno-professor vemos que nas trajetórias de vidas, os lugares ocupados por nós não são fixos, como as identidades não são, ao contrário, elas são construídas e narradas ao longo do tempo (SAID, 2007; RICOEUR, 2012), ocupa-se diversos lugares de fala dos quais os interlocutores vão se narrando de modos diferentes: “A Vilma era muito severa e mandona. Hoje sou outra pessoa. Mudei muito”, era outra pessoa, ainda que a mesma.

A agora aluna de Freire, continuava freira, mas com outra identidade construída ao longo do tempo. Memória importante ao professor Freire e à Ir. Helena, a ponto de merecer a primeira crônica do ano de 2021 (FREIRE, 2021). “Rimos”, essa ação demonstra que do passado ficaram as boas memórias e agora as trajetórias de vidas do professor e da aluna se entrelaçam em uma nova jornada, mas que retoma o passado recente de lutas pela causa social de moradias.

Nas décadas de 1970 e 1980 as ocupações de terrenos desocupados em Manaus ganharam força, foi nesse período que a “liderança da Irmã Helena ficou conhecida em toda a Amazônia por sua coragem em enfrentar as elites e o poder local

em favor do direito à moradia para a população subalternizada de Manaus” (CAVALCANTE; ASSIS, 2013, p. 1).

De acordo com Bentes (2022) ela era

corajosa, profeta e sábia. É assim que amigos e admiradores descrevem a irmã Helena Augusta Walcott, considerada uma das grandes lideranças do movimento social por moradia popular em Manaus. Por duas décadas ela enfrentou a elite e o poder na capital amazonense em favor daqueles que tinham negado o direito de um teto para morar.

Conhecida como a “mãe dos sem-teto”, irmã Helena ajudou a conquistar moradias para cerca de 500 mil pessoas na periferia da cidade durante as décadas de 70 e 80. Assistente social e falante dos idiomas português, inglês e francês, ela esteve à frente da ocupação e da criação de mais de dez bairros na cidade, entre eles Terra Nova, São José, João Paulo II, Nossa Senhora de Fátima e Compensa, da qual foi moradora.

Irmã Helena foi referência na causa social que defendia, amada por aqueles a quem amparava, odiada por outros que ocupavam grandes áreas de terras acumuladas somente pelo capital, não deixando que outros pudessem usufruir desse espaço. Havia políticos que a apoiavam, porém havia outros que a perseguiram, acusando-a de “criadora de caso”.

Freire (2021), a chama de a semeadora de bairros “irmã Helena, líder nas décadas de 1970 e 1980 da luta pelo direito à moradia popular, com ocupação de áreas da União griladas por latifundiários urbanos, para quem aquilo era uma ‘invasão’, um ataque comunista contra a propriedade privada” (FREIRE, 2021). Segundo Bentes (2022), “boa parte de Manaus tem moradia por causa da Irmã Helena. Uma preocupação dela com o próximo, querendo garantir o direito fundamental e humano da moradia digna”. Assim foi construindo-se as narrativas em torno da figura de Ir. Helena. Ela própria relata de suas atividades à frente das “invasões”:

*Nós tentávamos obter lotes de terra junto à prefeitura e ao governo. Quando não era possível, entrávamos na marra e forçávamos a doá-los. O povo não podia esperar o governo fazer alguma coisa. As pessoas precisavam muito. Não era uma atividade pacífica, mas nos organizávamos e **usávamos o apito** para comunicar os momentos de agir (Freire, 2021).*

Freire (2021) descreve um desses episódios de modo vívido:

O apito funcionava. Mas um dia, ao sair de reunião comunitária no bairro Armando Mendes, Irmã Helena sofreu um atentado comandado pelo grileiro Paulo Farias. O capanga errou o tiro e matou Altenor Cavalcante, um menino de 14 anos que estava ao lado dela. Com a arma em punho, o grileiro perseguiu a freira, salva pela comunidade, que a escondeu dentro de uma fossa. Perseguida, ela se exilou na Guiné-Bissau em 1997 e só voltou ao Brasil em 2003, fixando domicílio no Pará. Em 2009 voltou ao Amazonas e foi morar em Manacapuru. Agora, somos informados de que está residindo em Manaus.

Abençoada Irmã Helena, semeadora de bairros e moradias! Padeceu o diabo: ameaças de morte, atentados, espancamento, prisão, exílio e até a clandestinidade. Comeu a mandioca que o capiroto ralou. Mas não desistiu. As ocupações se transformaram em grandes e populosos bairros da capital amazonense, habitados por pessoas carentes, filhos de negros, índios, nordestinos, ribeirinhos.

Onde ela estava, seu apito estava junto, era o sinal de que deveria ocupar e resistir às investidas dos poderes estatais e dos que se apoderavam de espaços que tornariam meio de vida e existência para aqueles que deles tomavam posse. Mesmo com toda a luta e as dificuldades encontradas, mesmo sendo presa em algumas ocasiões e ainda ter sofrido um atentado em uma dessas ocupações que se transformou no bairro Armando Mendes a Ir. Helena engajou-se na luta por moradia para os mais necessitados até ficar com a saúde debilitada e não poder mais estar à frente das ocupações.

A religiosa morreu na tarde do dia 13 de junho de 2022, dois dias antes de completar 88 anos, deixando um legado importante de amor, solidariedade e compromisso social (BENTES, 2023). Seu trabalho em prol dos mais necessitados e carentes de moradia continua sendo pauta de muitos movimentos sociais, Ir. Helena ainda inspira a muitas pessoas a se engajarem nessa causa na atualidade.

Figura 20– Recorte do Jornal do Comercio sobre Ir. Helena.



Fonte: <https://portalamazonia.com/estados/amazonas/conheca-a-historia-da-irma-helena-augusta-walcott-criadora-de-mais-de-10-bairros-de-manaus>

Figura 21 – Irmã Helena com seu apito.



Fonte: <https://portalamazonia.com/estados/amazonas/conheca-a-historia-da-irma-helena-augusta-walcott-criadora-de-mais-de-10-bairros-de-manaus>

5.3 Nair Chase: enfermeira e professora

Uma importante consultora de referência desta tese foi *Nair Chase da Silva*, filha e neta de barbadianos, enfermeira, professora da Escola de Enfermagem da UFAM (EEM/UFAM), lugar em que atuou como Coordenadora por quase dez anos. A encontrei em sua sala na EEM, após um breve tempo aguardando para ser atendido. Nair, não me conhecia até aquele momento, mas recebeu-me em sua sala, na Coordenação da EEM, após as apresentações formais, passamos a conversar sobre a pesquisa.

Certamente, a desconfiança inicial foi inevitável, é o que se espera ao receber um desconhecido, porém gentilmente ela deu-me espaço para apresentar-me e apresentar a pesquisa na qual estava envolvido. Após as apresentações formais sua primeira pergunta foi: “Por que você resolveu pesquisar os barbadianos?”⁴¹, questão relevante, pensei, respondi narrando como cheguei ao conhecimento dos barbadianos durante as pesquisas para o mestrado, falei ainda de minhas conversas com pessoas conhecidas dela como: Marcus Darcheville (Belém/PA), Profa. Roseane Lima (Belém/PA) e Cleide Blackman (Porto Velho/RO), a partir desta conversa Nair tornou-se uma das consultoras mais importante desta tese, decidiu cooperar com a pesquisa, inclusive intermediando o contato com a Embaixadora de Barbados no Brasil, a senhora Tonica Searle-Thompson.

O diálogo com Nair Chase da Silva, trouxe uma contribuição de valor inestimável para a pesquisa, pois ela conviveu, foi aluna e colega de Josephina de Mello, com quem compartilhou experiências e foi a segunda descendente de barbadianos a assumir a Coordenação do Curso de Enfermagem da UFAM. Em história oral o primeiro entrevistado das redes de interlocutores é denominado de “pontos zero” (MEIHY, 2005) são o ponto de partida das entrevistas. No caso dessa tese, Nair representa o “ponto zero” da pesquisa, pois a partir dela encontrei outros descendentes que formaram a rede de consultores da tese.

⁴¹ Conversa informal com Nair Chase, realizada em 23 de agosto de 2019. Desta conversa ela aceitou contribuir com o projeto, creio que por sua experiência acadêmica e conhecimento de outras famílias barbadianas tanto em Manaus como em Belém, tem muito a contribuir.

Graduada em enfermagem, mestre em educação e doutora em Saúde Pública, Nair atuou como enfermeira assistencial em Vilhena (RO) e Terranova do Norte (MT) durante 5 anos; depois disso, trabalhou na Fundação Serviço Especial de Saúde Pública – FSESP por 16 anos, até que a EEM fosse transferida para a UFAM em 1997 onde trabalha até hoje como docente na Escola de Enfermagem de Manaus – EEM/UFAM, onde permanece há mais de 35 anos atuando como professora no ensino da graduação e pós-graduação.

Nair Chase da Silva, filha de Cipriano Pereira da Silva, amazonense, neta de Luzia Cândida da Silva e de Pedro Pereira da Silva (ambos brasileiros), seu pai era torneiro mecânico e pastor leigo. Falecido aos 68 anos, teve 2 irmãos, que também já faleceram, eram casados, treze sobrinhos e muitos sobrinhos netos. Sua mãe foi a Sra. Dora Chase da Silva, também nascida em Manaus, portanto, amazonense, entretanto filha de barbadianos, do casal Charles Beresford Chase e a Sra. Evelyn Ewin Grenedge. Sua mãe foi dona de casa, faleceu aos 80 anos, teve um irmão por parte de pai e mãe, e três por parte de mãe. Para Nair seus pais são importante referência na educação, na religião e nos vínculos familiares.

Nair Chase deixa isso claro quando afirma: “Essa entrevista as vezes será na primeira pessoa do singular e as vezes na primeira pessoa do plural. Fique à vontade o entrevistador para tomá-la como um discurso individual ou coletivo da família Chase da Silva”⁴², declaração que se confirmou quando estive em sua residência e tive oportunidade de conversar com seu irmão Jefferson Chase, aliás, ele também tem uma memória excelente da família e de outros barbadianos com os quais tem contato em Manaus.

A família Chase atualmente é constituída por cinco irmãos: Wanda Chase da Silva, solteira, jornalista aposentada, 70 anos, não tem filhos, reside em Salvador (BA); Carlos Chase da Silva Neto, topógrafo aposentado, 69 anos, três filhos e quatro netos, reside em Manaus (AM); Thelma Chase da Silva, produtora cultural, viúva, 68 anos, tem dois filhos e três netos, reside na Bahia (BA); Jefferson Chase da Silva, 67 anos, solteiro, agente administrativo, aposentado, não tem filhos, mora em Manaus (AM); Nair Chase da Silva, 65 anos, enfermeira/professora universitária, solteira, não tem filhos, reside em Manaus. A casa em que Nair e seu irmão Jefferson moram foi

⁴² Entrevista com Nair Chase em 04 de outubro de 2021.

construída por seus pais, é o local onde ela e os irmãos foram criados, segundo ela é um “Quartel General (QG) dos filhos e netos pois todos quando estão em Manaus se hospedam aqui e tem essa casa como referência da família” (SILVA, 2021).

“Moro na mesma casa”, afirma Nair. Considero essa afirmação uma importante representação da memória genealógica de Nair e sua família. A casa é o lugar⁴³, é a referência, é o vínculo com o passado de seus avós e pais, é onde se construíram as memórias que Nair tem de sua ancestralidade, de sua herança barbadiana. É nesse lugar que ela e seus irmãos recordam as lições recebidas de seus avós quanto à cultura e língua barbadiana, por exemplo.

Percebo aqui a importância da família na vida de nossa consultora, pois os laços estão apoiados em modelos familiares que representam uma força que ela traz para sua vida, por exemplo quando se depara com situações de discriminação ou racismo. Ser neta de barbadianos a colocou em uma condição diferenciada na sociedade em que estava se inserindo.

“Os barbadianos solteiros nem sempre se casaram entre si e seus descendentes não tenho lembrança”, afirma Nair. Situação importante de ser referida é de que na medida em que os barbadianos iam se casando iam retirando o sobre nome barbadiano, uma estratégia de se abasileirar uma vez que sofriam muita discriminação por serem negros, terem nomes e sobrenomes diferentes e dominarem um outro idioma, o inglês. Assim muito dos seus nomes por desconhecimento ou descaso foram também abasileirados tanto nos cartórios de registro de documentos como na sociedade em geral a exemplo de Charles passar a ser Carlos, Evelyn passar a ser Helena e por aí afora (SILVA, 2021).

“Abasileirar” o nome foi a estratégia utilizada para escapar da discriminação, algumas vezes por iniciativa do migrante outras por iniciativa dos funcionários dos cartórios que não compreendiam seus nomes e trocavam de acordo com sua vontade. Os barbadianos viviam em uma relação assimétrica com os locais, por um lado a

⁴³ o lugar, diferente de outros conceitos, não possui uma demarcação completamente definida, é marcado pela interação humana como o ambiente a partir da cultura, costumes e relações de pertencimento. O conceito de lugar refere-se à noção de espaço geográfico que é ocupado, utilizado e significado por um grupo de pessoas ou uma comunidade. Um lugar é definido por suas características físicas e culturais, incluindo aspectos como clima, topografia, flora e fauna, além de construções humanas e símbolos culturais. O conceito de lugar também pode estar relacionado à sensação de pertencimento e identidade cultural que uma pessoa ou grupo experimenta em relação a um determinado espaço.

língua os diferenciando, por outro a cor os assemelhando aos negros brasileiros. A diferença, seja na língua ou no comportamento, o que incluía as vestimentas e a educação, era bem-marcada pelos barbadianos e seus descendentes, os da primeira geração falavam o inglês, seus filhos aos poucos foram abandonando a língua e adotando o português como idioma. Segundo Nair “muitos barbadianos realmente desconhecem a sua origem por que primeiro houve aquele movimento de abrazeirar-se, tirar o nome estrangeiro, botar o nome brasileiro para ir se distanciando né? Porque era uma forma de não ser tão discriminado” (SILVA, 2021).

Em sua visão sua família guarda mais a memória de suas origens barbadianas por ter um “um forte apelo histórico, a gente sempre procura saber dessas histórias barbadianas”. Enquanto ela fazia essa reflexão sobre o interesse de sua família pela história de suas origens, Nair comenta que outros descendentes de barbadianos “em geral foram perdendo o interesse por sua história, segundo sua interpretação foram querendo esquecer aquilo lá”, é a ideia de afastar-se da condição de migrante, condição essa estigmatizada pela sociedade manauara conforme observamos nas notícias de jornais que circulavam em Manaus.

A diferença, portanto, os incomodava a condição de ser filhos de imigrantes barbadianos, porquanto “eram diferentes, porque tinham nome diferente, como o pessoal dizia, mas por que vocês têm esse nome estrambólico aí? Né? Então, era diferente no sobrenome, era diferente na cor. Era diferente por ser de fora, no estrangeiro, né? Então a tendência era, vamos abandonar essa nossa história”(SILVA, 2021). Essa diferença incomodava os moradores locais por causar estranheza e desconfiança para com desconhecido, além do preconceito para com como vimos nos anúncios dos jornais pois a diferença estabelece a identidade.

Ao publicar um artigo sobre Josephina de Mello, Nair Chase (2023, p. 3) cita as dificuldades enfrentadas por terem nomes estrangeiros e o processo de abrazeiramento de seus nomes, segundo a autora o

fato que nos chama a atenção é como os sobrenomes barbadianos foram se tornando escassos ao longo dos anos, sendo substituídos por sobrenomes brasileiros. A busca pela diminuição das diferenças os levou a abrir mão de seu sobrenome inglês, para melhor se inserir nos grupos sociais, tornando-se brasileiro, dito de outra forma, “abrazeirando-se”, com isso garantindo uma boa relação nos ambientes de trabalho e moradia. Assim, sobrenomes barbadianos foram desaparecendo tanto pela supressão do sobrenome

inglês e incorporação do sobrenome brasileiro pelas mulheres, quando se casavam, quanto pela ação dos cartórios que, ao ter dificuldade de escrever um sobrenome estrangeiro, “abrasileirava-o” por conta própria. Desse modo, Evelyn passou a ser Helena, Charles passou a ser Carlos, e nessa lógica é suprimido o sobrenome inglês da Prof.^a Josephina de Mello, ainda que sua mãe assinasse Florence Albertha de Mello, muito provavelmente por ter se casado em Barbados.

A ideia que fundamenta a decisão de não se diferenciar é: “vamos nos misturar aos brasileiros com nome brasileiro”, pois assim conseguiriam passar despercebidos nas escolas, na vizinhança, no trabalho. Nair nos dá um exemplo da situação que enfrentam por causa de seus nomes com a seguinte narrativa: “a gente tá resolvendo uma história do terreno que era de nosso tio, o nome de minha avó era Evelin Ewin Chase, mas o nome dela na declaração de óbito é Helena, Helena Gomes, pois era da forma como as pessoas no cartório entendiam”, por esse motivo sua família está enfrentando dificuldades para regularizar a documentação e realizar a venda do terreno. Nair ainda acrescenta: “eu mesma para facilitar, quando pequena e perguntavam ‘como é teu nome? Nair Chase da Silva, Como? Nair da Silva. Eliminava o Chase! Pronto! Resolvido o problema, eliminava o nome, eliminava a diferença”, excluía um dos elementos estigmatizantes (GOFFMAN, 2017) de suas origens: os nomes diferenciados.

Em tom nostálgico, Nair relembra um de seus almoços em família o descrevendo do seguinte modo:

Há uns cinco anos reunimos em um almoço memorável em nossa casa com o cardápio que nossa mãe nos preparava e que muito gostávamos: purê de macaxeira, bife, feijão (com banana pacová, macaxeira, couve, jerimum – como diz meu sobrinho Carlos Jeferson, feijão de barbadiano), macarrão, farofa e refresco de cupuaçu. Nesse almoço alinhamos nossas lembranças de infância, reconstituímos histórias nas quais uns sabiam o começo, outros o meio e outros o fim, outros não sabiam nada e outros sabiam tudo, pelo menos pensavam que sabiam tudo. Isso me dá a liberdade de construir esse discurso coletivo.

Essa memória familiar, reiterada na repetição dos rituais familiares (a refeição, por exemplo) nos apresenta a conservação coletiva da família, Nair e seus irmãos guardam esses símbolos e signos que representam e relembram sua herança familiar. Ela e seus irmãos e sobrinhos dão sustentação à ideia de pertencimento, ao estarem construindo juntos e mantendo os seus laços familiares, uma receita de família (é a

receita que a mãe fazia para eles quando crianças), por exemplo, faz com que os membros dessa família lembrem quem eles são, de onde eles vieram e por que eles são. É a demonstração viva de sua identidade, de sua afiliação e fidelidade a um patrimônio familiar, é uma lealdade a tudo aquilo que é reproduzido pela família. Cada indivíduo se apropria da história familiar elaborando e reelaborando sua própria história da família por meio de narrativas. Essas narrativas, por sua vez, são ao mesmo tempo individual e coletiva. Como vemos em sua fala que diz que cada um fala do que sabia, alguns achando que sabiam tudo, mas sem saber, outros que nem tudo sabiam, mas seus fragmentos de memória foram juntando-se até que eles tinham uma história da família (CANDAU, 2019). Quando o seu sobrinho fala “feijão de barbadiano” demonstra que há nele uma memória muito bem gravada em sua mente, guardada de tal forma que é indelével, é aquela memória que Candau (2019) nomeia de memória forte, uma memória de pertencimento, antiga. Trata-se de uma herança intergeracional e entregeracional.

Figura 22 – Nair Chase recebendo homenagem.



Fonte: <https://antigo.ufam.edu.br/2013-04-29-19-37-05/arquivo-de-noticias/5417-aleam-enfermagem>

Figura 23 – Nair Chase em colação de Grau do Curso de Enfermagem.



Fonte: <https://antigo.ufam.edu.br/noticias-bloco-esquerdo/9326-eem-realiza-colacao-de-grau-de-27-profissionais-da-area-de-enfermagem>

5.4 Elizabeth Tavares (família Guaité Thomaz)

Em uma tarde de sábado chuvosa, após alguns contatos telefônicos consegui agendar uma visita àquela senhora que se mostrava interessada em saber mais sobre a pesquisa, fui recebido por Elizabeth Tavares em sua casa no bairro Japiim. Uma senhora de 75 anos, professora aposentada da Secretaria de Estado de Educação, estava acompanhada de sua filha e sua irmã. Mostrou-se animada com a ideia de compartilhar suas memórias sobre sua vida e de sua família. Sua expectativa quanto a visita para falarmos sobre a pesquisa era visível. Ela preparou para aquela tarde um bolo de chocolate, um bolo podre (feito de tapioca) e um caruru à moda barbadiana (com quiabo e camarão, temperado com algumas especiarias), segundo ela, preparado da forma que sua mãe preparava para sua família, ela e seus irmãos. Mais uma vez vemos um exemplo de ritual à mesa, receber as visitas com o que tem de melhor na casa para que a visita se sintam bem recebidas.

Após as apresentações formais, ela me conduziu para sua sala de jantar, ambiente contíguo a sala de estar, começamos a conversar, momento em que expliquei de que se tratava minha visita. Entretanto, ela inicia a conversa apontando para um aparador que se encontrava ao lado de sua mesa de jantar, sobre ele estavam diversos quadros e dentre aqueles quadros um se destacava em sua opinião. Enquanto apontava para ele dizia: “Ncinha, que é a mãe de Gebson [Scantbelruy]”. Uma foto de destaque na casa de uma descendente da família Chase? Isso despertou minha curiosidade, imediatamente perguntei quem era aquela senhora do quadro para ela? Elizabeth responde que aquela foto tinha um valor especial pois se tratava de sua tia e, segundo ela, fazia poucos dias que aquela senhora da foto havia completado aniversário de morte. Então, houve uma correção em meus dados, Elizabeth não era da família Chase, apesar dela e Nair tratarem-se como primas, Elizabeth era descendente da família Thomaz e Scantbelruy.

Para Elizabeth, sua família possui um valor inestimável, seus primos e primas, suas irmãs e irmãos, seus filhos e, especialmente seus pais de quem sente manifesta saudade e emociona-se ao falar deles. Por diversas vezes, Elizabeth compartilhou que estava muito feliz por estar podendo narrar as histórias de sua família e deixar gravado com alguém aquilo que ela lembrava de seus pais, seus tios, primos e irmãos.

Para ela uma característica digna de ser lembrada de seu povo, os barbadianos, é que eles eram um povo trabalhador, mas que não aceitava ofensa de outras pessoas. Nesse momento, ela faz uma comparação entre eles e os haitianos que via pela cidade de Manaus atualmente, em como eles chegaram à cidade e aceitaram qualquer tipo de trabalho para que possam ter o seu sustento, assim eram os barbadianos, trabalhavam em várias coisas (vendedores, estivadores, domésticas, quebradeiras de castanhas, professores de língua inglesa), aceitavam vários tipos de trabalho para poder ter seu sustento no dia a dia, ela mesma chegou a trabalhar na fábrica de castanha que ficava no bairro Cachoeirinha, hoje o local é um galpão abandonado na rua Silves esquina com a rua Urucará. Em determinado momento, lembrou que sua mãe lutava muito para que pudesse ter o sustento em casa apesar de seu pai ser um homem trabalhador o que ganhava não era suficiente para o sustento da família.

Segundo Katriana, filha de d. Elizabeth, quem sabia as histórias da família na verdade, em detalhes, era somente sua mãe. Segundo ela existem coisas que ela mesma não sabia, são “essas histórias aí, mas a gente não sabe, a mamãe sabe, da mamãe de vez em quando eu escuto alguma coisa” (TAVARES, 2021). Seria isso um distanciamento voluntário ou involuntário de sua história familiar? A ideia de ser descendente de barbadianas não era um incômodo, mas também não despertava sua curiosidade para saber mais sobre elas ou suas origens? Isso me causou espanto, pois encontrei outros descendentes dessa geração que manifestaram reação semelhante, contudo percebi em suas falas uma certa carência de ter compartilhada consigo as memórias familiares, essas que dizem quem somos e de onde viemos, que marcam, não apenas origens, mas a memória do ouvinte (os filhos e netos), suas vidas, seu ser-no-mundo, que criam identidades pelas quais o descendente sabe quem ele é e quem ele não é em meio à multidão.

Portanto, como não parece haver por parte dos pais interesse em divulgar suas histórias familiares, parece não haver interesse por parte dos filhos, porém suspeito que esse comportamento esteja relacionado ao que foi narrado por Nair Chase, os pais buscavam um meio de preservação de seus filhos, por isso buscavam os abraçar por meio de nomes brasileiros e ao enviarem para escolas foram substituindo o inglês gradativamente pelo português, até que esse se tornasse a língua de seus filhos e sua pátria, como diz Fernando Pessoa (2007, p. 259) “A minha

pátria é a língua portuguesa”, superando a diferença causada pela língua e o estranhamento das pessoas na escola, na rua, enfim, onde quer que eles estivessem, buscava-se a superação da discriminação, entretanto junto com o abandono da língua, a cultura também foi sendo esquecida. O que percebo atualmente é um retorno dos descendentes às suas origens, uma busca por suas raízes, há um movimento de retorno aos países de origem (as ilhas que compõe as Antilhas: Santa Lúcia, Granada, São Vicente e Granadina, Trinidad e Tobago e Barbados. Como exemplo posso citar dois eventos que observei: em 2019, houve a mobilização de diversos descendentes em várias cidades do Brasil em torno da organização de uma viagem em grupo para Barbados, penso que não foi realizada por causa da pandemia. Em 2021, a Embaixada de Barbados promoveu um curso de inglês voltado para os descendentes que tivessem interesse em aprender o idioma preparando-se para visitar a ilha de Barbados. Essas indicam o desejo de retorno em busca de suas origens, referências identitárias, enfim, da resposta à pergunta que nos fazemos constantemente: Quem eu sou? A resposta a essa pergunta, nesse caso, tem caráter de pertencimento, de enraizamento. Não se trata de uma migração de retorno, os descendentes não falam de viver em Barbados, mas de conhecer o lugar de seus pais vieram.

Ao ser perguntada sobre suas práticas religiosas e de sua família, respondeu que sua mãe era católica, e, por consequência, ela também é católica. A relevância desse diálogo se apresenta no fato de ter que devo estar aberto às modificações que o campo opera na pesquisa⁴⁴. Parti do princípio de que todos os descendentes fossem protestantes por ter encontrado em suas origens a igreja anglicana, contudo o campo me mostrou algo diferente do imaginado no início. Alguns deles se tornaram católicos, outros se tornaram adeptos de religiões afro-brasileiras e outros permaneceram protestantes ou evangélicos.

Segundo Elizabeth sua mãe sempre participou da festa de São Sebastião “que ficava na nossa rua, em frente da nossa casa e ela participava da festa. É assim, você vai, tira a madeira na mata, a madeira, né? O pau, a árvore, limpa, enfeita todinho e aí você põe um monte de frutas verde, aí a festa de São Sebastião, no dia vinte de

⁴⁴ “Malinowski afirma que, se alguém inicia uma expedição disposto aprovar determinadas hipóteses, mas não for capaz de modificar e de rejeitar suas perspectivas sob a pressão da evidência, seu trabalho não terá valor científico. Mas quanto mais problemas ele trouxer consigo para o campo, quanto mais estiver habituado a formular as suas hipóteses de acordo com a teoria, tanto mais bem equipado estará para o trabalho” (GONÇALVES, 2016: p. 251).

janeiro, em que se derruba o mastro e em seu topo, lá de cima, tem uma bandeirinha. Quem pegar aquela bandeirinha que fica no topo do mastro vai proporcionar o próximo ano” (TAVARES, 2021).

“Minha mãe não ficava assim a parte disso, pois minha mãe correu diante de São Sebastião”. Com essas palavras a sra. Elizabeth para pôr um minuto e começa a chorar lembrando de sua mãe, essas cenas é impossível de ser ignorada pois nesse momento é que percebo que seus laços com Barbados estão, de alguma forma, arraigados em sua memória por meio das lembranças que tem de sua mãe. Pois a partir desse instante em nossa entrevista ela começa a rememorar outros parentes, também barbadianos.

Enquanto conversávamos, o roteiro das entrevistas era mero apoio pois ela falava daquilo que lhe convinha e respondia às perguntas conforme seus interesses. Em um determinado momento lembrou-se do racismo que ela e seus irmãos sofriam na escola por causa da cor de sua pele e de seu cabelo, frases que ficaram marcadas em sua memória, quando eram chamados de “cabelo ruim” e outras coisas. Em sua narrativa lembrou das diversas vezes que brigou na escola por esse motivo, tentando se defender e defender aos seus irmãos por causa dos ataques racistas. Diante disso ela declara a frase que inspirou o título desta tese “porque a minha mãe era negra, meu pai era branquinho, mas nós somos todos morenos” (TAVARES, 2021).

Um termo que se encontra nessa frase e que se repetiu durante a entrevista é “minha mãe”. Esse termo enfatizado por Elizabeth trouxe-me reflexões acerca dos descendentes de barbadianos manauaras. A expressão “minha mãe”, frase que inspirou o título desta tese, conforme citei acima, surgiu no contexto da entrevista em que Elizabeth falava dos dois motivos da discriminação sofrida por ela e seus irmãos: A pobreza e a cor de sua pele. Ela e os irmãos enfrentaram tremendas dificuldades por serem primeiro pobres, carências das mais diversas. Ela, ainda criança, tendo que trabalhar ao lado da mãe quebrando castanhas da Amazônia para que pudessem ter o sustento da família. Mas isso não lhe causava vergonha, ao contrário, sua mãe serve de inspiração, como podemos observar nessa frase: “então, a minha mãe, a gente sofria os preconceitos da vida, mas minha mãe nunca, nunca, ela pediu um prato de comida na casa dos outros” (TAVARES, 2021). Temos nessa frase, repetida tantas vezes durante a entrevista a memória que Dona Elizabeth Tavares guarda de sua mãe, a memória de uma mulher batalhadora, trabalhadora, honesta e digna de ser

lembrada com apreço. Uma mulher que enfrentou dificuldades financeiras, que enfrentou o preconceito racial por ser negra, enfrentou a desigualdade de gênero por ser mulher, e ainda assim, diante de todas essas dificuldades, manteve sua dignidade e sua força. para que por meio de trabalho sustentasse seus filhos.

Diante dessas questões raciais Elizabeth destaca o enfrentamento do racismo e da luta contra essa discriminação que ela e seus irmãos sofriam. Em meio a essa fala de que eles não eram negros, eram morenos e ainda assim sofriam discriminação e preconceito, ela destaca que um de seus irmãos era sarará. Sarará é o negro de cabelo crespo, louro ou ruivo, que não tem como não ser identificado como descendente de negro, ainda que tenha a pela clara.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas por Elizabeth Tavares e sua família, a que mais deixou marcas em sua memória foi o racismo. Todas as vezes que ela mencionou a discriminação que ela e seus irmãos sofriam ataques por serem negros houve em sua fala e expressões faciais uma demonstração de dor e indignação devido ao tratamento recebido só por serem negros.

Elizabeth Tavares é um exemplo dentre os diversos casos de racismos relatados por meus consultores. O ser negro não invalida a pessoa para atuar em qualquer papel social, seja na profissão que exerce, seja em suas relações sociais. Contudo, como vimos no relato de Elizabeth, como vimos em outros que a antecederam e veremos nos relatos que a seguirão, é uma luta diária para manter-se vivo e provando que se tão capaz quanto qualquer um outro que atue no mesmo seguimento social.

5.5 Os Redman: Célia, Didi e Cris uma família verde-rosa.

Era uma manhã de sol e eu esperava encontrar algum descendente da família Redman, como sabia que um de seus membros era Presidente da Escola de Samba Vitória Régia fui ao galpão da agremiação que fica no bairro Praça 14, chegando ao local não encontrei o descendente a quem fui em busca, o sr. Didi Redman, porém, encontrei outro senhor que estava sentado em frente ao galpão, esse informou onde

encontrar Didi Redman. Após anotar o endereço dirigi-me ao local indicado por aquele senhor.

Encontrei o sr. Didi às 7h30 tomando café da manhã em frente à sua casa, foi nosso primeiro encontro e ao aproximar-me percebi que ele não ficou à vontade com minha presença, meio desconfiado aceitou minha saudação, a desconfiança não demorou muito para ser superada, pois autorizou-me assentar à mesa em que se encontrava. Nesta oportunidade conversamos sobre a pesquisa e sobre quem eu era.

Conheci naquela manhã Orandle de Albuquerque Redman, o “Didi Redman” da Praça 14 de Janeiro, como é conhecido pela comunidade do Samba. Ele apresentou-se como alguém “muito envolvido com a cultura”, especialmente, “como Presidente da Escola de Samba Vitória Régia”⁴⁵. Com orgulho expõe em suas redes sociais e fala para todos ouvirem seu bordão “Sou Verde e Rosa e Daí?”. Mas não foi como Presidente que ele começou, seu batismo no mundo do Samba deu-se em 1975, quando entra pela primeira vez na avenida como empurrador de carros alegóricos, o que mais importava era o brilho de sua agremiação, sua Verde e Rosa, Escola de Samba Vitória Régia, a glória dela era a glória de Didi. Desde esse início humilde, Didi Redman não abandonou mais sua Escola do coração.

À medida que íamos conversando e fui apresentando o que fazia, quais eram minhas intenções e que assuntos poderíamos ter em comum, percebi que a desconfiança inicial ia desaparecendo dando lugar a uma conversa descontraída, leve e que me rendeu outros contatos.

Ele começou a demonstrar interesse em saber mais sobre a pesquisa. Então, começou a falar de seus irmãos e sobrinhos, principalmente, de sua sobrinha Cris Redman, que morava no Rio de Janeiro e para quem, por iniciativa própria, ligou falando sobre mim e sobre a pesquisa, parecendo animado com a ideia de que havia alguém que compartilhava com ela o interesse em conhecer a história de sua família.

Colocou-me ao telefone com ela, que se mostrou solícita em cooperar, falou-me de seus contatos, alguns já conhecidos por mim, que poderia me indicar, bem como de fontes para a pesquisa. Após esse encontro via telefone conversamos outras vezes por meio do WhatsApp.

⁴⁵ Conversa informal com Didi Redman, realizada em 23 de agosto de 2019.

Cris Redman colocou-me em contato com a Sra. Celia Redman (2020), irmã do Sr. Didi, filha de Orandle Redman, terceiro filho de Odwin Redman, este por sua vez era casado com a senhora Lídia Redman, ambos Barbadianos.

A sra. Celia Redman é funcionária pública, graduada e Pós-Graduada em Pedagogia com MBA em Governança Pública e Gestão Administrativa. Guarda a memória de que seus avós vieram para Manaus em navios “negreiros”⁴⁶, além dela seus pais tiveram mais oito filhos que vivem em Manaus. Para ela, ser negra e estrangeira ou descendente de imigrantes traz “consequências [que] são um pouco pesadas, tendo em vista a desconfiança das pessoas, [segundo ela] você precisa trabalhar muito, para mostrar que é uma pessoa do bem e capaz de realizar o que lhe foi solicitado. Devido a cor sofremos um pouco com racismo, mas hoje já está mais tranquilo”⁴⁷.

A memória de seus antepassados associada à sua vivência me faz perceber como o racismo e a xenofobia ainda se encontram presentes na vida dos descendentes do mesmo modo que sofriram seus ancestrais ao chegarem a Manaus. O racismo os persegue como perseguiu seus ancestrais, a luta por provar que é capaz independente da cor da pele é uma luta diária e contínua, são estigmatizados (GOFFMAN, 2017) por sua aparência, assim como outros descendentes que passam por situações constrangedoras semelhantes, por exemplo: de ter que se identificar todos os dias na portaria de seu local de trabalho, quando outros passam pela entrada sem esses constrangimentos.

⁴⁶ Certamente, esta memória trata-se de um anacronismo, porém não sem importância, pois as questões raciais estão muito presentes nas relações sociais dos barbadianos com a sociedade manauara.

⁴⁷ Entrevista realizada por WhatsApp com Celia Redman em 07 de abril de 2020.

Figura 24 – Foto da Ficha Consular de Odwin Redman

1ª VIA

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S. C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Odwin Redman

Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 7º letra a do dec. n.º 9967, de 1948

Lugar e data de nascimento Barbados, 11/3/1894

Nacionalidade inglesa Estado civil casado

Filiação (nome do Pai da Mãe) Earnest e May Redman

Profissão marítimo

Residência no país de origem ----

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS {

Passaporte n.º 271256 expedido pelas autoridades de Consulado da Inglaterra-Nova York na data 26-4-46

visado sob n.º 2556

ASSINATURA DO PORTADOR: Odwin Redman

Consulado Geral do Brasil em Nova York 10 de julho de 19 47

CONSUL Huberto

NOTA- Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fonte: DARCHEVILLE, Marcus. WhatsApp. 13 abr. 2023. 20:10. 1 mensagem de WhatsApp.

Figura 25 – Curriculum Vitae de Mestre Didi Redman.

Mestre Didi Redman

Curriculum Vitae

Grãndle de Albuquerque Redman o "Didi Redman" da praça 14 de Janeiro Parfideira, Batuqueiro, Diretor de Bateria, Puxador de samba e o mais importante Verde-Rosa até a morte do Grêmio Recreativo Escola de Samba Vitória Régia.

Nascido e Criado no berço do samba, começou muito cedo a frequentar as famosas rodas de samba do bairro da Praça 14 de Janeiro, onde "Zé Ruindade", Sr. Valentin, "Seu Fernando", "Nelson Medeiros", "Orlando 17" e "Tia Lindocá", eram na época as figuras mais destacadas, onde Mestre Didi sofreu grande influência, nesta bela e doce caminhada, pelo mundo do samba, quando os acordes do surdo, agogos tamborins, e repiques cruzaram seu caminho, formando um grande sambista, ainda moleque seguia fascinado a Escola Mista da Praça 14, sem ter ideia de que um dia se tornaria expoente máximo no mundo do samba.

Seu batismo no samba se deu em 1975, quando pela primeira vez pisou no asfalto da Av. Eduardo Ribeiro, não como um grande e fantasiado brincante, mas de uma forma mais humilde, como empurrador de carros alegóricos de seus allegóricos para receber os aplausos de uma avenida iluminada.

Sou Verde e Rosa e Daf?

Seu Histórico Começou no ano de 1975

- 1975 a 1978 - Empurrador de carros alegóricos da Vitória Régia.
- 1979 a 1984 - Ritmista da Famosa Bateria da Vitória Régia
- 1979 a 1981 - Mestre de Bateria do Bloco da Onça
- 1982 a 1983 - Puxador de Samba do Bloco de Onça
- 1985 - Diretor de Bateria do Bloco Herval Encubadas
- 1986 - Garoto Sambista e Garoto Verão do Bloco Jaqueline
- 1986 - Passista chefe do Bloco Vila Mendô
- 1987 - Elito Batuqueiro de ouro da promoção Emantur
- 1986 a 1988 - Diretor de Bateria da Vitória Régia com notas Máximas
- 1988 - Troféu Pandêre de Ouro como o mais vibrante do Mundo do Samba
- 1989 - Diretor de Bateria do Bloco Catedral do Samba Jaqueline
- 1991 a 1993 - Mestre de Bateria da Vitória Régia com notas Máximas
- 1991 a 1998 - Diretor de Bateria da Vitória Régia com notas Máximas
- 1998 a 1998 - Mestre de Bateria da Vitória Régia com notas Máximas
- 1999 a 2002 - Ritmista da Bateria da Vitória Régia
- 2005 a 2002 - Troféu Zingulum Autoridade do samba Amazonense
- 2002 a 2005 - Presidente da Vitória Régia
- 2003 a 2005 - Presidente da AGEESMA
- 2005 - Interimista do Império da Kamélia
- 2005 a 2014 - Compositor de Todos os Sambas da Terceira Idade e Mestre de Bateria
- 2006 - Coordenador Geral das Escolas de Samba do 1º e 2º Grupo
- 2007 a 2008 - Diretor de Desfiles da AGEESMA
- 2008 a 2009 - Mestre de Bateria da Vitória Régia com notas Máximas
- 2010 - Diretor geral de Carnaval da G.R.E.S Império da Kamélia
- 2010 - Presidente da AGEESCON
- 2011 a 2012 - Presidente do Conselho e Mestre de Bateria da G.R.E.S Vitória Régia
- 2012 a 2013 - Mestre de Bateria da Vitória Régia
- 2014 - Coordenador Geral do 1º Carnaval Popular da Zona Norte
- 2014 a 2015 - Mestre de Bateria da Banda do Boulevard
- 2016 - Mestre de Bateria da Banda do Boulevard
- 2016 - Mestre de Bateria da Vitória Régia

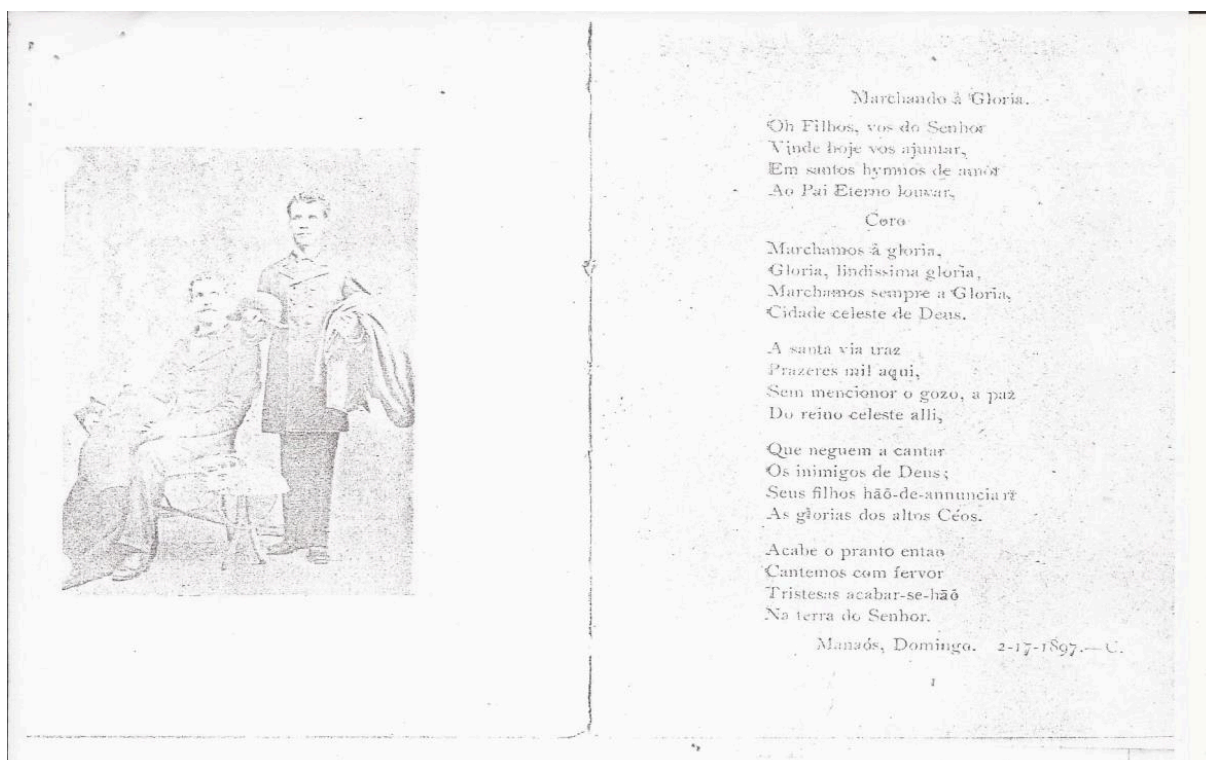
Fonte: REDMAN, Didi. Facebook. 26 de jan. 2023.

5.6 Juvêncio Paulo de Mello e Florence Albertha de Mello: um casal de migrantes

Dedico esse trecho de minha tese a apresentação do Rev. Juvêncio Paulo de Mello, primeiro por ele ter-se casado com uma barbadiana a senhora Florence Albertha de Mello, enfermeira Obstétrica. Segundo, por ter sido ele quem ficou à frente da Igreja Anglicana em Manaus, lembrando que esta mantinha vínculo com a igreja de Belém.

O Rev. Juvêncio Paulo de Mello, liderou a igreja até 1934, ano de seu falecimento, do casamento com D. Florence (barbadiana) com teve duas filhas: Josephina de Mello e Esmeralda de Mello. Josephina também teve seu lugar nessa tese, pois seus relevantes trabalhos nas áreas de saúde e educação nas cidades de Manaus (AM) e Santarém (PA) não podem ser esquecidos.

Figura 26 – **Gravura do Hinário:** Os Cânticos do Christão usados na Missão Bethesda, em que são apresentados Marcus E. Carver (sentado) e Juvêncio Paulo de Mello (em pé).

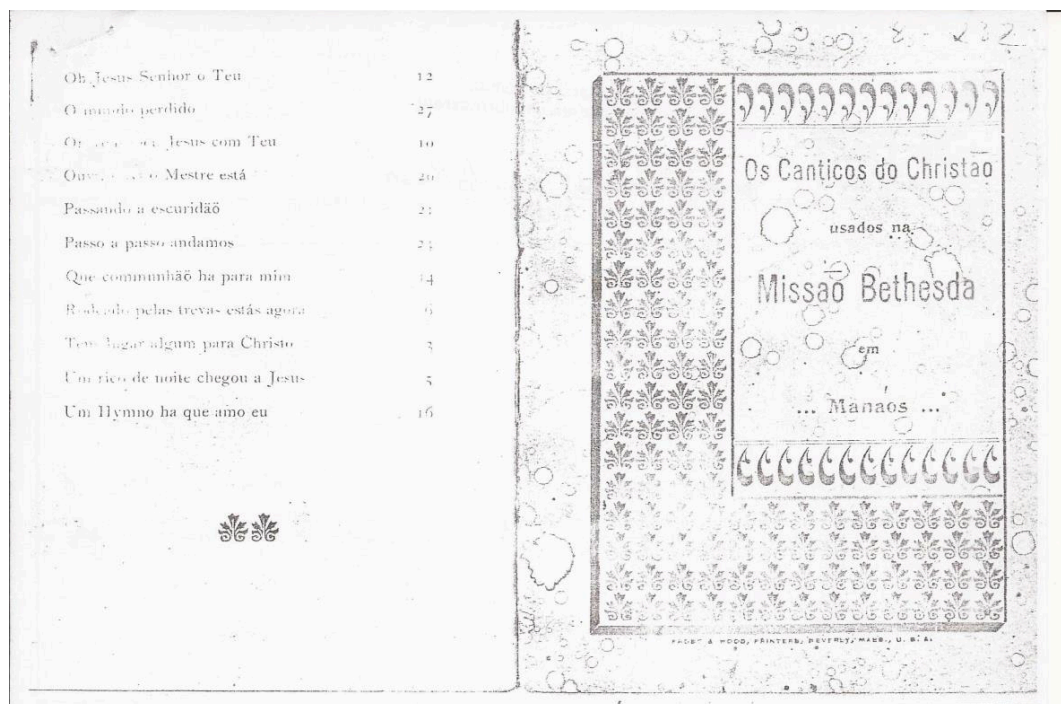


Fonte: Arquivo pessoal.

Dos cooperadores de Marcus Carver o que esteve mais tempo ao seu lado foi o Rev. Juvêncio Paulo de Mello, foi recebido por Carver aos dezessete anos (CARVER, Carta 06, de 12/10/1943). O que sabemos acerca da vida do Rev. Juvêncio é pouco para construirmos uma biografia. Na dissertação defendida por Erivonaldo Nunes De Oliveira junto ao PPGH no ano de 2010, intitulada “A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)” encontramos uma alusão que talvez esteja se referindo ao Rev. Juvêncio, segundo Oliveira (2010: p. 78), após o exame dos jornais, encontrou em algumas edições listas de imigrantes nordestinos e entre eles um “[...] Juvêncio de Mello (rio-grandense do norte de 4 anos de idade) [...]”. Seria o mesmo Juvêncio Paulo de Mello do qual falamos e que ombreou com Marcus Carver na evangelização em Manaus? Não podemos afirmar categoricamente, mas parece-nos plausível, pois o período citado por Oliveira (2010) coincide com as levas de imigrantes nordestinos que vinham para os Estados do norte, especialmente o Amazonas e o Pará, em busca de oportunidades de trabalho.

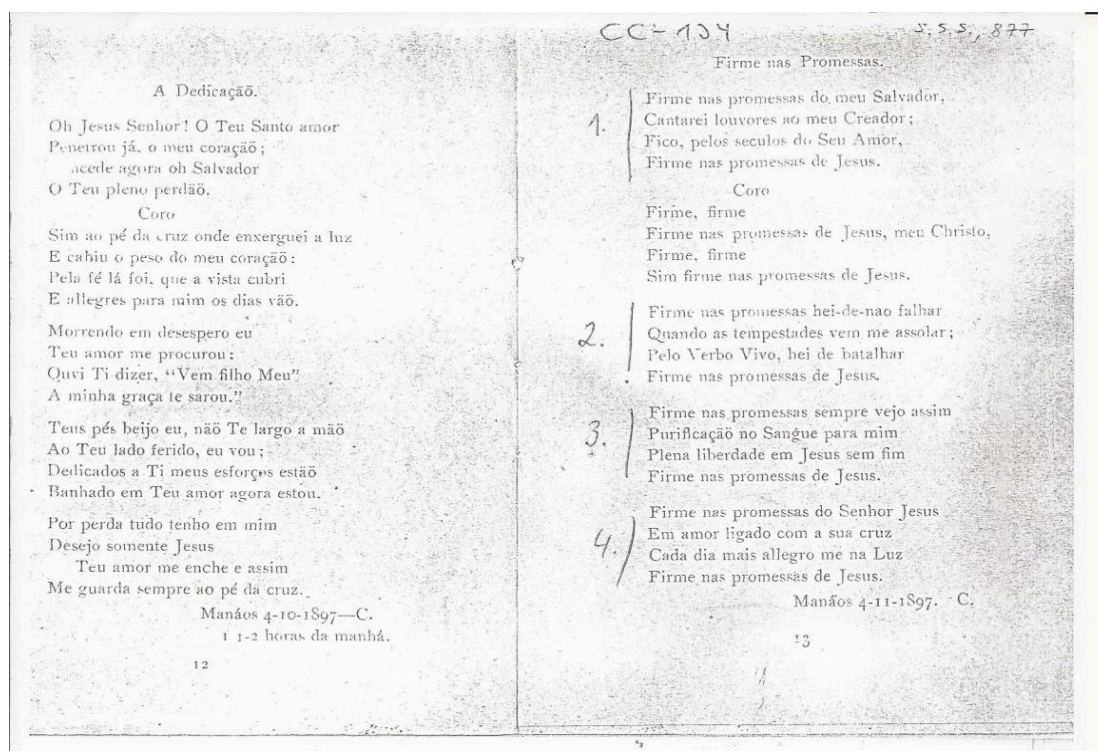
Juvêncio foi quem substituiu Carver a frente da obra evangelística da *Egreja Evangélica Amazonense*, Capela São Salvador, quando Marcus Carver retornou para os Estados Unidos no ano de 1908. Juvêncio desempenhou a função de líder da igreja até o ano de 1934 quando faleceu. Trabalhando ao lado de Carver também compôs diversos hinos que eram cantados pela *Egreja Evangélica Amazonense* e, alguns deles, ainda são cantados em muitas igrejas evangélicas em nossos dias.

Figura 27 – Capa do Hinário: **Os Cânticos do Christão** usados na Missão Bethesda.



Fonte: Arquivo pessoal.

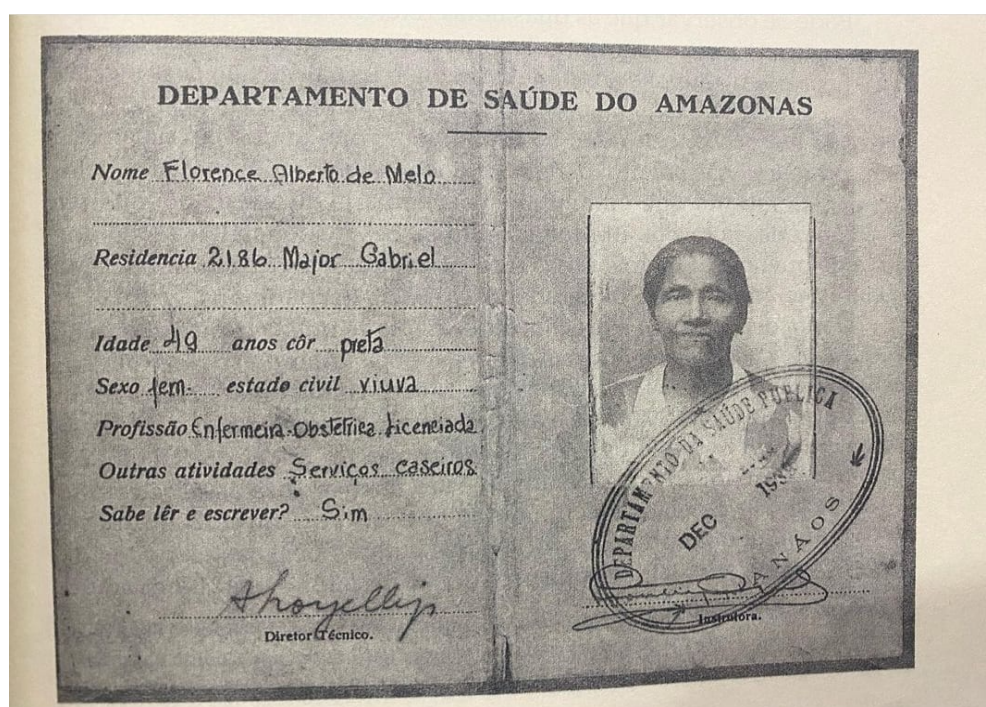
Figura 28 – Letra do Hino **Firme nas Promessas** do Hinário: **Os Cânticos do Christão** usados na Missão Bethesda.



Fonte: Arquivo pessoal.

Juvêncio casou-se com D. Florence Albertha de Mello, enfermeira obstétrica nascida em Barbados, *Bridgetown*, imigrou com os pais para o Brasil ainda jovem, tiveram duas filhas, Esmeralda e Josephina, a segunda tornou-se enfermeira e por um tempo foi Diretora da Escola de Enfermagem da UFAM. Oliveira (2006) identifica D. Florence como “uma crente fiel, bondosa e profissionalmente, uma excelente parteira”. Nesse testemunho a respeito de D. Florence, Oliveira (2006) acrescenta: “Registro aqui a minha gratidão pelo que D. Florence fez por mim, quando minha filha Junia nasceu, em abril de 1944, em Manaus”. Na figura 29 podemos observar que a Sra. Florence era licenciada pelo Departamento de Saúde do Amazonas para realizar as atividades de enfermeira obstétrica. Destaco essas informações por apresentar duas questões relevantes para a época e para a atualidade: primeiro os relatos da trajetória de uma mulher; segundo, uma mulher negra barbadiana. Isto é evidência de um protagonismo feminino negro, experiências de vidas na área da saúde, profissional atuante e conhecida na cidade de Manaus, como seria sua filha Josephina. Além disso, é uma história que se apresenta em oposição às histórias que costumam ser difundidas nos jornais e na historiografia local. Florence Alberta Mello, é uma representação das mulheres negras barbadianas em Manaus que trabalhavam como enfermeiras, quebradeiras de castanhas, lavadeiras na cidade de Manaus.

Figura 29 – Foto da Carteira de Enfermeira Obstétrica de Florence Alberta de Melo



Tornou-se funcionário da *Manaós Harbour Limited*, empresa inglesa que administrava o Porto de Manaus. O Bispo Euclides Deslandes em carta escrita em 25 de outubro 1967, na qual descreve a obra evangelística de Carver em Manaus, nos apresenta essa informação:

Sim, o trabalho evangélico em Manaus foi pioneiro, devendo-se ao Dr. Carver o seu início. Nunca soube que ela fora metodista, mas episcopal, tendo feito obra de fé, e de consagração, inclusive obtenção de recursos para a compra da propriedade onde construiu a capelinha. Mais tarde, com a cooperação do evangelista episcopal, Sr. Juvêncio de Melo, alto funcionário aduaneiro, ampliou a obra, enviando este aos Estados Unidos [?] onde foi ordenado, segundo informações que colhi. Retirando-se para sua pátria o Dr. Carver entregou a propriedade à Igreja Episcopal do Brasil sob a orientação do Rev. Juvêncio Melo, o qual até sua morte dirigiu os ofícios acolitado por outros leigos, entre os quais o hoje, Dr. Clemente G. Thomas, professor e dentista nesta cidade, e que ficou encarregado do trabalho quando do falecimento do Rev. Juvêncio.

Dois descendentes de barbadianos são mencionados nesse trecho da carta, Juvêncio de Mello e Clemente Guaiaté Thomaz, ambos relacionados ao trabalho evangelístico e reconhecidos por suas profissões. Um “alto funcionário aduaneiro”, o outro “professor e dentista”. Tem vínculos com a igreja, mas continuam exercendo suas profissões.

5.7 Clemente Guaiaté Thomaz: odontólogo, professor e missionário

Outro exemplo da presença barbadiana em Manaus, ainda ligado à “*Egreja Evangelica Amazonense*” é o jovem Clemente Guaiaté Thomaz, dentista e professor, filho de barbadianos. Atualmente, seu filho, William Thomaz vive na cidade do Rio de Janeiro, informou que seu

avô veio da ilha de Barbados para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Morreu na selva, sua esposa com seus filhos se relocou para Manaus. Os barbadianos tinham uma cultura diferente dos habitantes e imigrantes locais. Eram anglicanos, com muitos anos de estudo formal, médicos, pastores, dentistas. Meu pai (1908-1981) formou-se como dentista e atuou como missionário junto aos ribeirinhos da região Amazônica (THOMAZ, 2017).

Clemente Guaiaté Thomaz esteve à frente da igreja por aproximadamente dez anos, até que em janeiro de 1944, encerrou as atividades da *Egreja Evangelica Amazonense*, provavelmente por não haver mais de sua parte condições de prosseguir com as atividades.

Clemente Guaité Thomas esteve à frente da igreja por aproximadamente dez anos, até que em janeiro de 1944 encerrou as atividades da *Egreja Evangelica Amazonense*, provavelmente por não haver mais de sua parte condições de prosseguir com as atividades.

Considerando que a instabilidade causada pela ausência de apoio de uma igreja nacional e pelas constantes negativas recebidas da direção da Igreja Episcopal Brasileira, muitos dos congregados deixaram de participar das atividades da Capela Salvador e passaram a congregar-se em outras denominações que se encontravam na cidade e possuíam suas atividades mais organizadas, como é o caso das igrejas Batistas e Presbiteriana. “Thomas manteve o controle das coisas até 31 de dezembro de 1943 quando [...] todas as pessoas foram para a missão presbiteriana” (CARVER, 16/02/1944).

Ao relatar a chegada dos missionários da Igreja Batista Regular William A. Ross e sua esposa Herthel à cidade de Manaus, Lima (1997: p. 87 - 88) relata que esses missionários “conseguiram um ‘professor’ particular para lhes ministrar as primeiras noções do idioma [português], Clemente Thomaz⁴⁸, um obreiro Batista de Manaus”. E acrescenta que os primeiros cultos realizados pelos missionários foram em “uma velha capela Episcopal [...] abandonada nas proximidades do Cemitério São João Batista, no bairro Adrianópolis, com a ajuda de Clemente Thomaz” (LIMA, 1997, p. 88), trata-se da capela construída por Carver citada acima.

Thomas ainda acompanhou os missionários Ross em suas viagens ao interior do Estado do Amazonas até a região do Alto Rio Negro, ao local conhecido como Lucabi (1997, p. 89). Thomaz, também era reconhecido na sociedade manauara como professor de língua inglesa, é um dos diversos descendentes de barbadianos que

⁴⁸ O leitor poderia argumentar, e devidamente, por que há duas grafias para o nome de Thomas? Explico: em minhas pesquisas nos jornais e cartas de Carver para Thomaz seu nome era grafado com a letra “s” ao final e o próprio Thomas assina suas cartas desta forma, por isto considero que Jaime A. Lima o tenha escrito com a letra “z” ao final por não ter acesso direto aos documentos que outrora eu tive, porém não considero um erro, mas apenas um equívoco compreensível na pesquisa histórica.

eram membros da Igreja Evangélica Amazonense de confissão Anglicana, conforme nos demonstra o quadro de batizados nessa igreja acima.

5.8 Leônidas Deane: infectologista e cientista

Contudo havia aqueles que não eram negros, ainda que filhos de barbadianos, pois um de seus genitores era oriundo de outros grupos étnicos-culturais. É o caso citado por Lima (2013, p. 77) de Leônidas Deane, nascido em 18 de março de 1914, na cidade de Belém (PA); falecido em 30 de janeiro de 1993, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), filho de “Leonard Eustace Deane [e Helvécia de Mello Deane], nascido por volta de 1884, era ‘(...) um negro, mas claro’, posto que ‘(...) filho de uma negra, casada com uma pessoa de ascendência irlandesa” (LIMA, 2013, p. 76). Segundo entrevista obtida pela historiadora com a neta de Leonard, este era contador em Barbados e após ter “viajado por vários países “(...) trabalhando sempre com uma firma que trabalhava com a questão de portos. Ele trabalhou na construção do Panamá, trabalhou também na Bolívia, e veio trabalhar na época da construção do porto de Belém, e depois ele trabalhou no de Manaus também” (LIMA, 2013, p. 76, 77).

Leônidas Deane, “graduado pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará em 1935; fez mestrado na Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, e posteriormente na Universidade de Michigan, ambas nos Estados Unidos” (ACADEMIA DE MEDICINA DE BRASÍLIA, s.d.), contudo antes disso trabalhou em Manaus e hoje em sua homenagem a sede da FIOCRUZ Amazônia recebe seu nome e de sua esposa, Maria Deane, conforme registro retirado da página da FIOCRUZ que segue

Homenagem a Leônidas e Maria Deane

Em reconhecimento a uma vida dedicada à saúde pública no Brasil, principalmente na Amazônia, a Fiocruz homenageou os cientistas Leônidas de Mello Deane e Maria José Von Paumgarten Deane, dando à sua unidade na Amazônia, o nome do casal.

A trajetória de Leônidas e Maria na ciência teve início na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, onde se formaram. Ambos ocuparam diversos

cargos em instituições renomadas do Brasil e do mundo, entre elas o Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

Leônidas aprofundou seus estudos em microbiologia, e Maria estudou endemia. A parasitologia entrou na vida dos dois por meio da atuação no Instituto de Patologia Experimental do Norte, atual Instituto Evandro Chagas.

Participaram do Serviço de Malária do Nordeste e fizeram cursos nas universidades de Johns Hopkins e de Michigan, nos Estados Unidos. Com títulos de mestres em Saúde Pública, voltaram para a Amazônia, onde trabalharam no Serviço Especial da Saúde Pública.

O casal não media esforços para o combate às endemias, tornando-se fundamentais no combate à malária, filariose, leishmaniose visceral, verminose e leptospirose, viajando por todo Norte e Nordeste para ministrar palestras e orientar a população sobre saneamento básico.

Considerado um dos maiores malariologistas do mundo, Leônidas Deane confirmou, em 1967, a reintrodução no Brasil do vetor da febre amarela e da dengue, o mosquito *Aedes aegypti*. Deane percorreu o País em campanhas de controle da malária e realizou a primeira experiência de campo sobre o controle desta moléstia pela administração exclusiva de uma droga. Participou ainda da campanha pela erradicação do *Anopheles gambiae*, um dos mosquitos transmissores da malária, no Nordeste.

Maria Deane foi uma das mais destacadas protozoologistas brasileiras e publicou mais de 150 trabalhos em periódicos nacionais e estrangeiros. Sobre a doença de Chagas desenvolveu importantes estudos a respeito do agente desta moléstia: *Trypanosoma cruzi*.

Importante representação da presença barbadiana em Manaus e no Brasil, Leônidas Deane deixou um legado para as ciências da saúde não apenas para Manaus e a Amazônia, mas para o Brasil. Sua contribuição para a descoberta e tratamento de doenças tropicais permanece em nossos dias e para além disso segue como exemplo combativo da ciência em tempos de emergência sanitárias, como o que estamos vivendo no momento.

O legado de Leônidas Deane tem sido mantido pelos pesquisadores que hoje ocupam o ILMD – Instituto Leônidas & Maria Deane e diariamente expõe suas pesquisas ao público na intenção de orientar às autoridades e à população em geral sobre os riscos e prevenção da pandemia de COVID19.

Em sua homenagem a Cadeira de N. 6 da Academia de Medicina de Brasília recebe seu nome, sendo descrito por essa associação nos seguintes termos:

O Professor Dr. Leônidas Deane foi um excepcional pesquisador que deixou contribuições fundamentais para o conhecimento das doenças infecciosas endêmicas no Brasil ou importadas de outros países. Dentre elas, as leishmanioses e a malária. Neste breve relato sobre Leônidas Deane, mostra-se sua importância como cientista e como formador de novas equipes de

pesquisadores. Tinha cultura geral muito grande, era de uma bondade enorme, paciente, incapaz de emitir uma palavra grosseira ou de exprimir um gesto ríspido em nenhuma situação. Em suas pesquisas com malária, conta que certas pessoas no interior acreditavam que o demônio viria tirar sangue das pessoas, furar-lhes os olhos e matar todos. Narra o caso de uma mulher ter-lhe pedido que tirasse as botas para ver se tinha pés de cabra do diabo. Em outro caso, a pessoa a ser examinada ficou a tremer de medo e disse temer que o demônio explodisse com fumaça de enxofre depois de lhe tirar o sangue e em seguida iria desaparecer. Mas, depois de alguns esclarecimentos, veio a convencer essas pessoas, inclusas as crianças que estavam entre eles, que todos os agentes ali eram do Bem. Por fim, conseguiram executar seu trabalho sem mais antagonismos (ACADEMIA DE MEDICINA DE BRASÍLIA, s.d.).

A contribuição de Leônidas Deane à saúde brasileira é de valor inestimável, ao lado de Evandro Chagas⁴⁹ trabalhou em diversas regiões do país, inclusive em Belém (PA) onde instalou-se o Instituto Evandro Chagas⁵⁰, importante centro de pesquisas em doenças tropicais.

⁴⁹ Evandro Serafim Lobo Chagas, filho de **Carlos Chagas** e Iris Lobo Chagas, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 10 de agosto de 1905. Ingressou em 1921 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, realizando seu período de internato no Hospital Oswaldo Cruz - rebatizado mais tarde com seu nome - e no Hospital São Francisco de Assis. Disponível em: <<https://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/EvandroChagas.htm>>. Acesso em: 26 de abr. de 2023.

⁵⁰ A história do Instituto Evandro Chagas (IEC) começou com a chegada de Evandro Chagas ao Pará, em 1936, para estudar a leishmaniose visceral, também conhecida como calazar. Foi pioneiro no estudo dessa doença, detectada no Brasil pela primeira vez em 1934 pelo Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller, em amostras provenientes de várias localidades do Brasil. Com o auxílio do governo estadual, estabeleceu o instituto de pesquisas em um velho casarão na Av. Almirante Barroso, onde, além do calazar, foram investigadas outras moléstias típicas da região, como malária, filariose, boubá, verminoses intestinais. Disponível em: <<https://www.gov.br/iec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional-1/historico>>. Acesso em: 26 de abr. de 2023.

Figura 30 – Leônidas e Maria Deane



Fonte: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15935

Figura 31 – Leônidas e Maria Deane em seu laboratório



Fonte: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15935

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os barbadianos chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, como trabalhadores contratados por empresas estrangeiras que atuavam em território brasileiro, originários da ilha caribenha de Barbados. A maioria deles foram contratados para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em Porto Velho (RO), porém ao final das obras dessa ferrovia alguns deles permaneceram em Porto Velho, enquanto outros destinaram-se para Manaus e Belém, locais em que havia empresas inglesas que contratavam sua mão-de-obra. Aliás, eles deslocaram-se para várias cidades do país: Salvador (BA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Vitória (ES) e Brasília (DF).

Quando iniciei a pesquisa objetivava identificar por meio de uma investigação acurada as trajetórias de vidas de descendentes de barbadianos na cidade de Manaus, buscava naquele momento identificar quem eram eles, se mantinham algum vínculo familiar com famílias barbadianas ou se reconheciam como descendentes de famílias barbadianas que haviam imigrado para Manaus no início do século XX. Além disso, buscando compreender se nas trajetórias de vidas desses descendentes havia alguma identificação étnico-cultural referente aos barbadianos que migraram para Amazônia. Diante disso propus alguns questionamentos que nortearam a pesquisa e consequente escrita desta tese: Houve uma imigração barbadiana para Manaus? Vivem seus descendentes em Manaus? Se os descendentes desses barbadianos ainda vivem em Manaus, desejam ser identificados desse modo? Como tem constituído suas identidades étnicas? Por que houve uma dispersão de seus descendentes? Se os descendentes se identificam como tais, como no processo de geração foram ressignificando suas identidades étnicas e culturais? Nessa perspectiva algumas considerações podem ser retiradas em respostas às questões.

A primeira delas que posso indicar é que em Manaus a presença dos barbadianos deixou uma marca importante na cidade, especialmente no bairro da Praça 14 e adjacências, onde muitos dos imigrantes de primeira geração se estabeleceram. Eles trouxeram consigo sua cultura, tradições e culinária, que se mesclaram com a cultura local. Os barbadianos tornaram-se um grupo étnico

importante em Manaus, algumas vezes reconhecidos positivamente, outros de modo negativo. Algumas famílias barbadianas se tornaram bastante conhecidas na região, por exemplo: os Chase e os Redman.

A segunda consideração refere-se a uma questão teórico-metodológica, o uso da biografia em Antropologia e o diálogo que estabeleci com a História e a Sociologia. Essa abordagem é posta em causa nos círculos acadêmicos das três disciplinas. Contudo, ainda que controversa não tem sido abandonada nas pesquisas antropológicas e historiográficas, especialmente no campo da História Oral. Tomada aqui nos termos de Dosse (2009), tendo como figuras centrais os descendentes que representavam suas famílias, colocados como personagens da narrativa que apresentei. O olhar sobre eles foi lançado em perspectiva hermenêutica, interpretando suas ações como particularidades representativas da micro e macroestrutura social na qual nossos consultores estavam inseridos. De acordo com Seyferte (2005: p. 32), “na antropologia, a história de vida como fonte para análise da mudança cultural, constitui-se a partir de entrevistas com posterior edição pelo pesquisador”. De fato, a partir das entrevistas percebi que os consultores não seguem uma cronologia, não há linearidade na narrativa de si, antes são memórias que se apresentam à medida que eles iam narrando-se. Os depoimentos individuais são feitos sob a égide da memória do migrante e, portanto, não são cronológicos. E esses relatos orais são imprescindíveis à pesquisa antropológica das migrações, pois, entre outras coisas, revelam trajetórias que permeiam o fato histórico da migração e que não seriam alcançadas de outra forma. Outra questão metodológica foi no tocante ao distanciamento imposto pela Pandemia de Covid-19, fomos obrigados a nos distanciar, isso acrescentou mais uma dificuldade à pesquisa que era realizada. Como não nos era possível os encontros pessoais obriguei-me a adaptar a coleta de dados por meio de entrevistas que eram mediadas por recursos tecnológicos, aliás, algo que se tornou comum em dias pandêmicos. Aprendemos que a distância não era mais um empecilho para a realização de nossas atividades, o que era um movimento tímido em direção ao uso de tecnologias da informação nas comunicações, tornou-se corriqueiro em nosso dia a dia, passamos a trabalhar, estudar, realizar defesas de teses e dissertações e pesquisa etnográfica por meios virtuais. É o caso desta tese, parte de seus dados foram coletados por meio de entrevistas feitas por meio de Redes Sociais.

A terceira consideração que faço é relativa à autoidentificação dos descendentes. Há entre eles um movimento de retorno. Por meio das entrevistas e conversas informais, percebi que nos anos que antecederam a Pandemia havia uma mobilização dos descendentes em busca de suas raízes, suas origens, seus passados, que se tornaram presentes. Era uma busca tanto individual, quanto coletiva, grupos foram formados na intenção de organizar encontros entre os descendentes e representantes do Governo de Barbados, especialmente nas cidades de Porto Velho e Belém. Alguns desses descendentes tomaram a iniciativa de irem à Barbados resgatar sua história familiar. Acompanhei aulas de inglês promovidas pela Embaixada de Barbados que visava aproximar os descendentes de barbadianos do Brasil à língua e cultura barbadense. Era um preparo para esse retorno, o que nos faz lembrar das palavras, quase proféticas, de Stuart Hall: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo *a promessa do retorno redentor*” (HALL, 2003: p. 28) (grifo meu). Embora os retornos são todos diferentes e não exigem diversas considerações porque o local que se deixa muda como muda a pessoa ao retornar.

Além das dificuldades impostas pela pandemia, outros óbices surgiram no decorrer da pesquisa de campo. O mais difícil deles foi a morte de interlocutores da pesquisa devido a complicações decorrentes do Covid-19. Eram idosos, população mais afetada no início do contágio, que faleceram sem deixar suas memórias registradas, as poucas informações que obtive de alguns deles não incluí na pesquisa por ter perdido o contato com seus filhos após o falecimento dos pais, o que me deixou pouco à vontade para narrar suas histórias de vida e pouca margem para aprofundar na narrativa.

Por fim, a despeito de todas as limitações típicas de uma pesquisa, acrescida de outras tantas dificuldades concluo que os objetivos foram alcançados, reconheço que há caminhos a serem percorridos. Que outras pesquisas ainda podem e devem ser feitas, esta é só o início de algo que pode prosseguir. Há outros descendentes em Manaus que precisam ser entrevistados, ter suas etnografias escritas e suas vidas historiadas. Ainda há outros sobre os quais desconhecemos suas presenças na cidade de Manaus, e que poderiam vir a trazer outras importantes contribuições para uma pesquisa interessada nesta temática.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, Ovídio de. **Parentesco e Identidade social**. 1980. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7365744>>. Acesso em: 19 de mai. 2020.

ABREU, Tenner Inauhiny de. **“Nascidos no Grêmio da Sociedade”: racialização e mestiçagem entre os trabalhadores na Província do Amazonas (1850-1889)**. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Amazonas, 139 f.; il. color. Manaus: UFAM, 2012.

ACADEMIA DE MEDICINA DE BRASÍLIA. Cadeira 6 - DR. LEÔNIDAS MELLO DEANE (1914-1993). s.d. Disponível em: <<https://academiamedicinadebrasil.org.br/index.php/academicos/membros/39-patronos/583-cadeira-6-dr-leonidas-mello-deane>>. Acesso em: 26 de abr. de 2023.

Almeida, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANAZ, Sílvio. et. al. **Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin**. Nexi. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica para mestrandos e doutorandos, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/nexi/article/download/16760/15660>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ANTILHAS. In: **Britannica Escola**. Web, 2021. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Antilhas/482845>>. Acesso em: 22 de fev. de 2021.

ARAÚJO, Cassia Camila de Oliveira; OSIS, Sibila Lilian; PERDOMO, Selma Barboza. **Resistência e resiliência de uma intelectual negra na enfermagem do Amazonas**. Pensar a educação em pauta. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/resistencia-e-resiliencia-de-uma-intelectual-negra-na-enfermagem-do-amazonas/>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

ARCHANJO, Elaine Cristina Oliveira Farias. **Oriximiná terra de negros: trabalho, cultura e luta de quilombolas de Boa Vista (1980-2013)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas. 161f.; il. color: Manaus: UFAM, 2015.

BARAÚNA, Sílvia Maria Quintino. **Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945**. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

BARBADOS. In: **Barsa**. Web, 2021. Disponível em: <<http://www.barsa.planetasaber.com/brasil/default.asp?idreg=38663&ruta=Buscador>> Acesso em: 11 fev. 2021.

BARROS, Saulo Maurício de. **Paradigmas da Missão na Anglicana na Amazônia**. Monografia. Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. STREIFF-FENARD, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BATISTA, José Roniere Moraes., Leite, Eldo Lima., Torres, Ana Raquel Rosas., & Camino, Leôncio. (2014). **Negros e Nordestinos: similaridades nos estereótipos raciais e regionais**. Psicologia Política, 14 (30), 325-345.

BECKER, Howard Saul. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus: Ed. Valer, 2009.

BENTES, Ariel. **A luta da mãe dos sem-teto, irmã Helena**. Amazônia Real, 26 jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619938-a-luta-da-mae-dos-sem-teto-irma-helena>>. Acesso em: 21 jan. 2023

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERGER, P.; BERGER, B. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. In: FORACCI, Marialice M.; SOUZA MARTINS, J. (orgs.). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. São Paulo/Rio de Janeiro: LTC, 1973. (pp. 200-214).

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BLACKMAN, Cledenice. **A mulher afro-antilhana de Porto Velho e sua anterioridade na educação**. 2020. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus Marília, 2020.

_____. **Do Mar do Caribe à Beira do Madeira: Historiografia, cultura e migração**. Curitiba: Appris Editora, 2019.

_____. **Do Mar do Caribe à Beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho**. Porto Velho/RO, 121 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, 2015.

_____. **Negros antilhanos em Porto Velho**. P. Velho/Sevilha, Mestrado em História, direitos humanos, território e cultura no Brasil e América Latina- Universidade Pablo Olavid/UNIR, 2010.

BOAS, Franz. Os métodos da etnologia. In.: **Antropologia cultural**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Estudos, 20)

BRAGANÇA, I. F. S. História de vida nas ciências humanas e sociais: caminhos, definições e interfaces. In: **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, pp. 37-57. ISBN: 978-85-7511-469-8. Doi: 10.7476/9788575114698.0004. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997.

CADERNOS POPULARES, Edição especial sobre Ir. Helena e a luta pela terra em Manaus de primeiro de julho de 2009. Disponível em: Anais Eletrônicos, Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

CAMPOS, P. F. de S. Programa Enfermagem do SESP: Formação e Identidade Profissional Brasileira Pós-1930. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 77–90, 2012. DOI: 10.47692/cadhistcienc. 2012. v8.35822. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/35822>. Acesso em: 7 maio. 2023.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza e OGUISSO, Taka. **A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira**. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2008, v. 61, n. 6 Acesso em: 19 ago. 2021, pp. 892-898.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In.: CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2019.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

_____. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO SOARES, Nathália Karoline de. **A fronteira como espaço de diferenciação**. Contribuciones a las Ciencias Sociales, Marzo 2012. Disponível em: <www.eumed.net/rev/cccss/19/>. Acesso em: 12 out. 2021.

CARVALHO, Sandro Amorim de. **O povo do livro: o protestantismo no Amazonas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

CARVER, Marcus E. **[Carta 6] 12 out. 1943**, National City, Califórnia [para] THOMAS, W. M. M. Porto Alegre. 1f. Descrição e estado das propriedades deixadas em Manaus.

CARVER, Marcus E. **A Short History of Bethesda Mission**. Manaus: [s.n.], 1899.

CARVER, Marcus E. **Os Cânticos do Cristão usados na Missão Bethesda em Manaós**. Berverly – Mass, U. S. A.: [s.n.], 1899.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1991.

CAVALCANTE, Mariza Souza; ASSIS, Mara Tereza Oliveira de. **As Primeiras Lutas Por Moradia Popular Em Manaus: Vida e Militância Da Irmã Helena Augusta Walcott**. Cadernos Populares. Anais Eletrônicos, Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: <<http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 20 set. 2021.

CAVALCANTE, Mariza Souza. **Direito a moradia e a questão da inclusão das instituições sociais/ONGs no Programa Minha, Casa Minha Vida em Manaus**. Orientadora: Profa. Dra. Yoshiko Sasaki. 104 f.: il.: Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

CAVALCANTE, Ygor Olinto. **“Fugindo, ainda que sem motivo’: escravidão, liberdade e fugas escravas no Amazonas imperial”**. In: SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Açai / CNPq, 2011.

CHERKAOUI, Mohamed. Estratificação. In: BOUDON, Raymond et. al. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 58-75.

COUTO, Kátia C.. Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre as duas regiões. In: SILVA, Sidney A. da. ASSIS, Gláucia O. **Em busca do**

Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais. Manaus: EDUA, 2016. p. 153 - 180.

CRAPANZANO, Vicent. **Diálogo.** Anuário Antropológico/88. Universidade de Brasília, 1991.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Religião e Cultura).

DARCHEVILLE, Marcus. **Foto da Carteira de Enfermeira Obstétrica de Florence Alberto de Melo.** WhatsApp. 25 abr. 2023. 08:44. 1 mensagem de WhatsApp.

DESLANDES, Euclides. **Relatório eclesiástico apresentado ao Bispo Primaz da Igreja Episcopal Brasileira Revmo. Edmund Knox Sherrill.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1961.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920.** 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2007. (Série: Memórias da Amazônia)

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENNES, Marcelo Alario. **Interacionismo simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários.** Perspectivas, São Paulo, v. 43, p. 63-81, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/5956>>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Déborah Barros Leal. **O Brasil e o CARICOM.** Rev. Bras. Polít. Int. 43 (1): 43-68 [2000]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/HT7cJvKT5rZLSWf3vj4Hck/?lang=pt#>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** Vol. 2. 1.reimp. São Paulo: Globo, 2014.

FIGUEREDO. Aldrin (org.). **Belém dos Imigrantes: História e Memória.** Belém-Pará. Museu de Arte de Belém, 2004.

FIOCRUZ AMAZÔNIA. Histórico: Homenagem a Leônidas e Maria Deane. Disponível em: <https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15935>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Duas em uma: Irmã Helena, Irmã Vilma**. Blog Tá Aqui Pra ti, 3 jan. 2021. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2021/01/03/duas-em-uma-irma-helena-irma-vilma-por-jose-ribamar-bessa-freire/>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista do nativo”: a natureza do entendimento antropológico. In: **A saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

_____. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 20ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

_____. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Sociologia).

GOLDMAN, M. Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 83-109, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111620. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111620>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

GOMES, Jessica Dayse Matos. **Mocambos na Amazônia: História e identidade étnico-racial do Arari, Parintins/Amazonas**. 2017, 150 f.: il. color. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. **Etnografia, Etnologia & Teoria Antropológica**. *Revista de Ciências Sociais*, nº 44, Janeiro / Junho de 2016, p. 247-261. ISSN 1517-5901 (online), Política & Trabalho. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/download/23396/16479/71193>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação e Realidade* v. 22, n. 2 (1997), pp 15-46. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

_____. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HARRIS, Marvin. **Antropología Cultural**. 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2021

HILL, Christopher. **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOEBEL, E. A. e FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1976.

JACOBSEN, Kjeld. **História e política da América Latina e Caribe: desafios atuais**. S.n.; s.d. Disponível em: <<https://www.enfpt.org.br/curso/curso-alc/>>. Acesso em: 09 jan. 2021.

KIMURA, Herbert. **O mercado financeiro sob a óptica dos fractais**. RAE – Revista de Administração de Empresas, FGV, vol. 45, núm. 4, 2005. Disponível em; <<https://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-45-num-4-ano-2005-nid-46363/>>. Acesso em: 21 mar 2022.

KLEIN, Herbert S. **Migração internacional na história das Américas**. In: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LIMA, Jaime Augusto. **Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares no Brasil**. São Paulo: Editora Batista Regular, 1997.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, séculos XX e XXI)**. Belém, 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programação de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2008.

_____. **Barbadianos negros estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX**. Niterói, 245 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

LOUREIRO, Antônio. **A Grande Crise**. Manaus: Editora Valer, 2008.

MANAUS. URBAM – Empresa Municipal de Urbanização de Manaus. Coleção: Jorge Herrán. **Planta de Manaós e seus arrebaldes**. 1906. 1 Mapa: 50 X 40 cm. Escala: 1:16000. Disponível em: <<https://historiadoamazonas.wordpress.com/galeria/planta-de-manaos-1906/>>. Acesso em: 24. abril. 2015

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Quilombolas na ilha de marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo (Orgs.). **Diversidade do**

campesinato: expressões e categorias Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: UNESP, 2009. (volume 1).

MARQUES, Bill et.al. **FILHOS da Ferrovia.** 23 minutos. Porto Velho, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQSYdpBhVU0>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João Paulo. Tradições de história global na América Latina e no Caribe. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 30-49, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i17.775>>. Acesso em: 20 nov. 2020. DOI: 10.15848/hh.v0i17.775.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

MEIHY, João Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEJÍA, Osvaldo Velázquez. **Identities fragmentadas.** Contribuciones a las Ciencias Sociales, Marzo 2012. Disponível em: <www.eumed.net/rev/cccss/19/>. Acesso em: 12 out. 2021.

MELATTI, Julio Cezar. **Capítulo A-1 América do Sul — Por que áreas etnográficas?** In Áreas Etnográficas da América Indígena. Brasília: UnB-ICS-DAN, Retocado em 2020, pp. 1 – 10.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia Cultural: Iniciação, teoria e temas.** 17 ed. Vozes: Petrópolis, 2009.

MENEZES, Nilza. **Gênero e religiosidade na comunidade caribenha de Rondônia.** Revista Mandrágora V. 16, n. 16, 69-80, 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/download/2000/2012>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual.** Revista Teias v. 13, n. 30, 169-183, set./dez. 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN, v. 4, n. 8, p. 06 - 14, jul./out., 2012. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/246/222/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisa. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 abr. 2023.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Metodistas no Brasil antes de 1900**. Enderenço BBS: www.pibbrj.org.br/historia/. 1977. Acesso em: 08 ago. 2014.

OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes. **A imigração nordestina na imprensa manauara (1877-1917)**. Manaus, 2010, 145 f.; Dissertação (Mestrado) - UFAM/Programa de Pós-Graduação em História, Manaus, 2010.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia Social contemporânea: livro-texto**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (p. 104 - 117).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Antropologia e a crise dos modelos explicativos. In.: **ESTUDOS AVANÇADOS** 9 (25), 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/JDbRRvmLb6jQhR5v4HSKVWL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de abr. 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: CNPq. 1988.

OLIVIERA, Reginaldo Gomes de. **O Holandeses na Amazônia Caribenha Colonial: dos Caminhos Históricos aos processos das Relações Internacionais**. Anais do

PEDROSA, Fábio Augusto de Carvalho. Manaus no tempo dos ingleses. 2022. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/7548036>. Acesso em: 17 fev. 2023.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014: 377-391. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>. Acesso em: 04 abr. 2018.

_____. Weber e a antropologia. In.: PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 101-109.

PENNINGTON, David. Manaus e Liverpool: Uma ponte marítima centenária: anos finais do Império: meados do século XX. Manaus, AM: UA, UNINORTE, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção História &... Reflexões, 5).

PIMENTEL, Filipe. Na borda do mapa: como os brasileiros que vivem em regiões fronteiriças são influenciados culturalmente pelos países vizinhos. **SEXTANTE** 57: 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/sextante/a-construcao-da-identidade-cultural-pelas-fronteiras/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PROCÓPIO, Argemiro. **A Amazônia Caribenha**. Rev. Bras. Polít. Int. 50 (2): 97-117 [2007]. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/9sGHNqnNKGR7NS3jgq7DYXp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. 2. Ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

RAFFESTIN, Claude. A Ordem e a Desordem ou os Paradoxos da Fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Organizador. **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005, p. 9 - 15.

REDMAN, Celia. **Entrevista concedida a Sandro Amorim de Carvalho**. 07 de abril de 2020.

REVEL, Jacques. **Microanálise e construção social**. In REVEL, Jacques (org). Jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 2. Tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. (3 vols.)

ROCHA, Elaine. **Adivinhe quem veio para o Jantar? O imigrante negro na sociedade brasileira**. (Syn)thesis, Rio de Janeiro, n. 02, 2014: 121 – 132. Disponível em:<https://www.academia.edu/59337883/Adivinhe_Quem_Vem_Para_Jantar_O_Imigrante_Negro_Na_Sociedade_Brasileira>. Acesso em: 10 out. 2020.

RUSSEL. **Inglês e Barbados**. BRASIL, 13 de mar. de 2021. Facebook: Sandroamorim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@BarbadosinBrazil>>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará**. Rio de Janeiro: FGV/UFPA, 1971

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Açaí / CNPq, 2011.

SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, [S. l.], v. 5, n. 1/2, p. 31-52, 1993. DOI: 10.1590/ts.v5i1/2.84940. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84940>>. Acesso em: 12 out. 2021.

SANTOS, Ednailda Maria dos. **Identidades e Trajetórias de Docentes Negra(o)s**. Manaus, 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas, 2010.

SCHUINDT, Elisangela Lima de Carvalho. **A diáspora barbadiana e o legado educacional em Porto velho**. Porto Velho/RO, 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Prefácio. In.: Hirano, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (Org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. (Coleção Diferenças)

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica** (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). Revista de Antropologia, São Paulo, v. 29, p. 57-71, dec. 1986. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111143/109450>>. Acesso em: 26 jun. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1986.111143>.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos**. Travessia. Janeiro – Abril / 2005. p. 5-15. Disponível em: <<file:///Users/setup/Downloads/716-Texto%20do%20artigo-1322-1-10-20201218.pdf>>. Acesso em: 28 de abr. de 2023.

SILVA, Nair Chase. **Entrevista concedida a Sandro Amorim Carvalho**. 04 de outubro de 2021.

SILVA, Simeia de Oliveira Vaz. **Migração e identidade do negro em Rondônia**. Zona de Impacto. Ano 17, Vol. 1, 18-27, jan/jun, 2015. Disponível em: <<http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/20151volumecompleto.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017

SILVA, FIGUEIREDO, L. D. F. **A trajetória da enfermeira Josephina de Mello nas dimensões do processo de trabalho em Enfermagem**. Hist. Enferm. Ver. Eletrônica. 2023; 14:e04. <https://doi.org/10.51234/here.2023.v14.e04>.

SILVA, Sérgio. JUNIÃO, Antonio. **Edson Cardoso: 'Base do racismo no Brasil é o estigma que desumaniza o outro'**.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Valdir Aparecido de. **Rondônia, uma memória em disputa**. Assis, 192 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2011.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEWART, Julian H. "Culture Area and Cultural Type in Aboriginal America: Methodological considerations". In **Theory of Culture Change: The methodology of multilinear evolution**. 3a. imp. Urbana: University of Illinois Press. pp. 78-97. 1976.

STIVERS, Alton Henry. **[Carta] 17 set. 1959**, Belém [para] SHERRILL, Dom Edmund E., Rio de Janeiro. 1f. Relata o resultado de sua visita a Manaus e o estado em que se encontra a Igreja fundada por Marcus Carver.

TAVARES, Elizabeth. **Entrevista concedida a Sandro Amorim Carvalho**. 03 de outubro de 2021.

THOMAZ, William. **Entrevista concedida a Sandro Amorim Carvalho**. 27 de junho de 2017.

VIDIGAL, Leonardo Alvares. **Transculturalidades: redescobrimo as conexões ancestrais**. Revista Brasileira do Caribe, São Luís - MA, Brasil, v. 17, n. 33, jul./dez. 2016, p. 17-36. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1591/159149454002.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2020.

WAGNER, Roy. A pessoa fractal. **Ponto Urbe** [online], 8 | 2011, posto online no dia 15 maio 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/173>>. Acesso em: 19 abr. 2019. DOI: 10.4000/pontourbe.173

WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WHITE, Leslie A. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.